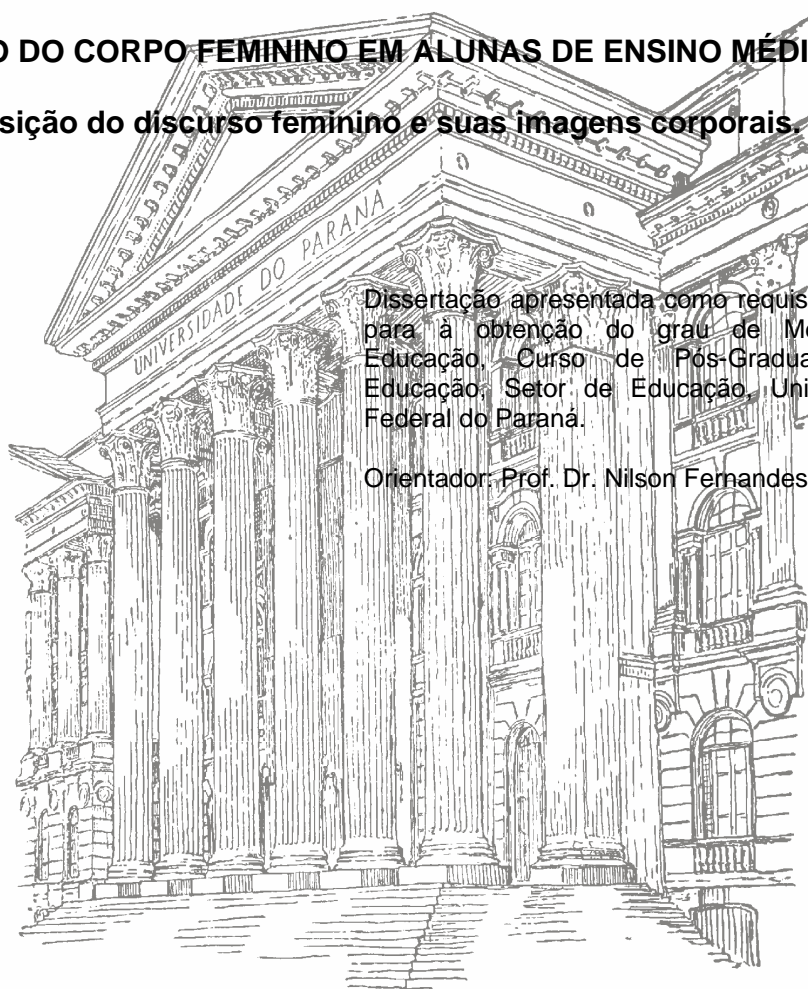


**EMILIA DEVANTEL HERCULES**

**A PERCEPÇÃO DO CORPO FEMININO EM ALUNAS DE ENSINO MÉDIO: uma  
composição do discurso feminino e suas imagens corporais.**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Mestre em  
Educação. Curso de Pós-Graduação em  
Educação. Setor de Educação, Universidade  
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis



**CURITIBA  
2007**

**EMILIA DEVANTEL HERCULES**

**A PERCEPÇÃO DO CORPO FEMININO EM ALUNAS DE ENSINO MÉDIO: uma  
composição do discurso feminino e suas imagens corporais.**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Mestre em  
Educação, Curso de Pós-Graduação em  
Educação, Setor de Educação, Universidade  
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

**CURITIBA  
2007**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

EMILIA DEVANTEL HERCULES

A PERCEPÇÃO DO CORPO FEMININO EM ALUNAS DE ENSINO MÉDIO: uma  
composição do discurso feminino e suas imagens corporais.

Dissertação apresentada como requisito parcial para à obtenção do grau de  
Mestre em Educação, Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de  
Educação, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

Prof. Dr. Cláudia Barcelos de Moura Abreu

Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

Prof. Maria Virginia Filomena Cremasco Grassi

Departamento de Psicologia, UFPR

Prof. Tânia Maria Baibich Faria

Departamento de Teoria e Prática de Ensino, UFPR

## DEDICATÓRIA

Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos.  
Não percebem o amor que lhes devoto e a absoluta necessidade que tenho deles.

A amizade é um sentimento  
mais nobre do que o amor,  
eis que permite que o objeto dela se divida em outros afetos, enquanto o  
amor tem intrínseco o ciúme, que não admite a rivalidade.

E eu poderia suportar, embora não sem dor, que  
tivessem morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem  
todos os meus amigos!

Até mesmo aqueles que não percebem o quanto são meus  
amigos e o quanto minha vida depende de suas existências ..  
A alguns deles não procuro, basta-me saber que eles existem.  
Esta mera condição me encoraja a seguir em frente pela vida.

Mas, porque não os procuro com assiduidade, não  
posso lhes dizer o quanto gosto deles. Eles não iriam acreditar.

Muitos deles estão lendo esta crônica e não sabem  
que estão incluídos na sagrada relação de meus amigos.  
Mas é delicioso que eu saiba e sinta que os adoro, embora não declare e não os  
procure.

E às vezes, quando os procuro, noto que eles não tem  
noção de como me são necessários, de como são indispensáveis ao meu  
equilíbrio vital, porque eles fazem parte do mundo que eu, tremulamente,  
construí e se tornaram alicerces do meu encanto pela vida.

Se um deles morrer, eu ficarei torto para um lado.

Se todos eles morrerem, eu desabo!

Por isso é que, sem que eles saibam, eu rezo pela vida deles.

E me envergonho, porque essa minha prece é, em  
síntese, dirigida ao meu bem estar. Ela é, talvez, fruto do meu egoísmo.

Por vezes, mergulho em pensamentos sobre alguns deles.

Quando viajo e fico diante de lugares maravilhosos,  
cai-me alguma lágrima por não estarem junto de mim, compartilhando daquele  
prazer ...

Se alguma coisa me consome e me envelhece é que a  
roda furiosa da vida não me permite ter sempre ao meu lado, morando  
comigo, andando comigo, falando comigo, vivendo comigo, todos os meus  
amigos, e, principalmente os que só desconfiam ou talvez nunca vão saber  
que são meus amigos!

A gente não faz amigos, reconhece-os.

Amigos

Vinicius de Moraes

## AGRADECIMENTOS

A  
Nivaldo Hercules e Lucinda  
Devantel Hercules, meus pais,  
por todo o esforço.

A  
Nilson Fernandes Dinis,  
pela amizade, pelo ensino e  
dedicação a pesquisa.

A  
Sérgio Hercules,  
pelo apoio e disponibilidade para  
contribuir com este processo de  
aprendizagem.

A  
Marcelo Moraes e Silva,  
fonte incondicional de apoio e  
amizade

A  
todos os amigos que  
enfrentaram essa longa  
caminhada ao meu lado.

Aos  
professores do Curso de Pós-  
graduação em Educação, pela  
atenção e dicas.

Quem somos nós, assim, encerrados em corpos sexuais, construídos enquanto natureza, passageiros de identidades fictícias, construídas em condutas mais ou menos ordenadas? Quem sou eu, marcada pelo feminino, representada enquanto mulher, cujas práticas não cessam de apontar para as falhas, os abismos identitários contidos na própria dinâmica do ser?

Tânia Navarro Swain

## SUMÁRIO

<b>LISTA DA TABELAS.....</b>	<b>viii</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS.....</b>	<b>ix</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>x</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>xi</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>xii</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1 CAMINHOS E HISTÓRIAS DE UM PROBLEMA.....	11
<b>2. O OLHAR GENEALÓGICO: APONTAMENTOS SOBRE A METODOLOGIA. ....</b>	<b>15</b>
2.1 SOBRE O LOCAL.....	27
2.2 SOBRE OS SUJEITOS.....	30
2.3 SOBRE A TEMPORALIDADE.....	31
2.4 SOBRE OS INSTRUMENTOS.....	32
2.4.1 Observação.....	33
2.4.2 Redação: Carta de Pesquisa.....	33
2.4.3 Captação da Imagem.....	34
2.5 VERIFICAÇÃO DOS DADOS.....	34
2.5.1 Referente às imagens.....	35
2.6 PERCURSOS DE PESQUISA.....	35
2.7 DISPOSIÇÕES GERAIS DOS DADOS.....	42
<b>3. AS PERCEPÇÕES DO FEMININO.....</b>	<b>45</b>
<b>4. IMAGENS DO FEMININO.....</b>	<b>67</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>116</b>
ANEXO 01: Documento de Contato com a Escola.....	117
ANEXO 02: Carta de Pesquisa.....	120



## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 01:</b> Disposição do processo de interpretação dos dados.....	44
<b>TABELA 02:</b> O que é ser feminino?.....	49

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> A representação do feminino relacionado a idade.....	68
<b>GRÁFICO 2:</b> As mulheres representantes do feminino... ..	71
<b>GRÁFICO 3:</b> As outras faces da representação do feminino.....	82
<b>GRÁFICO 4:</b> As representações dos estilos relacionados ao feminino.....	88
<b>GRÁFICO 5:</b> Os corpos das imagens refletem fatores sociais.....	92
<b>GRÁFICO 6:</b> As diferentes posturas das mulheres.....	94
<b>GRÁFICO 7:</b> Modulando expressões... ..	97

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 01:</b> As transgressões da ‘normalidade’ e da ‘anormalidade’.....	08
<b>FIGURA 02:</b> Exemplo de Panóptico .....	30
<b>FIGURA 03:</b> A possibilidade de construção do eu.....	42
<b>IMAGEM 02:</b> As vontades de ser mulher.....	64
<b>IMAGEM 03:</b> Representações do corpo jovem-adulto.....	69
<b>IMAGEM 04:</b> Os papéis do feminino.....	72
<b>IMAGEM 05:</b> Multiplicidade midiática e socialização.....	74
<b>IMAGEM 06:</b> Resistir?.....	76
<b>IMAGEM 07:</b> Corpos sem órgãos, órgãos sem corpos.....	77
<b>IMAGEM 08:</b> Masculinidade figurativa.....	79
<b>IMAGEM 09:</b> Um entendimento do feminino.....	81
<b>IMAGEM 10:</b> Um feminino mais que biológico.....	83
<b>IMAGEM 11:</b> Inserções culturais.....	85
<b>IMAGEM 12:</b> Estilos multifacetados.....	89
<b>IMAGEM 13:</b> Corpos maternos.....	91
<b>IMAGEM 14:</b> Diferentes escolhas do feminino.....	95
<b>IMAGEM 15:</b> Símbolos construídos .....	97
<b>IMAGEM 16:</b> Linguagem escrita e imagética.....	98
<b>FIGURA 04:</b> Um exemplo das passarelas e dos desejos juvenis.....	103
<b>FIGURA 05:</b> O estranhamento nada estranho.....	106

## RESUMO

As concepções de corpo estão sendo exploradas pela mídia, pode-se perceber um discurso expressivo na valorização de um corpo magro, linear, longilíneo e dito saudável. Parece haver uma ditadura da moda vinculada à mídia e exposta nos corpos das jovens, as quais, às vezes, fazem da escola sua passarela e seu sucesso. Nessa perspectiva parece ocorrer certa homogeneização do todo, mas é preciso também atentar-se a alguns movimentos de resistência representados por esses corpos jovens. No espelho social chamado escola, alegrias e frustrações são promovidas e confundidas. Assim é também na instituição escolar que saberes sobre corpo, gênero, mídia, moda e saúde são produzidos e deveriam ser da mesma forma discutidos. Esta pesquisa pretende cartografar como se formam essas concepções de corpo na escola por meio da verificação das percepções das jovens sobre esse corpo. Para tal recorre-se aos conceitos de disciplina, discurso e controle de Michel Foucault e as colaborações dos estudos pós-estruturalistas. A obtenção dos dados referentes à pesquisa é constituída por meio de uma produção escrita sobre “o que é o feminino”, somada à coleta de imagens representativas deste mesmo corpo, realizadas pelas jovens do ensino médio. Os entendimentos das garotas perante a temática permitem uma análise ampla que aponta para algumas respostas simplistas e em voga como a relação de um corpo feminino materno e disciplinado, ou até outras formas novas de entender a constituição do corpo, esboçando formas de resistência. Assim este estudo entende que a percepção do corpo resulta, principalmente, dos processos de subjetivação e formação do indivíduo, assim como a desconstrução dos discursos sociais.

**Palavras-chaves:** corpo, educação, mídia e gênero.

## **ABSTRACT**

Body conceptions are explored by the media and an expressive speech on the valorization of a thin and lineal body, called healthy, may be noticed. It seems to exist a fashion dictatorship linked to the media and exposed by young women's bodies, which, sometimes, make their school, catwalk and success. In that perspective a certain homogenization of the whole seems to happen, but it is necessary to attempt to some resistance movements represented by those young bodies. In the social mirror called school, happiness and frustrations are promoted and confounded. It is also at the school that knowledges about body, gender, media, fashion and health are produced and should be discussed. This research intends to map how these body conceptions are formed in the school, through the verification of the female youths' perceptions on their body. For this we appeal to the concepts of discipline, speech and control by Michel Foucault and to the contributions of the post-structuralists studies. The data referring to the research was obtained through written papers on "what is the feminine", produced by female students of a secondary school added to representative images they have about their bodies. The girls' comprehension about this theme allows a wide analysis that points to some simplistic and in vogue answers, such as a relationship between a maternal and a disciplined feminine body, or even other new forms of understanding the constitution of the body, including resistance forms. This study points out that the perception of body results, mainly, from subjectivation processes and individual's education, as well as the deconstruction of social speeches.

**Key words:** feminine, body, gender, media and education

## 1. INTRODUÇÃO:

Há de alguma forma uma formatação, um pouco individualizante, um tanto quanto coletiva, que mostra como a mídia se faz presente, concomitantemente, na forma de ilusão e realidade. Estereótipos são criados em instantes e clones se multiplicam como grãos de areia em tempestades no deserto. Será que possuir um corpo da moda é o melhor? Tatuá-lo, furá-lo, pendurá-lo, refazê-lo...?

Ao presenciar a sociedade do consumo, na qual tudo o que é novo se anseia possuir, na qual os limites para comprar e recriar são ampliados assustadoramente, seria talvez hipocrisia dizer que o melhor corpo é o que se tem. Talvez, sejam essas mudanças e essas técnicas de ressignificação do 'eu', que transformaram o sujeito, as mesmas que podem ser um caminho de resistência e subjetivação da sociedade. Ou ainda, se mencionarmos uma sociedade imersa no controle fica mais difícil fugir a um padrão de conduta corporal e moral, pois a sociedade exige formas padronizadas de atitudes e condutas.

Nos últimos tempos, com o avanço dos meios de comunicação e com a atuação da publicidade, o jovem tornou-se um personagem a ser edificado, melhorado e não mais entendido como régua de formatação. Na verdade, o jovem não é mais um elemento a ser normalizado, disciplinado, pois seu corpo é um meio de comunicação e relação social. É uma nova forma de exploração do mundo. Assim, a estrutura educacional, enquanto instituição, possui parte do papel na formação individual de jovens comprometidos com o mundo, inseridos em uma sociedade contemporânea e preocupados em tornar seus corpos sinalizadores de uma "singularização, na qual incontáveis fios diagonais tramam o contínuo das metamorfoses" (ORLANDI, 2002, p.237). A outra parte da formação deste jovem está relacionada aos valores e condutas que a sociedade lhes impõe por meio da família, dos amigos e, principalmente, por meio da mídia.

A presença dos meios de comunicação nesta sociedade, acaba por revelar-se como grande influenciador de opinião, formação e objetivação do sujeito, levando a crer que a formação educacional do indivíduo no meio cultural esteja

intimamente ligada a este fator. Nesse sentido, existe uma preocupação eminente em relação ao que é vinculado nos espaços midiáticos, pois as explorações do corpo e das artificialidades estão claras e predominam na propagação de novos estereótipos infanto-juvenis. Da mesma forma como as modificações corporais, físicas, impulsionam um foco reflexivo para a formação de resistências relacionada ao sujeito. Afinal, proporcionam ao mesmo, novas experiências e contatos de outros 'eus' que convergem para a formação de um sujeito múltiplo e polivalente, instigando-o a procurar novos focos de criação e recriação de estigmas sociais.

O que é mostrado na mídia é consumido com assiduidade, pois existe a necessidade eminente sentir-se incluído socialmente, de fazer-se presente e integrado. Segundo BRANCO (2002, p.182), "o resultado desse processo de controle nada mais é do que o sujeito assujeitado a normas e padrões de constituição de sua subjetividade, e auto-identificado através de regras previamente perpetradas de conduta". Esse fator faz com que se levantem questões importantes sobre o processo de formação, pois este reflete-se na escola, lugar onde todas as diferenças e semelhanças se revelam aos jovens de forma mais contundente. Essa necessidade de integrar-se, de alguma forma, respalda e reafirma alguns dos discursos sociais, como o caso da saúde, do feminino, da estética, entre outros.

Na escola pode-se perceber nas crianças e nos jovens o reflexo de muitos moldes e padronizações, principalmente nas expressões corporais e na linguagem utilizada. A indagação presente é relacionada a essas formas diferenciadas e ao mesmo tempo, iguais dos jovens mostrarem-se à sociedade, por meio de "tribos" sócio-afetivas. Segundo FISHER (2005, p.25) os jovens cobram certa normalidade entre si "os colegas também excluem aquele que não se enquadra nos padrões do pequeno grupo. E as exclusões passam por particularidades como a roupa que alguém veste, uma 'calça inútil', que 'não é de marca'". Algumas reflexões estão sendo feitas sobre a função da beleza e estética corporal influenciadas pela mídia, tema pesquisado em trabalho monográfico anterior (HERCULES e SILVA, 2004), fato este que fez despertar o interesse na investigação dos corpos padronizados e explorados pela mídia e também dos corpos jovens que partilham da resistência.

A escola é, na maioria das vezes, um espelho das realizações sociais, é por meio desta instituição que se podem perceber os acontecimentos e as principais influências que se apresentam. Os jovens são considerados “público alvo” e sofrem bombardeios, diariamente, de informações e signos sociais que acabam por produzir novas formas de corpos e de linguagens. Afinal, segundo FISHER (2005, p. 24):

Interessante a destacar é o casamento entre as práticas de pedagogia escolar e as práticas da pedagogia midiática: ambas se irmanam na produção diária de desigualdade, a partir especialmente de um olhar que identifica, classifica e ordena, produz e reproduz corpos, objetiva sujeitos, esforça-se em reduzir diferenças e em aplinar possibilidades de surpresa ou experiências não pensadas.

Algumas pesquisas (CÉSAR, 2004; FIGUEIRA, 2003; GASTALDO, 1997) indicam como se dá a percepção do corpo feminino na sociedade e de como a beleza e a saúde vinculadas pela mídia influenciam sobre as formações das subjetividades dos ditos outros. Talvez isso seja um meio de dissipação dos discursos na sociedade, os discursos midiáticos parecem ser aqueles que comentam e possuem seu suporte nos saberes da medicina e da biologia, pois, segundo FOUCAULT (1970, p.23), existem os “discursos fundamentais ou criadores; e, de outro, a massa daqueles que repetem, glosam e comentam”.

O que é preciso entender é que novos saberes estão sendo produzidos, recriados e espalhados e que, os sujeitos dessa sociedade, não são mais controlados, unicamente, por muros institucionais (como a escola ainda pretende), mas, sobretudo, por meios mais coercitivos e menos evidentes. É possível que esse controle ‘invisível’ que a sociedade exerce, ainda não tenha ofertado grandes ameaças ao sistema educacional, afinal as instituições tem absorvido e apropriado, continuamente, as perspectivas culturais e sociais inerentes aos controles cartografados na sociedade contemporânea. Assim, perceber como as jovens constituem-se enquanto sujeitos em meio às influências do processo de escolarização e as regras sociais vigentes associadas à mídia, é uma forma de presenciar a criação de subjetividades variadas. O desafio é observar os fatores estéticos e os discursos de feminino, na tentativa de compreender um pouco mais



sobre a formação de novos sujeitos sociais, que tem a possibilidade de criar e produzir outras formas de subjetividade.

Atualmente, a responsabilidade educacional está voltada à escola, à família e, mais especificamente, à televisão, pois o acesso a outros meios ainda é restrito, como no caso da internet, por exemplo. Pode-se perceber que tudo o que é veiculado pela mídia passa a ser presenciado e muitas vezes discutido no ambiente escolar. Acredita-se que o jovem é o público mais afetado em relação às vendas mercadológicas, pois a sociedade está pautada na relação de produtos e consumo, que enfatiza a exploração do feminino, da qualidade de vida e da beleza jovem. Entretanto, surge a questão: Como essa enfática constituição de discursos de corpos jovens, femininos e belos reflete-se nas jovens escolares?

Neste sentido é necessário compreender a mídia não mais como um meio capturador e indutivo, pois ela é feita de pessoas para pessoas, é um meio construído por diversas formas, através do qual divulgam-se valores, posturas, condutas morais e até mesmo discute-se, de forma superficial e, muitas vezes, ambígua, o processo de exclusão dos chamados “outros”. A televisão é, em primeira instância, uma fonte informativa, mas a mídia já está inserida em meio ao processo educacional, este é um fator que não pode mais ser negado, sendo necessário compreender que esta educação midiática é fruto de instigantes desejos mercadológicos produzidos e comercializados.

Nesse contexto, há uma vontade em esclarecer como as formações sociais, escolares e midiáticas, transformam e evidenciam os discursos de feminino em meio aos cuidados e as tecnologias do ‘eu’, cartografando um indivíduo que tem a possibilidade de percepção sobre as determinações sociais e assim passa a reagir e a apropriar-se de muitas coisas para transformar-se a si mesmo. Compreender a importância de outros fatores, como a necessidade da felicidade social, do pertencer ao grupo, de sentir-se bem consigo, de não passar despercebida, e nem mesmo ser criticada por não corresponder aos padrões exigidos, devem ser postos em questão. Afinal, a relação estabelecida pelas jovens com o mundo é muito mais abrangente, pois sua rede de exigências e

desejos compõe-se a cada dia e não é linear e nem mesmo tão clara como se entende ser.

É preciso investigar essas relações com maior profundidade para que as interpretações não se baseiem apenas em julgamentos preliminares para que, as ditas “verdades” e os discursos já constituídos e consolidados possam ser questionados e repensados, relatando assim, um processo de desconstrução e desnaturalização de conceitos sociais, como é o caso do feminino. Essa questão tem sua importância na escola pelo fator educativo, ao questionar-se padrões corporais, estéticos, pertencimento social e, principalmente, as questões ligadas à saúde, beleza e feminino, está se questionando o papel escolar na sociedade atual. A escola é, necessariamente, produtora e dissipadora de conhecimento, saberes, poder e cultura, como se não houvesse limite para a produção escolar. É justamente nesse espaço que se constitui uma cultura de valores, na qual se pode criar uma conduta de comportamentos, normas e necessidades que evidenciam um tempo/espaço da escola, mas que pode ser assimilada e difundida por outros ambientes, escolares ou não. Dessa forma, a escola, sua cultura e suas produções e apropriações, é uma tentativa de apreender e refletir sobre temáticas tão importantes para a sociedade, como é o corpo.

Ainda assim, nesse universo escolar, é necessário prestar atenção aos mínimos detalhes e aos microcosmos que tecem as relações de poder detalhadas pela escola e por outros fatores, como a mídia e a própria constituição da subjetividade do sujeito que está inserido neste meio. Este trabalho enfoca a parte da percepção do indivíduo constituído por meio da educação do corpo e seus muitos critérios de constituição do feminino. Afinal, os discursos de felicidade, feminino e beleza permeiam a sociedade. A intenção é discutir como esse corpo, formado por uma escolarização para ser dócil, torna-se comprometido e intensamente ‘preocupado’ com sua feminilidade e com uma estética do corpo, no sentido de cuidar-se, manter-se jovem e amado. Afinal não basta apenas ser saudável, tem que ser bonito, ou ainda como menciona PIOVEZANI FILHO (2004, p.146), existe um “controle-estimulação, das sociedades de controle, no qual se observa a eficiência da fórmula :‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!’”.

Com perspectiva de investigar os discursos e as imagens do feminino por meio do entendimento das relações entre o processo de escolarização e a mídia, este trabalho lança um olhar para a percepção de jovens garotas que, de certa forma, são produtos sociais de ambos os processos de formação para, assim, entender a constituição e repercussão desses discursos em meio a sociedade do controle.

O entendimento de um corpo cartográfico, diverso e plural ganha força em uma sociedade que cria novos brinquedos e próteses corporais, o cuidado de si é refletido na insatisfação e na busca de melhorias corporais para um 'eu' mais bonito, mais saudável, mais sensível ao mundo e ao outro. Assim como a emergência de uma nova utilidade comportamental, as questões do feminino abrem-se a uma nova conformação social, a possibilidade do universo "dito feminino" constituir-se culturalmente como importante, coerente e, de certa forma, resistente a uma sociedade de controle e ainda patriarcal, fazem com que esta investigação aborde as temáticas vivenciadas e discursadas nesta contemporaneidade.

O feminino é tema recorrente na mídia, passou a constituir um discurso repetitivo e incansável, que a cada dia impulsiona-se e fixa-se nos conceitos da moda, pois as dicas, as receitas e os programas direcionados a esta temática são apresentados por modelos ou ex-modelos que instigam uma cultura ao corpo jovem, esbelto, longílineo e saudável. Ainda com intuito educativo esses programas direcionados ao público jovem apresentam as ditas "excentricidades" ou formas de tratamento do corpo que chocam a formatação e homogeneização da beleza midiática. Corpos esses que demonstram subjetividades diferenciadas, resistentes que confrontam os conceitos recorrentes dos discursos da sociedade. Esses intuitos publicitários são cartografados pela literatura por diversas formas, pois para SANT'ANNA (2002, p.105):

Juntamente com a busca dos prazeres ilimitados, a nova ordem, que vive sob o poderio inacreditável da megaindústria constituída pela reunião entre beleza, nutrição e saúde, prega que tudo pode e deve funcionar como um remédio: a publicidade não cessa de anunciar alimentos que previnem doenças, superenriquecidos, diante dos quais os alimentos não passam de seus primos pobres; ou ainda, cosméticos (...) com função terapêutica e que sugerem o apagamento das fronteiras entre beleza, saúde e bem-estar.

Os corpos evidenciados por vezes como excêntricos, tatuados, coberto por piercings e alterações de diversos tipos, compõem uma forma de resistência às muitas cobranças sociais relacionadas à objetivação do corpo. Esses jovens constituíram uma forma diferenciada de subjetivação que, aos olhos da sociedade controladora, fogem aos estereótipos esbeltos, saudáveis e muito bem delineados. Assim segundo SANT'ANNA (2002, p. 102):

Diferente de um monstro, uma relíquia comum é uma quimera. Os corpos dessa nova ordem se aproximam das quimeras na medida em que devem estar constantemente disponíveis às inusitadas manipulações da ciência que, por sua vez, reivindica com frequência, o estatuto e o tratamento das artes. O primeiro estágio dessa tendência é a adoção progressiva de intervenções no corpo quase assemelham a 'novos *upgrades*' para a melhoria da aparência física.

Os corpos se proliferam, moldam-se, modificam-se e transformam-se de acordo com as mais variadas intenções. Atualmente, presencia-se uma vontade incontrolável de ser Narciso, segundo SANT'ANNA (2001, p. 58), esta figura mitológica parece inspirar "a todos na conquista de 'um tempo para si'", assim dedicando ao corpo mais atenção, de forma minimalista fazer dele um acúmulo de experiências e experimentações prazerosas e belas. Para a autora essa forma de viver não é a banalização da vida e muito menos tratar o corpo com leviandades, mas sim "curtir", fazer da vida um trabalho sobre si mesmo de maneira legítima.

**FIGURA 01:** As transgressões da 'normalidade' e da 'anormalidade'



É fato que essas mudanças corporais pareçam um tanto quanto agressivas, afinal o corpo durante muito tempo sofreu com o processo disciplinador e regulador das instituições, aprendendo a ser conformado e dito 'normal', sendo que tudo o que foge à regra estipulada é julgado como anormalidade. Dito de outra maneira, tudo aquilo que não está de acordo com os padrões conhecidos, é evidenciado como o 'outro', a parte excluída e de certo marginalizada. É importante atentar-se que, neste processo de normas e condutas, criou-se um conceito de feminino que permeia, desde a sua infância, todo o universo feminino. Segundo DINIS (2003, p.32), "o processo de *disciplinarização* exige a renúncia do presente em proveito do futuro. E ser feliz como nos contos de fadas que, quase sempre, reserva ao gênero feminino um príncipe, um casamento, filhos e um '*viveram felizes para sempre*', ou seja, os contos de fada já preparam a mulher para o papel social de esposa e mãe". Nessa perspectiva, tudo que foge deste princípio acaba esbarrando no estranhamento. No entanto, pode-se mencionar que na sociedade contemporânea a mulher desempenhe outros papéis e que seu corpo ocupe outros espaços, mas segundo PERROT (2003, p.26) "isso não significa que tudo esteja resolvido", pois zonas de silêncio relacionadas à mulher ainda persistem e muitos são os discursos se ocupam em determinar o sujeito feminino.

Com as perspectivas feministas (a partir da década de 70) e depois com os estudos pós-estruturalistas, o conceito de feminino se amplia e perde sua conotação biologicista partindo para uma compreensão de desempenho de papéis sociais exercidos por atores que não necessariamente estão ligados ao sexo, mas sim estão evidenciados pela cultura na qual estão inseridos. Assim, abrem-se possibilidades de criarem-se muitas mulheres, muitos sexos diferentes e ainda diversas combinações, afinal a utilização de uma oposição binária não relata mais o que é masculino ou feminino. Pois, o conceito de gênero é a percepção de que masculinidade e feminilidade transcendem a questão anatômica e partem para a significação, que envolvem as diversas dimensões da vida. Segundo Traverso-Yépez e Pinheiro (2005, p. 149), as categorias de gênero são dinâmicas e "permanentemente reconstruídas pelas pessoas em suas interações e com elas

os valores, papéis, atribuições e normas de interações entre os sexos.” Onde o gênero permeia a rede social e manifesta-se de diversas formas, em diferentes grupos sociais.

O intuito deste estudo é entender como o corpo feminino é representado em meio à sociedade e como ele é produzido pela história dos discursos da normatividade. Procura-se perceber também qual é o entendimento de jovens garotas acerca desta temática, relacionando suas opiniões a seus estereótipos imagéticos. A princípio, tenta-se investigar quais as principais formas de entendimento do corpo feminino e como elas se relacionam, tendo por base a constituição das identidades culturais dos sujeitos formados pelas vertentes dos discursos sobre corpo e gênero produzidos pela mídia. Um outro fator levado em consideração, são as questões da pedagogia e do currículo cultural, relacionadas às temáticas referidas anteriormente, afinal, entre outras coisas, produzem valores e saberes, regulam as condutas e modos de ser, fabricam identidades, representações e, de certa forma, constituem relações de poder e incitam meios de resistência.

Muitos artifícios são utilizados para compor e sustentar o discurso do feminino, portanto, é notório que a publicidade se valha das representações mais significativas socialmente para produzir seus ícones e seus produtos. Segundo SABAT (2001, p.14), “o discurso publicitário está se apropriando de significados que estão circulando nas relações sociais. Ao mesmo tempo, ele está reafirmando – e naturalizando – essas mesmas representações através de algumas estratégias”.

As imagens publicitárias deste corpo não vendem apenas produtos, elas tornam-se modelos que auxiliam na cartografia dos desejos femininos, influenciando em processos de intervenções físicas (desde cabelos, maquiagens até silicones, fios de ouro) com extrema facilidade. Esse fator intervencionista é favorecido pelo desenvolvimento avançado da medicina e da tecnologia em modificar as estéticas sociais. Segundo OLIVEIRA JR. (2005, p. 59),

a construção de imagens-corpos se dá tanto nos acessórios que colocamos sobre o corpo, quanto naqueles que colocamos nele, a pele como limite e interface entre o que está *sobre*

e o que está *dentro*. Aquilo que é inserido no *dentro*, por ser entendido como conteúdo interno corporal, deixa de ser (pensado como) acessório.

Assim, as modificações corporais ganham uma nova especialidade – a autenticidade, pois a tecnologia do ‘eu’ é expressa no corpo do sujeito por meio de suas subjetividades, por intermédio do olhar e do desejo de ser ‘eu’. Essa visão de autenticidade ainda é expressa de forma diversificada por Oliveira Jr., pois é uma autenticidade que parte de um desejo de ser mulher conciliada ao consumo de um corpo que satisfaça as necessidades de um ‘eu’ múltiplo e imerso a intervenções cirúrgicas que tensionam as temporalidades e as historicidades do corpo. A autenticidade, por meio da tecnologia do ‘eu’, proporcionou um corpo imerso a uma linguagem e consciência que condizem com as relações culturais em que este corpo foi criado, desejado e feito.

O objetivo é investigar as percepções do discurso do feminino nas jovens do ensino médio, pois essas garotas já passaram por um processo institucionalizado de disciplinarização - a escola – e, também, estão inseridas em meio a uma sociedade de controle, o que pode possibilitar o entendimento da produção do sujeito feminino de acordo com as temáticas propostas. Para que isto fosse realizado foi necessário investigar como a disciplina e as muitas faces do controle influenciaram na constituição do corpo das jovens. Foi importante também, entender a presença da mídia e da escola perante a formação subjetiva dessas jovens e como essa presença se apresenta perante as escolhas estéticas das mesmas. Faz-se assim, uma tentativa de apresentar as temáticas como um processo relevante na constituição do sujeito feminino na atualidade, considerando os processos de objetivação deste sujeito, com ênfase na percepção das subjetividades emergentes do sujeito.

## 1.1 CAMINHOS E HISTÓRIAS DE UM PROBLEMA:

O começo parece intervir rigorosamente nos momentos de desenvolvimento da pesquisa, assim o interesse em investigar a problemática do discurso feminino em meio às construções culturais, como a escola, a mídia e família, tornou-se de extrema relevância. O estudo do feminino permitiu que se pudesse presenciar um



fator importante no meio social, justamente a questão da sobreposição dos discursos, suas permanências e rupturas de acordo com o tempo e espaço.

A escolha da temática do feminino se deu por fatores apresentados socialmente que relacionam a exaustiva presença do tema na sociedade, afinal falar em feminilidade, feminino e feminismo parecem assuntos corriqueiros, cotidianos e que de certa forma foram esgotados. A intenção é demonstrar que este senso comum, ou obviedade, não apresenta argumentos suficientes para esgotar esse tema, afinal o cotidiano demonstra apenas um discurso sobre o assunto. Assim, este trabalho faz a tentativa de cartografar outras intencionalidades dos discursos que envolvem as mulheres, ou seja, pretende expor percepções femininas segundo seu próprio olhar.

Em meio aos discursos sociais, o feminino dispõe-se com frequência na mídia, na escola, nas ruas, na publicidade e na constituição de sujeitos de uma sociedade contemporânea. Esse discurso feminino encontra-se moldado pelo tempo e espaço que ocupa, sofre mudanças e ocupa-se de diversos corpos. O corpo da mulher é o principal foco de objetivação deste feminino. Assim, o olhar da mulher sobre si mesma e sobre esta objetivação compõe uma forma diferenciada de discutir percepções que não são mais tão cotidianas. O fato de proporcionar às garotas que falem sobre o feminino, é uma forma de instigar reflexão e desconstrução sobre um tema que parece óbvio.

A temática do feminino demonstrou a preponderância de alguns discursos e a instalação de outros. No desenvolvimento deste trabalho surgiram muitas pedras que aos poucos foram sendo removidas. O primeiro obstáculo, que constitui o primeiro capítulo desta dissertação, foi a composição de uma metodologia coerente ao estudo e a temática. O percurso metodológico foi desenvolvido de acordo com as perspectivas pós-estruturalistas, baseando-se principalmente nos estudos do filósofo francês Michel Foucault e nos estudos de gênero, sexualidade e educação.

Nesta perspectiva, tentou-se mapear alguns entendimentos importantes ao desenvolvimento desta pesquisa, como os conceitos de saber-poder, sociedade disciplinar e sociedade do controle, assim como a presença do discurso em meio a

essas relações. Parte-se do entendimento do método genealógico para interpretar as principais funções desempenhadas pela escola e pela mídia na formação dos sujeitos, para só depois apresentar algumas formas de resistência do sujeito perante o processo disciplinador e controlador estipulados por essas instituições. O momento de resistência é vislumbrado suavemente perante este trabalho e aparece quando o olhar é lançado sobre os textos e as imagens, apropriando-se de alguns conceitos foucaultianos.

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo foi elaborada uma 'carta de pesquisa' sobre a temática do feminino, esta desvela os discursos sociais mais comuns relacionados aos papéis da mulher como sujeito formado e condicionado ao meio social. A pesquisa foi realizada com jovens garotas estudantes do ensino médio. Os discursos se apresentaram de duas formas diferentes, primeiramente por meio da linguagem escrita, onde os textos desenvolvidos pelas jovens demonstraram uma apropriação dos conceitos e discursos médicos, saberes esses que são amplamente divulgados pela mídia e dissipados coerentemente pela escola. O outro meio de apresentação dos discursos se deu por meio da escolha de imagens representativas deste feminino, o que demonstrou a forte apropriação dos meios midiáticos.

O segundo capítulo é relacionado com os estudos de gênero (feminino), educação e a composição dos discursos que compõem os papéis sociais. É um momento, no qual relacionam-se os discursos descritos pelas jovens com a literatura acadêmica apresentada, compondo uma discussão sobre o feminino em meio as categorias relacionadas por todos os sujeitos da pesquisa. Fica evidenciada neste capítulo a sobreposição dos discursos e como eles entrelaçam-se e muitas vezes se confundem. Há indicações da formação contínua do sujeito por parte das instituições e, também, algumas tentativas de resistir aos discursos e produzir outros tipos de subjetividades. Este capítulo inicia-se com a tentativa de desnaturalização do feminino, desconstruindo os papéis e alguns discursos recorrentes.

A terceira parte do trabalho é composta pela estruturação dos discursos imagéticos, discutindo-os juntamente com a literatura. Investindo na perspectiva

de desconstrução, as imagens são transvestidas de significados culturais e signos sociais que remetem aos discursos explorados no segundo capítulo. É explorada a situação da mídia publicitária como um meio influenciador na formação dos sujeitos. Afinal por meio da mídia há possibilidade de apropriações do currículo cultural para a produção de novos sujeitos. A moda, as revistas, a televisão, as vitrines são meios de exposição, intervenção e produção de sujeitos. Deve-se levar em consideração o fator dos jovens serem um público muito visado pelas agências de marketing e propaganda, sendo assim uma parte da população afetada agudamente pelo processo normativo e controlador dos meios.

A escola constitui-se como um meio institucional e formador dos sujeitos, dessa forma o trabalho levanta ressalvas sobre a relação da escola com a sociedade de controle e com os sujeitos jovens e femininos. Da mesma maneira como aborda as intervenções midiáticas e sociais na formação de um feminino menos biológico e mais cultural. Instiga a percepção de olhares para uma mulher que busca diversas técnicas para melhorar sua estética. As considerações finais deste texto abordam as questões emergentes sobre a busca intensa de beleza, fama, felicidade e autenticidade que estão sendo estampadas discursivamente em imagens, textos e conversações cotidianas.

## 2. O OLHAR GENEALÓGICO: APONTAMENTOS SOBRE A METODOLOGIA

Afirmar que o corpo, tal como esta posto atualmente, é uma formação social aceita, construída e permitida, é um dos princípios para compreender que liberdade e autonomia são ilusões também implícitas nessa formação. Talvez no intuito de produzir verdades e escolhas, difundam-se discursos que provocam suposições de responsabilidade e assiduidade sem considerar o efeito meio ambiente. Coloca-se que o sujeito é livre e autônomo para escolher, uma verdade social naturalizada pelo discurso, mas o corpo presente nas ruas não se comporta enquanto um corpo livre e sim enquanto uma produção momentânea, de modas reversas e atenuantes de deformidades, podendo-se presenciar uma padronização, não apenas de um corpo belo, mas, sobretudo, de uma moda a ser seguida, estipulando um peso 'ideal', um rosto 'ideal', um conjunto de panos 'ideais' – que culmina no ser fantástico e estereotipado - os modelos midiáticos.

Nessa perspectiva pode-se perceber como se dá a constituição do sujeito. O indivíduo está intimamente preso a uma identidade que reconhece como sendo sua e a qual o faz ser reconhecido socialmente. Essa identidade é constituída segundo FONSECA (2003), a partir de “processos de subjetivação”. Na formação integral desse sujeito, percebem-se dois modos: o de objetivação e o de subjetivação. Assim o sujeito é constituído pelos modos de objetivação “que o produzem para que seja objeto de dócil-e-útil e da subjetivação que o produz para que se torne sujeito preso a uma identidade determinada” (FONSECA, 2003, p. 29). Normalmente, o caráter dos modos de objetivação são difundidos e cobrados pela sociedade, expostos por vigilância e captura do sujeito pelo sistema. Já os modos de subjetivação estão relacionados à formação das novas subjetividades do sujeito, relacionadas a como estão se formando, quais as novas possibilidades de ser e de pertencer socialmente. Essas relações de constituição do sujeito são permeadas pela questão político-econômica das situações de produção da modernidade<sup>1</sup>. Todos esses fatores estão relacionados aos feixes de poder e

---

<sup>1</sup> A modernidade é descrita por Foucault como sendo um período em que se produziu um pensamento acerca de si. Uma época em que o discurso da razão rege os comportamentos e necessidades sociais. Um momento em que se guarda uma vontade de poder embutida em cada

forças que operam com um caráter difuso pela sociedade e garantem a capacidade de atingir a todos com seus discursos. Para Foucault (apud FONSECA, 2003, p. 33), esse poder seria muito mais incitador, suscitador e incentivador do que um regulador, um proibidor, para ele “o poder seria menos um controlador de forças do que seu produtor e organizador”, ou seja, efetivando assim um processo de dominação não explícito, mas gradativo com falsas impressões de autonomia, como mecanismos sutis ligados à disciplina e repetições de discursos.

Na sociedade atual o poder ligado à disciplina está voltado a determinações de regras de vida e de vigilância – tecnologia disciplinar. Quem não se encaixa na forma padrão é descartado. É assim com o saber, com a empregabilidade e com o corpo. A disciplina está ligada às técnicas desenvolvidas para a sobrevivência na selva social, ou seja, está envolta em sua funcionalidade.<sup>2</sup> Tal disciplina facilita e possibilita a ação da dominação por autonomia, aquela na qual se tem a impressão de que há escolha para tudo e o sujeito é determinante dessa escolha, isso se dá graças ao desenvolvimento de um movimento caracterizado pelas

---

sujeito, e não se percebe. Modernidade, entenda-se aqui, também, como o período em que o processo de controle sobre o corpo foi desenvolvido e intensificado. Sendo este explicitado pela sociedade e pautado em disciplinas com o intuito preciso da formação adequada do sujeito. É o momento histórico em que as proibições, as restrições e regras de conduta moral passam a fazer parte recorrente do cotidiano. Segundo Foucault, as sociedades modernas criaram uma mistificação perante alguns discursos, hipervalorizando-os criando um clima de obscuridade e devoção. Segundo ARAÚJO (2001, p. 70), criou-se o que se “chamou de *sociedade disciplinar*, que fabricou indivíduos dóceis e úteis”. Preocupando-se preferencialmente com o “problema da individualização, da normalização, da disciplinarização e da formação simultânea de saberes e poderes controladores, cujo resultado é o homem cognoscível pela medicina, pela psicologia, pela pedagogia”.

<sup>2</sup> Devo deixar claro nesta passagem a alusão de M. Foucault a certa limitação da sociedade disciplinar. Para DELEUZE (1992, p.222), “as sociedades disciplinares tem dois pólos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (...). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “*bancos*”.

chamadas “tecnologias de si”<sup>3</sup> e a um instrumento descrito por Foucault em alguns de seus escritos – o chamado panóptico, que constitui sua existência em treinar o indivíduo a se autovigiar, portanto “cabe ao indivíduo aplicar sobre si mesmo o que tiver de ser aplicado. Para o poder que vigia resta o papel de olhar, e não mais coagir pela força física” (FONSECA,2003, p.57). Com isso não se pretende conseguir a submissão do indivíduo coagido por ferros, mas sim contaminando suas idéias, corroendo seu pensar e seu agir. Esta função disciplinar tem por si uma sanção normalizadora, pois

A normalização tende a uma homogeneidade conseguida de uma atuação sancionada no nível individual, em que desvios e inobservâncias ocorrem. Essa atuação sobre o particular permite enquadrar as especificidades e diferenças no sistema operacional da disciplina, ou seja, permite normalizar. (FONSECA,2003, p.60)

Nesse prisma, a individualização traz a autonomia como arma ilusória para normatizar a sociedade, com uma disciplina voltada à formação dócil e útil, que favorecerá a homogeneização dos gostos, vontades, costumes gerando, assim, tradições antes, talvez, inimagináveis. A padronização do corpo é um desses alvoroçados processos de individualização e normalização social, afinal cada sujeito possui seu corpo e pode, através deste, operacionalizar suas vontades, expressar desejos, modificar-se quando e como quiser! A verdade porém nem sempre corresponde a essa realidade. De fato, pode-se fazer com o corpo aquilo que se é permitido fazer, ou seja, pode ser gordo se assim a sociedade permitir, mas essas permissões, autorizações estão pautadas não no prazer, mas sim na ciência, que determina minuciosamente o que é importante, relevante e adequado a qualquer fator social, entendamos assim o corpo.

O corpo a partir do séc. XVII sofreu severas modificações, passou de um corpo suculento, cheio de carnes para um corpo útil e produtivo, e, desde que sofreu intervenções científicas, o mesmo vem se modificando e adequando-se ao

---

<sup>3</sup> Essas tecnologias são uma forma de entendimento das experiências do sujeito para consigo mesmo. Segundo LARROSA (1994, p. 43), “ a experiência de si, historicamente construída, é aquilo a respeito do qual o sujeito oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas”.

que o saber lhe dita enquanto necessário. Atualmente esse corpo-científico tem se constituído não apenas enquanto um corpo que segue questões práticas, como: saúde, educação, moralidade, disciplina. O corpo está preocupado em mostrar-se, deliciar-se com respaldo médico, afinal a medicina estética foi criada para expor as belezas e criar belezas à flor da pele. Assim os códigos sociais passaram a pautar-se em uma computação rentável de relações e lucros capitalizado pelas forças econômicas.

É possível que neste momento, fique clara a concepção de um sujeito objetivado disciplinadamente, moldado e útil que dispõem-se segundo discursos médicos e submete-se aos dispositivos sexuais, fazendo de seu corpo um objeto confessional, não apenas pela sua fala, mas por seu comportamento. O sujeito faz por si só o controle de seus atos e julga-se em todos os instantes... ele não precisa mais de alguém para controlá-lo – ele tornou-se a inspiração humana do panóptico. Fala de seus comportamentos abertamente, a confissão é ‘assunto de ônibus’, todos precisam sentir-se protegidos pertencendo ao sistema social. A absorção de uma idéia de normalidade, de ser aceito é quase que um fator preponderante socialmente.

Para tentar entender este processo pelo qual o corpo passou, como os discursos sobre o mesmo foram elaborados e, com o tempo, refeitos e adequados e ainda, para compreender como este corpo se impregnou de moralidade e cientificidade, reforçando poderes coercivos, utilizou-se dos trabalhos de Michel Foucault e de seu método genealógico. Este trabalho tentará explicitar algumas dúvidas e elaborar alguns pressupostos relevantes em relação à formação do corpo feminino e seu comportamento, relacionado a uma sociedade de consumo vendida nos outdoors e televisores espalhados pelo espaço geográfico globalizado.

Para tanto é necessário dizer o que é o método genealógico, como foi constituído e, principalmente, quem foi Michel Foucault, afinal durante o percurso deste trabalho pretende-se desenvolver uma de suas idéias fundamentais – a genealogia.

Devido à importância deste autor para a metodologia e para a constituição e escrita deste trabalho, será feita a partir deste momento uma breve apresentação do mesmo, na intenção de contextualizarmos o método. Michel Foucault, filósofo francês que teve o início de sua produção teórica no começo dos anos 60 e enveredou-se pelo caminho da produção intelectual na década de 70, publicou muitos livros, nos quais percorreu as temáticas da genealogia do poder e o aparecimento dos saberes sobre o homem enquanto um dispositivo essencialmente naturalístico da política e das relações de poder. Foucault esteve inserido politicamente na sociedade, durante sua vida viajou muito e divulgou suas idéias pelos continentes europeu, americano e asiático. Sofreu com o preconceito institucionalista e moralizador, sua postura como homossexual não era compreendida e nem mesmo aceita perante a academia. Durante sua primeira fase, fez críticas fortes ao marxismo e ao estruturalismo. Por muito tempo parecia não fazer parte de nenhuma corrente específica na filosofia ou na história, mas atualmente, ele encontra-se, se assim pode-se dizer, “classificado”, estipulado pela postura pós-estruturalista, a qual busca quebrar com os binômios da verdade, tenta abandonar os maquiavelismos naturais da sociedade na intenção de politizar os sujeitos. Foucault assume uma postura hipercrítica, ele tenta aplicar a razão a diversas circunstâncias e estimula esta análise até o limite, como se pudesse incha-la afim de que possa explodir o objeto e levá-lo ao estranhamento. A todo momento constitui-se um processo de desconstrução dos discursos, das verdades, dos enunciados, do poder e principalmente, do sujeito.

Foucault era um filósofo edificante, daqueles reativos, satíricos, que oferecem aforismos e paródias. Para ele não existe um método considerado foucaultiano, sua teoria é composta apenas por um modo particular de escrita e concepção de mundo que serve de ferramenta para pensar alguns problemas do cotidiano. Que fique claro, no entanto, que não se pode pensar que os problemas estão soltos no mundo, é necessário pensarmos a partir de teorias. Justamente por isso, Foucault complementa, sua teoria não serve para qualquer objeto, ou para operacionalizar uma pesquisa, pois afinal, como uma ferramenta, a mesma passa a ser muito específica. Assim é necessário conhecer a teoria foucaultiana



para depois tentar entender um objeto de estudo segundo a luz desses conceitos, pois objeto de pesquisa, teoria e projeto de campo devem ser coerentes.

O intuito de pesquisa deve se prescrever, para que a visão de método a ser utilizada torne-se coerente e precisa. Assim, precisamos entender como a genealogia e a ética se encaixam no processo de escrita. Segundo VEIGA-NETO (2003, p.19): “se entendermos ‘método’, então, como certa forma de interrogação e um conjunto de estratégias analíticas de descrição, podemos dizer que a arqueologia e a genealogia são mesmo métodos...”.

Ao interpretarmos o método desta forma, podemos descrever o trabalho de Foucault enquanto um ilustre percurso metodológico, afinal questões/interrogações e estratégias analíticas é que não faltam. Sua perspectiva teórica pauta-se na constituição de análises descritivas e históricas que apresentam por si só uma forma intrigante e pouco convencional de questionar e reconstruir algumas das verdades sociais. Seu objeto é algo palpável, parte de experiências reais e é constituído através de uma atitude racional, filosófica e cotidiana que necessita de “permanente reativação”<sup>4</sup>.

Michel Foucault desenvolveu sua teoria em três momentos diferentes<sup>5</sup>, o primeiro deles chamado arqueologia, a qual se tratava, segundo VEIGA-NETO (2003,p.54), de um procedimento de “escavar verticalmente as camadas descontinuas de discursos” com o intuito de esclarecer as reais idéias, uma busca pela história das idéias. Ainda para VEIGA-NETO (2003, p.57): a “análise arqueológica busca, também, as articulações entre as práticas discursivas e toda a outra ordem de coisas que se pode chamar de práticas não-discursivas, tais como as condições políticas, sociais, econômicas, culturais, etc”.

Um segundo momento seria o da genealogia, inspirada em Nietzsche. Esse momento aborda questões do poder, das emergências sociais, das instituições disciplinares e da naturalização das coisas. Pretende-se mais a frente esclarecer

---

<sup>4</sup> Atitude de reflexão, transgressão, até as extremas análises, como chegar aos seus próprios limites. Mais detalhes, consultar VEIGA-NETO (2003, p. 31)

<sup>5</sup> Neste momento faço uma abordagem breve dos métodos de M. Foucault, para esclarecer o processo histórico dos mesmos, mais a frente pretendo aprofundar as discussões sobre a genealogia.

mais detalhadamente este método, especificamente, por este trabalho condizer com esta concepção de pesquisa.

A terceira fase, não menos polêmica, é a considerada como a fase ética, ou a fase da discussão do ser-consigo. Ela está relacionada à função de obrigação que o indivíduo assume socialmente. No período ético Foucault desenvolve o conceito de “cuidado de si” que contribui para um outro entendimento do sujeito atual. Segundo DELEUZE (1992, p.116), a ética de Foucault discute a existência do sujeito como obra de arte, “trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles.” Nesse período também fica clara uma escrita sobre um sujeito subordinado “as proibições sexuais (...) continuamente relacionadas com a obrigação de dizer a verdade sobre si mesmo” (FOUCAULT, 1991, p.45, *apud* VEIGA-NETO, 2003, p.96). Isso porque o sujeito discutido pela ética está exposto perante os juízos morais referentes à cultura humana. A ética em Foucault confronta o processo de objetivação do sujeito com a formação subjetiva do eu.

Importante deixar claro que este trabalho envolve aspectos de todas as fases do autor, fator este que se mostrará com maior propriedade nas presentes análises realizadas. É provável que em meio as muitas possibilidades escritas e dos temas desenvolvidos por Foucault, a genealogia ou a chamada segunda fase do autor conduzam em primeiro plano as discussões deste texto.

A genealogia é o momento que foi desenvolvido a idéia do ser-poder (conceito muito explorado por Veiga-Neto). Este tenta por meio de estratégias diferenciadas destruir sistematicamente princípios e conceitos ditos com valor de universalidade. É um processo de desconstrução, ela aborda o objeto de pesquisa na sua historicidade radical e na tentativa dessa desnaturalização. A genealogia é feita da historicidade não linear, não existe neste caso causa e consequência e sim elementos que constituem a cultura, a economia, os saberes, a sexualidade... Desse modo, Foucault desenvolve um conceito importante de continuidade e ruptura, ou seja, muitos discursos se proliferam e se mantêm na sociedade, muitas

vezes sofrendo maquilagens, outros em compensação são repensados, deixados para trás com as mudanças cotidianas.

É preciso entender que as discontinuidades e as continuidades não são temáticas de fácil percepção social, devido as dificuldades na identificação para perceber quando um discurso é novo ou modificado, se ele foi recuperado ou reinventado. Segundo SARGENTINI (2004, p. 90) “é preciso reconhecer o discurso produzido no interior de coerções. Assim pauta-se em uma concepção de discurso que se articula com o poder”, pois esse poder articulado é mantedor dos discursos, ele reproduz e garante a continuidade do mesmo em meio à sociedade.

As discontinuidades são os modos de percepção, que deve, ao menos, ser considerado, pois é o lançamento de um olhar sobre os fatos de uma outra forma. Significa compreender que a história não é linear e continua, que nem sempre tudo o que acontece é de efeito causa e consequência. Apontar que as discontinuidades são frutos da própria contrariedade do ser humano é, na verdade, deixar olhar o mundo de forma mais descritiva e particular. Os discursos são pessoais, sofrem uma gama de mudanças e muitas são esquecidas. Na história também! Os fatos são considerados mais ou menos importantes de acordo com um determinado contexto social. Com o corpo não seria diferente! Inserido no contexto histórico-social ele é produzido e constituído pelos discursos vigentes.

O que constrói o objeto a ser pesquisado pode ser a proximidade do pesquisador com o próprio objeto, ou seja, o olhar que é lançado sobre o objeto faz dele algo importante, relevante e que necessita de uma historicidade, portanto escrever sobre o corpo é escrever, particularmente, sobre o olhar que se lança sobre o mesmo. O que cabe mencionar que essa pesquisa não se põe no lugar de neutralidade, mas sim se constitui de uma postura ética em relação ao estudo. Pois o pesquisador também está inserido em meio ao social pesquisado e tudo o que se faz observável em uma pesquisa sofre influências das subjetividades implícitas no olhar do pesquisador e que são refletidas na pesquisa que se realiza. É justamente esse olhar que tem uma postura, um referencial, uma ética que após uma reflexão, revelará de certa forma o ‘novo”, aquilo que busca mostrar-se

diferente e que perceba-se com uma ressonância social, exprimindo certa fonte de originalidade!

Na perspectiva de trabalho da genealogia, é necessário que fique claro que a mesma é uma atividade minuciosa e que, através de estudos, ela está relacionada com a desconstrução do poder e das questões institucionais. Uma desconstrução não mediante a negação da historicidade, mas pela decomposição da mesma em unidades heterogêneas.

O poder está posto enquanto uma rede difusa social e conformada, na qual as forças não se concentram nas mãos de poucos. Essas forças espalhadas pelo tecido social são agentes capazes de alterar o estado de um corpo. Temos como exemplo as instituições disciplinarizantes como a escola, as prisões, os hospitais. A disciplina é com extrema sutileza causadora de suplícios, afinal segundo VEIGA-NETO (2003, p. 77) “a docilização do corpo é muito mais econômica do que o terror”. Essa dócil-utilidade criada a partir do poder disciplinar desenvolvido, principalmente, pela permanente vigilância panóptica, a qual fez do indivíduo servo de sua própria vigilância, pois a interiorização de valores, condutas e comportamentos formaram sujeitos em prisões virtuais. Segundo Foucault (1987, 152), existe um lugar para cada sujeito na rede social, esse lugar é determinado “segundo suas aptidões e seu comportamento, portanto segundo o uso que se poderá fazer deles”, exerce-se pressões constantes e oferecem-se modelos propícios a serem clonados; valida-se um corpo padrão e regulamentado para que assim todos sejam obrigados “à subordinação, à docilidade, à atenção [...], e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina. Para que, todos, se pareçam.”

Falar de poder disciplinar é mencionar a aplicação deste, individualmente, sobre a atuação anátomo-política do corpo, gerando o que Foucault chama de Biopoder<sup>6</sup>. O interessante é que este biopoder aliado à função

---

<sup>6</sup> Segundo Foucault, o biopoder é o poder estritamente investido ao sujeito. Uma certa forma de moldar e reescrever o indivíduo socialmente. É o poder disciplinar de um corpo que governa com uma multiplicidade de muitas cabeças. É uma forma de poder individualizante que se exerce por meio da anatomo-política do corpo individual. Segundo Veiga-Neto (2003, p.90), “a norma é o elemento que, ao mesmo tempo que individualiza, remete ao conjunto dos indivíduos; por isso, ele permite a comparação entre os indivíduos” O biopoder relaciona-se intimamente com a construção

da sociedade estatal (quando se aplica à disciplina no coletivo), passa a ser entendido como uma função naturalizante, de normalidade chamada Biopolítica<sup>7</sup>.

Assim “a norma é o elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto dos indivíduos; por isso, ele permite a comparação entre os indivíduos”. Essa citação de VEIGA-NETO (2003, p.90) corresponde ao que pode-se perceber enquanto padronização de sujeito, relacionando todas as questões políticas e econômicas. Portanto, falar em corpo padrão ou padrão de corpo saudável, ou ainda beleza exata, é falar explicitamente de um discurso social naturalizado e absorvido com veemência durante séculos.

Como para Foucault as verdades são construídas por perspectivas histórico-culturais, elas funcionam como um percurso a ser seguido, uma bandeira a ser estizada para contemplar mentes ansiosas. O intuito da pesquisa é prestar-se a rever os fatos com um olhar investigativo profundo, de maneira a desvendar todas as possibilidades das verdades e não ficar apenas desenhando sempre as mesmas preocupações. A intenção é analisar o contexto, fazendo perguntas sobre a construção do objeto. Portanto, não podemos esquecer de outro fator, também mencionado por M. Foucault, a temporalidade e a localidade, pois as coisas têm períodos, tempos e espaços diferentes, não são uma estrutura fixa e determinada. Temos o exemplo da modernidade, que na Europa ocorreu em um tempo muito diferente do que acontece na América Latina.

Partindo desse princípio, é importante dizer como a escola teve sua participação no processo de formação do sujeito disciplinar. A instituição escolar sempre teve seu papel na educação dos corpos infantis, na moldagem do início da vida do indivíduo. Através da instituição escolar criou-se a relação saber-poder mais explícita. VEIGA-NETO (2003, p. 84-85) afirma que “A escola foi sendo concebida e montada com a grande (...) máquina capaz de fazer, dos corpos, o

---

de um sujeito prescrito a utilidade, onde seu corpo é máquina de produção. Onde o corpo é dócil e obediente. Relega as poucas possibilidades que tem ao meio a produção e a condução de sua vida a favor das determinações do sistema em que está inserido. O biopoder foi a forma encontrada de manutenção do controle e das normas com a ausência de violência. Para Piovezani Filho (2004, p.140) essa nova maneira “não implicou na ausência de controle, nem mesmo a sua atenuação, mas tão somente um funcionamento de outra ordem, de outra natureza, mais sutil, menos agressivo, mas, possivelmente, mais eficaz.”

<sup>7</sup> A biopolítica é na sua construção um objeto de dominação mais aguçada do coletivo. Enquanto o biopoder se ocupa do indivíduo, a biopolítica ocupa-se da população.

objeto de poder disciplinar; e assim torná-los dóceis.” Sendo assim, mencionar corpos dóceis corresponde a explicitar sua maleabilidade e sua tendência a moldes sociais. E quanto à educação, pode-se observar que a sua promoção é cada dia menos fechada aos muros escolares e ao distinto meio profissional, pois a sociedade exige uma formação continuada (diga-se, para sempre) na qual o aluno é o operário, o executivo é o universitário, ou vice-versa, constituindo com clareza as sutilezas da sociedade do controle.<sup>8</sup> É importante mencionar que a referência deste trabalho à sociedade de controle vai de encontro com o entendimento deleuziano, no qual levanta possibilidades de as cobranças sociais perante a escola e a educação ultrapassam a questão disciplinar e tornam-se de poder público, tornando-se um fator preponderante e discutido por todos. Afinal “em uma sociedade do controle nunca se termina nada”.(PIOVEZANI FILHO, 2004, p.145). Fato de extrema relevância, pois é ainda através da escola que os discursos sociais são apropriados. Para GREGOLIN (2004, p.105) “toda sociedade possui instituições responsáveis pela distribuição dos discursos, pelo gerenciamento das apropriações.” Para Foucault, a idéia que rege, de certa forma, as essas instituições presentes em sociedades disciplinares, é que o poder é exercido sobre os corpos, obedecendo a técnicas e mecanismos que organizam a submissão. Com isso o corpo é alvo de limitações e coerções transformando-se em objeto de eficiência. Parece que a sociedade disciplinar e institucional inchou-se e transpôs, de certa forma, algumas idéias e entendimentos para um abrangente construto social. Essa extrapolação das técnicas, coerções e detalhes antes institucionais, podem, talvez, apresentarem-se de formas diferenciadas ao olhar da sociedade do controle.

Para GREGOLIN (2004, p.148) a genealogia, o objetivo de combater as teorias que universalizam os conhecimentos do saber e assim questiona a

---

<sup>8</sup> Segundo ORLANDI (2002, p.229), as sociedades de controle buscam e utilizam-se de novas e diferenciadas moedas de funcionamento “o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras”. Portanto não é mais o dinheiro forjado em cédulas e moedas de prata ou ouro que formam um capital, nas sociedades de controle o que vale é a dedicação, sempre busca-se mais do sujeito. Um exemplo disso é a conformação educacional, se tem-se o título da graduação, logo pede-se o da especialização e depois o mestrado e assim por diante. Exige-se movimento, aperfeiçoamento e dinamismo como lógicas de funcionamento.

pretensão da ciência em achar-se poderosa. A pesquisa genealógica pretende ativar os saberes locais enfrentando-os com os efeitos do poder embutidos na sociedade. Ela opõe-se ao método tradicional e sua função seria demonstrar e enfatizar as singularidades. Para a genealogia, não há estruturas fixas, nem mesmo objetivos metafísicos.

A genealogia busca descontinuidades (em vez do contínuo); recorrências em jogo (em vez de progresso e seriedade). Ela busca a superfície dos acontecimentos, os mínimos detalhes, as menores mudanças e os contornos mais sutis: observado a correta distancia, há uma profunda visibilidade nas coisas. (GREGOLIN, 2004, p. 164)

A genealogia é feita do presente e, portanto, serve a ela como documento em tudo o que pertence, serve ou expressa o homem. Tudo o que demonstra sua atividade, seus gostos e suas maneiras de ser homem. Esse documento não possui a necessidade de ser algo “empoeirado” ou que possua uma neutralidade, e sim espontâneo, voluntário. A única preocupação constante é que o investigador deve olhá-lo de forma ética e coerente. É preciso lembrar que, na teoria foucaultiana, nada é fixo ou permanente, portanto, o olhar do pesquisador também se reconhece enquanto um sistema dinâmico. Pois FOUCAULT (2004), acredita que: “A história será ‘efetiva’ na medida em que ela re-introduzir o descontínuo em seu próprio ser.” Pois é necessário compreender que o dinamismo social é que compõe a história cotidiana, afinal a deslinearidade é corriqueira, mas todos parecem fechar os olhos a ela. A busca por uma linearidade e uma única verdade, faz com que muitas das possibilidades do sujeito, do social e da vida sejam deixadas para trás. A efetividade e a originalidade reside justamente em olhar o cotidiano com outros olhos.

O pesquisador por esse ângulo, ocupar-se-á com o corpo e suas modelagens históricas, lembrando e verificando os processos vivenciados para criar hábitos, higiene e colaborações desse sujeito. A genealogia implica numa história diferente daquela tradicional, um tanto quanto inquisitiva. A história e a historicidade da genealogia estão ligadas aos pormenores da sociedade, núcleos de informações e pequenos discursos repetitivos que compõem o sistema e que, para a história tradicional, passariam despercebidos.

Para ARAÚJO (2001), o genealogista recusa a essência das coisas, elas não são metafísicas e sim um jogo de forças, um acaso, uma construção. Neste sentido, comporta ainda núcleos de resistência, de surpresas ou abalos.

Como mencionado anteriormente, a genealogia é um processo de desconstrução da verdade, portanto, questiona e interpreta fatos do cotidiano de uma outra forma. A pesquisa no método genealógico entende que a essência dos objetos e das relações está subordinada a interpretações. Assim, não existe essência, apenas a aparência criada por meios de discursos. A identidade é formada por essa interpretação e compõe-se como complemento da montagem dos grandes quebra-cabeças sociais.

Primeiramente é necessário compreender que a identidade e a constituição do sujeito são fatores históricos e que a essência não passa de um discurso sequencial. Isso faz da genealogia a metodologia que conflui com a atualidade e com a imagem corporal ideal. Afinal, esse corpo e as verdades de nossos dias foram produzidos pela sociedade disciplinar, com suas muitas instituições constituintes de formas de utilidade ao sistema. Já o formato se estende aos dias em que (sobre)vivemos, alimentados pela sociedade de controle e por futilidades que fazem tanto parte do cotidiano que se apresentam, como irremediáveis necessidades. Assim é o corpo atual, cheio de mesclas históricas, étnicas e sexuais – um corpo-identidade que pulsa para surpreender e faz de sua presença um signo, um código cartográfico repleto de latitudes e longitudes. Um corpo tatuado, não apenas por tintas e agulhas, mas por uma vida experienciada que busca ser autêntico a sua maneira.

Para corresponder às expectativas das composições de uma pesquisa, aqui está uma parte mais objetiva da realização do trabalho metodológico, que pretende esclarecer como funcionou a questão do campo, quais foram os procedimentos utilizados e o que realmente este trabalho se propôs a observar e a compreender. Portanto, essa parte de coleta de informações durou em média oito semanas e foi composta por um grupo de cinco turmas de garotas jovens estudantes do ensino médio. A pesquisa buscou em meio as garotas,



possibilidades de construções culturais e educacionais, inserindo-se em meio aos temas borbulhantes da sociedade contemporânea.

## 2.1 SOBRE O LOCAL:

A escola escolhida para a realização da pesquisa localiza-se na região central de Curitiba, é um dos mais antigos colégios da capital e do estado – o Colégio Estadual do Paraná. O principal motivo da escolha é a localidade central que privilegia a possibilidade de acesso, favorecendo assim, observações mais freqüentes, e também, pelo fato de estar no centro da cidade que faz com que o estabelecimento agrupe um grande número de alunos de diferentes regiões de Curitiba.

O Colégio Estadual do Paraná foi construído segundo uma configuração arquitetônica muito evidenciada nos estudos de Michel Foucault. Como uma forma de complementação deste estudo pode-se perceber sutilezas desta arquitetura que são descritas a partir deste momento. O panóptico de Bentham é a figura arquitetural na qual se baseia essa construção, assim é uma estrutura que privilegia o processo de vigilância e de controle, individualizando e colocando em evidencia cada unidade espacial e cada sujeito que ocupa o espaço escolar. Segundo FOUCAULT (1987, p.165-166), o Panóptico de Bentham é constituído segundo as seguintes descrições:

o princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outras, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado.

A disposição dos elementos da escola favorece a indução de “um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”. (FOUCAULT, 1987, p.166). Poder esse que se apresenta nos corpos itinerantes dos jovens e que é exercido socialmente em meio aos grupos por via de cobranças evidenciadas entre os pares. O poder institucional é

claro e evidente e este permeia as relações educativas e de socialização da escola.

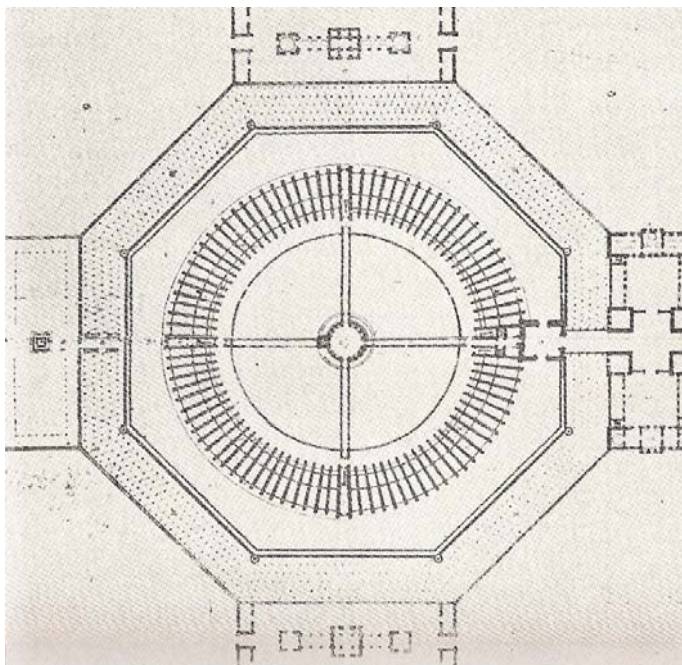
O panoptismo presente na escola permite que o poder seja inverificável, através da dissipação, apesar de todos saberem que estão sendo observados. A forma desta instituição permite que rituais, cerimônias e marcas próprias sejam criadas e reconhecidas. O poder é exercido, ao mesmo tempo, por ninguém e por todos. Os grupos de alunos são responsáveis por manterem um poder invisível. Cada grupo tem uma posição e uma função dentro da escola, são como castas, possuem *status* diferenciados e fazem da rede de poder uma malha densa e provocativa aos estudos.

Além dos alunos, os professores também fazem a manutenção desse poder, na sala dos professores muitos gráficos de rendimento, conceituação de aproveitamento e discussões sobre alunos. Como o colégio é muito grande nem todos os professores ministram aulas para todos os alunos, isso permite que os alunos possam corromper mais facilmente as linhas tênues de poder-resistência dentro dos portões da escola.

O formato arquitetônico favorece uma homogeneização do poder, pois a vigilância é formada a partir dos desejos diversos dos próprios alunos. Cada aluno sabe de suas responsabilidades e de seus deveres, ou seja, não é necessária nenhuma força que os obrigue a movimentar-se dentro da escola. O comportamento é preciso e coordenado.

É possível perceber em algumas observações feitas na porta da escola, durante as entradas e saídas dos alunos, como os jovens alunos e alunas desta instituição transformam seus corpos a todo instante. Isso é notado tanto nas suas roupas, cabelos, ornamentos e equipamentos, quanto nas modificações da pele, como tatuagens e piercings. Talvez, para esses alunos o espaço geográfico de mudança e resistência seja seu próprio corpo, sua propriedade expressiva. O corpo como meio de arte e propagação de ideologias, conquistas e medos.

**FIGURA 02:** Exemplo de Panóptico



## 2.2 SOBRE OS SUJEITOS

Esta investigação teve o intuito de compreender como a percepção do corpo feminino se dá em jovens que cursam o ensino médio, portanto restringiu-se a observar as garotas de 14 a 17 anos regularmente matriculadas em uma instituição escolar. A escolha dos sujeitos foi aleatória, todas as garotas presentes em aulas no decorrer do segundo semestre de 2005 participaram da pesquisa, desde que estivessem de acordo.

A pesquisa foi realizada com garotas e não garotos, pelo fato de que as mulheres, normalmente, são alvos privilegiados pela publicidade e discursos sociais. Pode-se perceber, em análises superficiais de programas televisivos e trabalhos acadêmicos, que a mídia proporciona e desenvolve muitos discursos em relação ao feminino na sociedade. De fato, são elas que presenciam todos os dias a programação publicitária a elas destinada. Além dos fatores publicitários, elas estão inseridas em uma instituição escolar que é responsável por dissipar os discursos do saber e assim programar a manutenção dos mesmos. São garotas

produzidas por um universo que é questionado por este estudo. Foram escolhidas por se apresentarem como produtos apropriativos do universo em que estão inseridos. Ou ainda, por poderem relatar e demonstrarem suas fugas e suas perspectivas diferenciadas de sujeito em meio a essa malha de poderes que as cercam.

A possibilidade de escolha das garotas em participar ou não da pesquisa proporcionou as mesmas uma perspectiva de revelar-se enquanto mulheres ocupantes de papéis sociais femininos. Todas se mostraram motivadas e confusas ao serem questionadas sobre o feminino, devido possivelmente, a temática, que se revelou de forma evidenciada. Pensar sobre o feminino tornou-se uma tortura, afinal falar sobre obviedades não constituía de certo, uma pesquisa inovadora, segundo as jovens participantes. As garotas questionavam sempre o porquê de responder sobre algo que todos já sabiam. Para elas, tudo parecia tão óbvio que muitas vezes recorreram ao dicionário e a gramática para escrever, na intenção de não se equivocar na elaboração das respostas.

Isso fez com que, em alguns momentos, a resistência se instalasse, pois tamanha obviedade não merecia esforço e dedicação por parte das participantes. Essa recusa por parte de algumas jovens em participar se deu pelo fato de as mesmas não se proporem a pensar a respeito de sua própria situação como mulher. Após o primeiro impacto sobre a questão, começaram a aparecer outras opiniões e a constatação de que não era tão fácil assim pensar sobre essa “obviedade”. Foi neste ponto que, algumas permaneceram com seus dicionários e outras tentaram responder da forma mais adequada para elas, considerando sua inserção social e sua história de vida.

## 2.3 SOBRE A TEMPORALIDADE

Houve um período de um mês para escolha da escola a ser pesquisada. As observações dos corpos das jovens, dos signos que portavam e da forma que agiam perante o sistema social proporcionaram a escolha desta escola.

Uma pesquisa qualitativa tem por si só, a intenção de estudar muito mais o contexto, as possibilidades, a cultura e o cotidiano do que simplesmente recolher dados e divulgá-los. Talvez, por isso, investigar a escola e as jovens durante um período médio de tempo seria importante, pois descrever e entender as posturas, comportamentos, signos e culturas inerentes a uma comunidade específica, precisa de um tempo considerável. O tempo para observações dentro da escola foi de dois meses, sendo ampliado em um mês para escrita da redação e escolha das imagens.

O tempo parece pequeno, mas durante o processo de investigação foram dedicadas muitas horas por dia observando as alunas desta escola. Não era apenas uma visita e entrega de 'cartas de pesquisa', mas sobretudo uma forma de aproximação, de entendimento daquele espaço e do tempo que aquelas garotas dedicavam para a escola, para as tarefas e para todos os outros assuntos que permeiam suas realidades.

Foi um tempo dedicado a observação da entrada à saída, das chegadas atrasadas e das 'matações' de aula. Um período em que as garotas se permitiam ser interrogadas sobre o feminino e seu papel social. Momentos de reflexão, conhecimento e discussões entre elas, sobre o que poderia melhor responder a 'carta de pesquisa'.

## 2.4 SOBRE OS INSTRUMENTOS:

Para compor a triangulação dos dados, que é esperada em uma investigação do cotidiano, são utilizados instrumentos bem conhecidos como a observação. Porém, para conhecer mais sobre o que é pensado por essas garotas e o lhes que provocam fascinação, criou-se um formato diferenciado de "pesca informacional". Para isso, foi utilizada a escrita de uma redação temática e a captura/escolha de imagens midiáticas. Esses instrumentos são explicitados com maior clareza e objetividade nos tópicos seguintes.

#### 2.4.1 Observação:

As observações são importantes para perceber a cultura do ambiente, a forma como os jovens se comportam e quais signos que podem ser vistos, não apenas na instituição escolar, mas também na sala de aula (ou nas quadras). A escolha da observação, enquanto instrumento é de extrema complexidade pela amplitude e olhar que esse instrumento requer. No entanto, compreender a essência do observar é tão importante quanto. Afinal, não é um trabalho que se resume em apenas “coletar dados”, na sua pura neutralidade, pois sempre que se dispõe a observar algo, imprime-se brutalmente uma impressão subjetiva no objeto. Com isso, propõe-se nesta pesquisa, um olhar ético e condizente com os pressupostos teóricos adotados para a discussão dos dados. Pois eles são produzidos e esta é a primeira diferença que deve ser mencionada, afinal olhar as coisas é, com certeza, lançar sobre elas uma interpretação. Tudo que se pesquisa já não é mais neutro, pois já ocorreu uma escolha em se pesquisar esse ou qualquer outro objeto. A observação torna-se importante, pois a própria genealogia é a percepção do presente através de um olhar histórico e atual.

Estando inserido socialmente e sendo parte do que se é observado as subjetividades do pesquisador acabam por encontrarem-se implícitas no olhar e refletidas na pesquisa realizada. É esse olhar que tem uma postura, um referencial, uma ética e após uma reflexão, que revelará de certa forma o ‘novo’, aquilo que se quer fazer diferente e que tenha uma ressonância social.

#### 2.4.2 Redação: Carta de Pesquisa

Os dados têm sua base na redação que é temática. Por meio dessa escrita busca-se o que as garotas entendem por: “O que é ser feminino?” As meninas desenvolveram um texto livre sobre o tema. Neste sentido papel e caneta, até lápis de cor para colorir, mas a intenção destas redações é perceber como os discursos sociais, entre eles a mídia e a escola, detém um papel importante na disseminação do que se torna feminino. A idéia deste texto escrito é

complementada com a imagem de saúde, feminino e beleza que as garotas anexaram a suas cartas de pesquisa.

#### 2.4.3 Captação da Imagem:

Este recurso é o aliado da redação. Os dois são a composição base para a desenvoltura desta investigação. Foi solicitado as garotas, que trouxessem uma imagem do corpo, que as mesmas consideram feminino. A partir desses dois procedimentos é que as primeiras considerações e análises foram feitas. A princípio todas essas técnicas (observação, redação, captação de imagem) puderam fornecer um cenário escolar e dos atores escolares. Pois por meio da escrita e da expressão imagética, as garotas demonstram a cartografia de suas vidas, estipulam o tempo/espço de seu conhecimento, seus saberes, seus desejos e suas necessidades. As técnicas apresentadas buscam um entendimento plural do feminino apresentando suas diversas possibilidades de papéis inseridos no meio escolar e, principalmente, na sociedade.

Estes procedimentos tem a função de facilitar o entendimento das questões norteadoras deste trabalho, formando uma triplície metodológica mais coerente.

### 2.5 VERIFICAÇÃO DOS DADOS

Foi realizado um levantamento dos dados adquiridos através da observação e das cartas de pesquisa, por meio de uma verificação e confronto dos resultados obtidos com as imagens e com a revisão de literatura mencionada. Consta em um agrupamento de respostas referentes a análise subjetiva e baseada nos conceitos trabalhados por autores que tratam das temáticas sobre o corpo. Fazem parte, também, da discussão, depoimentos retirados das observações que transparecem os conceitos de corpo saudável e suas muitas facetas, assim como a seleção das imagens mais significativas.

### 2.5.1 Referente às imagens:

Todas as imagens utilizadas no decorrer dos resultados desta pesquisa são frutos da seleção das próprias imagens feitas pelas garotas. As imagens escolhidas pelas alunas pesquisadas foram digitalizadas e utilizadas para compor os resultados desta pesquisa. Assim, cada figura presente nos resultados desta pesquisa está identificada de acordo com a identificação da garota que a escolheu.

## 2.6 PERCURSOS DE PESQUISA

Para compor esta pesquisa um certo tempo foi gasto pensando no local, ou seja, em qual escola ela poderia ser realizada. Escolas públicas? Particulares? Ambas? Até o momento em que um colega de mestrado disponibilizou-se a ajudar, cedendo suas turmas de primeiro ano do ensino médio em um colégio estadual renomado – Colégio Estadual do Paraná – que tem uma localização central, fato este que facilitou a realização da pesquisa e também contribuiu para uma maior amplitude dos dados, pois neste colégio concentra-se um grande número de alunos de diversas partes da cidade, de certa forma, abrangendo um perfil mais amplo e rico na composição dos sujeitos.

É preciso lembrar que toda pesquisa tem um perfil, de certo, padronizador. É uma forma de enquadrar o outro segundo uma perspectiva teórica e subjetiva. A observação é uma técnica que proporciona dar visibilidade ao sujeito e dessa forma também pode provocar uma reação de resistência do mesmo, afinal nem todos os corpos estão dispostos a serem vistos. Deve-se lembrar, também, a impossibilidade de neutralidade científica, pois sempre ao se lançar um olhar sobre o outro cria-se também, uma interpretação subjetiva repleta de conceitos e cobranças institucionalizadas, que acaba por interferir no resultado da observação. Portanto, esta pesquisa entende a observação como um instrumento que favorece o entendimento cultural e social em que os sujeitos estão inseridos, vislumbrando os dados observáveis de forma ética.



Outro fator que tomou certo tempo foi a elaboração de um instrumento de pesquisa, no caso a, “carta de pesquisa”, que pretende cartografar a relevância da temática: corpo, mídia e educação. Assim foi composto um recorte com duas temáticas em voga na sociedade, a questão da saúde e sua qualidade de vida e, também, a personificação do corpo feminino e sua erupção social. Ambas relacionadas à composição do corpo. Este instrumento foi pensado como uma composição, onde os alunos levariam para casa, responderiam e depois retornariam no próximo encontro. Essa decisão, no entanto, foi um tanto arriscada, afinal, jovens na sua maioria, não gostam muito de tarefas e cobranças.

Com relação à escola, esta requisitou antes de receber a pesquisa, um registro do que seria feito e para que fins seriam utilizados os dados. Para tanto, uma carta de “contato com a escola” (anexo 1), foi encaminhada pessoalmente. O documento foi apresentado e discutido juntamente com a vice-diretora da instituição. Este foi um passo importante, pois a escola pode compreender melhor a pesquisa e apoiar a realização da mesma.

A partir da aprovação da instituição todos os trâmites foram combinados diretamente com o professor que havia disponibilizado suas aulas como meio para a realização da pesquisa. Após muitas conversas por telefone, a primeira visita aos/as alunos/as foi realizada. A situação era estranha a todos, a dificuldade em expressar o sentido da pesquisa, sem deixar que os/as alunos/as rastreassem respostas da pesquisadora as questões lançadas a eles, foi de extrema dificuldade, afinal a indução as respostas pode ocasionar o comprometimento de todos os dados. Neste dia os alunos receberam a primeira fase da pesquisa e levaram para casa, responsabilizando-se em retornar a “carta de pesquisa” na semana seguinte. O relato abaixo faz parte das primeiras observações na escola e correspondem ao primeiro dia da pesquisa com os alunos<sup>9</sup>, que foram registrados em uma espécie de diário de trabalho; no qual constam registradas impressões subjetivas da pesquisadora sobre o local e os sujeitos observados.

---

<sup>9</sup> Durante o procedimento de coleta de informações foi utilizada uma estratégia para compor de forma mais cômoda para a escola a presença da pesquisa – todos os alunos (garotas e garotos) assumiram a responsabilidade de participar da pesquisa, sem terem esclarecido o recorte da mesma, que é direcionado as representações das garotas.

Cheguei às 12h30min para que pudéssemos acertar alguns detalhes de última hora que pudessem aparecer e também para retirar qualquer dúvida que restara. Com um frio no estômago enfrentei minha primeira turma de ensino médio. Neste dia observei a entrada, desordenada e sempre repentina, muitos chegam com exatidão para o início das aulas. Neste dia também encontrei colegas de pós-graduação que lecionam neste ambiente. Percebi também que as paredes estavam recheadas de cartazes dos alunos. Na sala dos professores folhas com os rendimentos dos alunos em todas as disciplinas, quadros de avisos, datas importantes e também um grande número de alunos de graduação da UFPR que estavam disponibilizando-se para realizar a prática de ensino. Preenchi minhas turmas com as cinco aulas, que aconteciam no mesmo dia - quarta-feira. Uma semana depois os horários mudaram, assim passei a visitar uma turma aos sábados pelas manhãs, quando possível. Muitas vezes essas visitas foram feitas em terças e sextas, alternadamente, para conseguir cumprir a pesquisa e os créditos da pós-graduação. As duas primeiras turmas pareciam muito participativas, já a terceira era pacata e parecia desinteressada. O primeiro contato deu-se com uma breve apresentação do professor sobre mim e convidou-me a conversar com os alunos. Apresentei-me em poucas palavras e sanei as dúvidas sobre meu processo de formação. Os alunos queriam saber mais sobre a pesquisa, mas para evitar qualquer influência não mencionei detalhes ou discursos que pudessem responder as perguntas. Expliquei que ao fim da pesquisa falaria sobre o assunto e “todos concordaram”. Neste dia expliquei a primeira fase da pesquisa e entreguei a ‘carta de pesquisa’ que se referia ao corpo saudável. Lemos juntos e esclareci os procedimentos, tirando as dúvidas e outros. Combinamos a entrega para a semana seguinte. Enquanto explicava passei uma lista de e-mail/telefone para que pudesse manter contato com os alunos, o que fiz durante o período da pesquisa. Permaneci na sala até o fim da aula, assim deu-se em todas as turmas.

As devidas concordâncias do primeiro momento eram, apenas, uma forma clara de engano, pois o comprometimento viria a ser abalado no próximo encontro. A princípio, quase a totalidade dos alunos concordou em participar. Os garotos pareciam mais afoitos e as garotas bastante desconfiadas. Algumas meninas de uma turma, em específico, mostraram-se avessas a participar, pois essas garotas não responderam a nenhuma fase da pesquisa.

As alunas em questão demonstraram sua resistência à pesquisa não participando outras, ainda, diziam-se participantes, mas não retornavam as “cartas de pesquisa”, arrumavam justificativas e o tão famoso “esqueci, amanhã eu trago”. Era a frase predileta.

Essas garotas utilizaram-se de uma forma de resistência válida, pois, talvez, não desejassem se submeter ao olhar normalizador da pesquisadora e esquivaram-se, esconderam-se e não deixaram que seus corpos fossem alvo de visibilidades que pudessem depois enquadrá-las e observá-las.

No segundo momento do contato, segundo dia na escola com os alunos, as reais intenções começam a aparecer, algumas turmas (2) se apresentam de forma quase impecável – a maioria dos alunos retornou a carta. Para compensar o sucesso, as outras quatro turmas não têm o mesmo comparecimento. Abaixo descreve-se uma breve passagem do relato de campo:

Neste dia me reapresentei aos alunos e cobrei as 'tarefinhas', as cartas de pesquisa, alguns lembraram de fazer, outros esqueceram. Recolhi as folhas respondidas e estabeleci mais uma semana para os outros. Para que não esquecessem coleí cartazes com a data de entrega nas salas, além disso, enviei e-mail para todos lembrando-os da importância do trabalho e data de entrega. Ainda criei uma comunidade no orkut<sup>10</sup>, para caso tivessem dúvidas sobre o trabalho.

Perante este fato, inicia-se uma espécie de chantagem educacional, ameaças de perda de nota na disciplina, apelos emocionais para que tocassem seus corações e para que respondessem a pesquisa. Algumas coisas funcionam como a manutenção ou ganho de nota para os/as alunos/as que participassem da pesquisa, outras são apenas parte da encenação. Os memorandos, que foram feitos e colados nas salas, simplesmente sumiram. E-mails eram enviados todas as semanas para que os/as jovens se lembrassem. A opção de recorrer ao orkut para lembrá-los do dever, também não funcionou muito bem, pois apenas quatro garotas fazem parte da comunidade, sendo que apenas uma mantém contato, perguntando sobre a pesquisa.

Muitas vezes as meninas parecem resistir, de diversas formas, a um mapeamento, a um enquadramento e um exacerbado controle que a pesquisa pode ofertar. Era como se elas percebessem que seus corpos estão sendo submetidos a um doce, sutil e perigoso jogo de poder, no qual elas são o produto de um processo útil e disciplinante. Na pesquisa, segundo FOUCAULT (1987, p. 118), há possibilidades de “coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos.”

---

<sup>10</sup> Orkut é uma forma muito popular entre os jovens que possuem acesso a internet. É uma forma de comunicação que pretende reunir e organizar contatos com as pessoas do mundo inteiro.

Com medo deste olhar, as garotas apresentaram-se resistentes por meio das desculpas, dos esquecimentos e das inseguranças.

Durante as semanas seguintes, as cobranças mantiveram-se, assim como a presença da pesquisadora. Por vezes, a história que se desenrolava era a mesma: “esqueci, posso trazer semana que vem?” Assim as meninas resistiam em responder as questões indicadas pela pesquisa. Por vezes a frustração foi o elemento principal desses encontros, pois as cartas de pesquisa pareciam não mais voltar e a situação começou a não mais sustentar-se, afinal mais de um mês se passou e tudo permaneceu na mais plena mesmice. Foi então que surgiu a idéia de levar até as garotas possibilidades de imagens que pudessem ser um meio de escolha. Recolheu-se então uma porção de revistas, variadas (Veja, Isto É, Gente, Capricho, Super Interessante, entre outras), e também uma destemida “montanha” de jornais com diversas imagens que poderiam de certa forma colaborar para a conclusão da pesquisa de campo. Como resultado deste fechamento de trabalho, todas as garotas que não haviam respondido até o dado momento as cartas de pesquisa, participaram em um momento de aula (cedido pelo professor).

As revistas e jornais foram colocados em uma sala de reuniões do Colégio, as garotas que participaram deste momento saíam de suas respectivas salas e encaminhavam-se para esta sala específica, na qual se portavam de forma tímida, como se estivessem sendo coagidas, em um primeiro momento. Todas se sentavam ao redor da mesa e respondiam as perguntas feitas nas duas fases da pesquisa e conforme iam terminando começavam a manusear as revistas. Importante salientar que eram sempre as revistas as escolhidas e a “montanha” de jornais sequer foi tocada. É como se houvesse uma barreira entre os jornais e as garotas, ou ainda, é como se todas aquelas folhas de jornal nem mesmo existissem. Possivelmente porque o manuseio e os assuntos das revistas fossem mais interessantes e condizentes com o cotidiano delas.

Todas as revistas foram manuseadas e folheadas por diversas vezes, mas uma delas esteve em voga – a revista Capricho foi a mais requisitada pelas garotas, demonstrando assim a coerência das pesquisas feitas por FIGUEIRA

(2003, p. 128), na qual se menciona que: “é possível afirmar que há uma identidade adolescente feminina fixa ”exposta nesta revista. Pois são textos e imagens que orientam,acompanham e informam as garotas sobre o uso dos eu corpo, mas sobretudo são meios de produzir esse mesmo corpo. É uma identidade preocupada com a aparência, o desejo e o afeto, são imagens que compreendem uma sedução de corpos belos e bem cuidados.

Muitas vezes as garotas tentavam persuadir a pesquisadora em busca de respostas para as questões, ou ainda, na escolha das imagens. Na tentativa da não indução das respostas a pesquisadora pôs-se em silêncio observacional e auxiliava apenas no fornecimento de materiais como: lápis, papel, canetas e revistas.

Em uma turma a maioria das garotas não havia respondido a pesquisa, por sugestão do professor ficamos em sala e todos passaram a fazer a tarefa do dia – as cartas de pesquisa. Durante o processo, algumas meninas começaram uma discussão momentânea sobre estilos, moda, ser mulher e como ser mulher, argumentações surgiram e muito do que pretende este estudo foi mencionado nas falas das garotas. Cada uma criou seu texto, escolheu sua imagem, mas os discursos proferidos constituíram-se em um momento de avaliação para elas, para suas condutas e principalmente para esta pesquisa.

Após o término deste dia, todas as garotas desejavam saber sobre quando a pesquisa ficaria pronta, quando poderiam saber mais sobre os temas que escreveram e quais eram os objetivos de tais questões. Algumas dúvidas foram sanadas ali mesmo em sala de aula, mas o compromisso firmado com a escola, de um retorno desta pesquisa para essas garotas, se dará apenas ao fim deste estudo.

As observações renderam a este trabalho a possibilidade de compreender a cultura e a escola em que essas garotas estão inseridas. Outro ponto para qual a observação colaborou foi a demonstração de como as jovens reagem a trabalhos ou ‘lições de casa’, pois esse comportamento determinou o andamento desta pesquisa.

Para a composição da pesquisa foram 'coletadas' 77 cartas de pesquisa, que compuseram os dados aqui representados. As cartas foram distribuídas no primeiro encontro em sala de aula juntamente com o professor responsável pelas turmas. Quanto ao número de sujeitos relacionados à idade, a presença das meninas foi mais intensa na faixa dos 15 anos. Esse fato pode estar relacionado a faixa escolar em que as garotas se encontravam que, na sua grande maioria, primeira série do ensino médio.

A situação de pesquisa transformou as aulas de história em alvoroço. Afinal durante dez encontros as jovens foram chamadas a contribuir com opiniões por meio dos textos. O que poderia ter durado apenas duas aulas tornou-se uma tortura escolar: lição de casa, pesquisa, redação e muitos compromissos para cumprir. A desculpa das provas e do pouco tempo era a preferida, mas o recurso do famoso '*esqueci*' também apareceu.

Desenvolver o procedimento e a metodologia deste trabalho não foi de extrema facilidade, pois muitas questões devem ser consideradas para compor o universo da pesquisa. A delimitação do problema em perceber as resistências dos corpos foi a parte mais complicada, pois na maioria das vezes as produções culturais proporcionam um olhar mais moldado às necessidades e desejos comerciais, assim como um olhar que menciona por vezes a reprodução e a massificação dos discursos e dos corpos.

A tentativa é a elaboração de um olhar para os processos de resistência de um corpo, de uma imagem ou discurso, como se as miudezas transpusessem os estereótipos criados para contemplar as sinuosidades sociais. Olhar um corpo que foi objetivado institucionalmente e fez dos seus desejos, formas fagocitárias de apropriação e transformação de conceitos 'naturalísticos' impressos na sociedade. A percepção das garotas sobre o feminino é uma percepção delas sobre elas mesmas, sobre o papel que assumem frente ao contexto histórico-cultural.

**FIGURA 03:** A possibilidade de construção do eu.



## 2.7 DISPOSIÇÕES GERAIS DOS DADOS

Foram distribuídas 145 cartas de pesquisa, das quais retornaram 82, essas cartas é que compõem as respostas reveladas neste trabalho. As garotas participantes da pesquisa, são alunas da primeira série do ensino médio e na sua maioria (57) encontram-se na faixa etária dos 15 anos, 21 delas têm 14 anos e apenas 04 têm 16 anos. As 82 cartas de pesquisa continham textos que respondiam a questão sobre 'o que é o feminino'. Textos esses que compõem a primeira parte da discussão destes dados. É um momento em que as garotas participantes dispõem-se a falar sobre uma temática do cotidiano e mostram em inúmeras palavras, idéias e indignações as formas aparentes e sociais do feminino. Para esse primeiro momento, os textos foram lidos e dispostos em categorias. A formação das categorias foi composta pelo número de vezes que

uma resposta aparecia no texto de cada garota. Cada categoria expõe um conjunto de respostas que indica uma forma de feminino. As repostas foram agrupadas de acordo com a indicação de feminino, por exemplo: categoria “relacionado ao lar” indica posturas e denominações escolhidas pelas garotas como a de ser mãe, esposa ou ações como cuidar dos filhos e casar-se. Cada categoria se autodenominou e fez-se importante juntamente com o fator que as indicou, ou seja, o texto das garotas.

Quando se trata da segunda parte deste trabalho, na qual são exploradas as imagens escolhidas pelas garotas tem-se que das 82 cartas de pesquisa, as escolhas das imagens pelas garotas foram, na sua grande parte (56 cartas), simples, na qual apenas uma imagem foi escolhida para esta representação. Oito garotas escolheram duas imagens representativas apenas seis jovens optaram por um número maior de imagens (3) e ainda cinco garotas escolheram quatro ou mais imagens que representassem o feminino. Ocorreram cinco casos de opção de não representação, os quais as garotas não ‘colaram’ nenhuma imagem de feminino. Algumas justificam que o feminino que elas descreveram não pode ser representado por nenhuma imagem. Outras, mencionam que a imagem que procuraram para a representação não pode ser encontrada. Esse é um fator diferenciado e também, de resistência, não apenas a um corpo dito feminino e representado por imagens padronizadas, mas também, ao olhar investigador e, muitas vezes, inquisidor da pesquisa. Há a percepção de que as algumas garotas preocupam-se em resistir a um corpo padrão, investido de estigmas e signos sociais. Essas garotas sempre mencionam que o interessante no feminino não é o que está na aparência, mas sim o que as pessoas podem demonstrar no uso da feminilidade. Importante mencionar ainda que das imagens representativas, apenas uma era um gráfico e uma era um desenho. Todas as outras eram fotos extraídas das mais diversas revistas.

Para esclarecer melhor a tabela abaixo pode servir de auxílio.



**TABELA 01:** Disposição do processo de interpretação dos dados

<b>Imagens do Feminino</b>	
Não consta imagens.....	05
Representação por gráfico.....	01
Representação por desenho.....	01
Utilização de uma imagem.....	56
Utilização de duas imagem.....	8
Utilização de mais de duas imagens..	11
Total de cartas.....	82

O processo de interpretação das imagens foi feito pela pesquisadora, que a partir dos conjuntos textos e imagens compôs seu olhar sobre cada imagem fazendo indagações e levantamentos sobre o significado de cada foto, gráfico ou desenho. Cada garota ao exemplificar “o que é o feminino” lançou seu olhar e sua interpretação a essas imagens, pois apesar do texto ter sido escrito antes, ele necessariamente conflui com a imagem escolhida, pois esta é o exemplo. Na verdade, é como se olhasse de forma a enquadrar uma opinião em um quadro, podendo condizer ou não com o que está escrito, pois entende-se que a contradição é um processo comum e encontrado em cada um. O processo é uma tentativa de perceber este conjunto de palavras e imagens compondo um quadro estético a ser montado e desmontado a cada instante.

As inferências feitas sobre as imagens são um misto de entendimentos dos olhares das próprias garotas e do olhar da pesquisadora. Os dados surgem da reflexão do olhar investigativo sobre a imagem, complementado pelo texto – que serve de base para entender a escolha do exemplo da imagem. Por intermédio das inferências do olhar investigador, e um tanto padrão, foram criados gráficos, quadros e entendimentos relacionando todas as imagens escolhidas pelas garotas. Foi verificada uma grande diversidade nas possibilidades de ser feminino e seus desejos, estilos e compreensões do modo de viver.

### 3. AS PERCEPÇÕES DO FEMININO

A sociedade está permeada por discursos que foram construídos através do processo histórico e da consolidação de um estilo de vida próprio ocidental. Essa inserção e as apropriações de discursos, se devem a proliferação de tratamentos sociais, baseados nas restrições e prescrições que constituíram as formas genéricas de sujeitos e sociedade. Menciona-se que essa sociedade, tem uma forma particular de funcionamento, pautada em certos rituais de palavras. Assim, as “sociedades de discurso”, têm por função, não apenas conservar e produzir esses mesmos discursos, mas também “fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição”. (FOUCAULT, 1970, p.39). Pode-se dizer que os discursos que fundamentam as “sociedades de discurso”, particularizam-se em meio às formulações que são ditas, permanecem ou que ainda estão para se dizer. Ou seja, muitos dos discursos são implícitos em meio a outros. Todas essas formas de apresentar-se são meios de buscar um interlocutor que seja autorizado a interpretar, elaborar e distribuir da melhor forma as entrelinhas que importam em meio a essa discursividade.

Talvez, seja por essa função social que os discursos produzem-se e inserem-se intimamente no cotidiano, embora seja necessário lembrar que a educação foi a forma mais eficiente de proliferação desses discursos, pois a escola, segundo Foucault, é a forma política de fazer a manutenção e a modificação desses discursos. Visto que a sua forma institucionalizada traz consigo a detenção de saberes e poderes que são investidos sobre os corpos, garantindo “espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam diferentes tipos de discursos e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos” (FOUCAULT, 1970, p.44).

Essa introdução é para explicitar as possibilidades de compreender os discursos apresentados socialmente e para investir em uma discussão sobre um deles – o discurso do feminino. Ele é entendido, de uma forma consensual, sendo relacionado a coisas de mulher, do universo habitado e criado para as mulheres.

Entendimento esse criado e construído por homens investindo em uma postura machista e perseverante socialmente. Provavelmente, esses discursos do senso comum, precisam passar por um processo de desconstrução que evidencie outras formas de ser e apresentar o feminino. Assim, o processo de contextualização desta discussão, necessita de um começo e esse estaria em reconhecer que o feminino é um dos papéis assumidos socialmente e que esses papéis, emergem com os estudos de gênero.

A princípio, gênero era uma concepção de cunho feminista, relacionada à discriminação e ao direito de igualdade da mulher perante a sociedade. A partir de estudos feministas e pós-estruturalistas, este conceito sofreu diversas mudanças. Atualmente se revela não mais nas diferenças sexuais, mas sim nas representações que este corpo mostra socialmente. O conceito de caráter baseado no sexo, tornou-se insuficiente ao se entender que o corpo é uma construção social e cultural, formado por interseções de experiências objetivas e subjetivas do sujeito. O sexo é apenas uma tangente em meio a tantos outros fatores constituintes dos papéis de gênero. Portanto, segundo LOURO (1999, p22): “gênero se constitui na prática social que se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sociais são compreendidas e representadas.”. Assim,

Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino obriga(...) levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos.(...) o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversas. (LOURO, 1999, p.22)

Deve-se considerar neste sentido que, ser homem e ser mulher não corresponde somente a um estereótipo que, obrigatoriamente, foi construído – inventado segundo uma tradição patriarcal. É necessário ter em mente que estes conceitos variam de acordo com a sociedade, o momento histórico e os diversos grupos étnicos, religiosos, etc.

No Brasil a questão de gênero passou a ser abordada, mais amplamente, a partir do final dos anos 80. Discutir questões voltadas para o gênero, é discutir sobre a construção dos papéis femininos e masculinos, como determinantes de comportamentos considerados socialmente adequados ou não, para um homem e

uma mulher. Sinteticamente isso significa entender gênero, como constituinte de uma identidade. Segundo LOURO (1999) ao afirmar que uma identidade institui o sujeito, pretende-se referir a algo que transpõe os papéis. A idéia é perceber o gênero fazendo parte do “ator”, como constituinte do mesmo. Afinal a identidade é que desenvolve uma percepção social do sujeito. Cada “ator” refere-se a sua atuação segundo um tempo/espço e uma linearidade ou ruptura. Cada identidade constitui um sujeito perante sua história e sua objetivação social, combinadas infinitamente com a composição de suas subjetividades e suas múltiplas funções de artista.

Em alguns momentos, as questões de gênero parecem não ter relevância no âmbito educacional devido a maneira como são encaradas, ou seja, através das instituições que forjam e delimitam o que é permitido e o que é proibido. É através das instituições que as concepções são apreendidas e interiorizadas, tornando-se, de certa forma, quase naturais. Portanto, existe a necessidade de desconstruir o caráter permanente do que é ser feminino e em seu lugar construir uma problematização referente às cartografias existentes e as emergentes do feminino.

O feminino é um dos papéis composto culturalmente por regras e condutas estipuladas e desempenhadas por atores sociais. Segundo LOURO (1999, p. 24) ele é evidenciado por comportamentos, por roupas, por modos de se relacionar e de se portar socialmente. Este é um entendimento de feminino que pode elucidar algumas das posturas das garotas frente a esta pesquisa, onde possivelmente, a resposta mais evidente seria uma mulher fruto de composições da sociedade moderna, na qual, o poder fez grandes manutenções de padrões corporais e sociais. Assim, as combinações seriam voltadas para as representações de mulheres delicadas, românticas e determinadas, que cuidam de seus compromissos domésticos e também de seu trabalho, contemplando assim suas necessidades financeiras e seus compromissos sociais (com a família, amigos e namorados). Essa resposta é um reflexo de discursos que permeiam e integram as funções e papéis femininos.

Nessa perspectiva moldada pelo poder da produção e manutenção do discurso e, também, na procura de focos de resistência a esse padrão discursivo predominante, buscar-se-á compreender algumas falas sobre o feminino desenvolvendo, assim, uma pesquisa com garotas em idade escolar, regularmente inscritas no curso de ensino médio de um dos mais tradicionais colégios de Curitiba. Para que isso se viabilizasse, foi composta uma “carta de pesquisa” que questionava “o que é ser feminino?”.

Como a questão proposta era aberta, a mesma possibilitou muitas respostas e cada garota pode definir a sua maneira ‘o que é feminino’. A imensa gama de respostas fez com que se tornasse quase impossível ser demonstrada objetivamente, por isso, foram criadas algumas categorias, num total de 10 categorias, que serão explicitadas e esclarecidas a partir deste ponto. A tabela a seguir é uma provocação, no sentido de que se podem perceber algumas “qualidades” que são representadas socialmente como inerentes ao feminino, pois foram forjadas segundo o olhar vigilante da educação e da sociedade. Olhar esse que individualizou o sujeito e assegurando que a vigilância externa se tornasse um processo intrínseco, portanto, o poder foi cuidadosamente protegido pelas amarras do saber (FOUCAULT, 1979 p.210). Este processo de internalização e naturalização de uma vigilância e de um controle foram formados, principalmente, pelas intervenções institucionais. As amarras do saber fizeram-se presentes por meio da escola e dos hospitais, o primeiro pela função educacional e pela dissipação de “verdades” perante o conhecimento generalista; o segundo perante sua intensa proteção higienista e seus discursos de saúde, qualidade de vida e bem estar que, de certa forma, explodiram indiscriminadamente nas áreas da educação física, medicina estética e nutrição. Porém, nesta tabela encontram-se os cunhos de resistência a esse enfoque, pois constam duas categorias diferenciais, que somadas equivalem a 10% de todas as repostas e que evidenciam outras formas de apropriações do conceito do feminino em meio aos discursos sociais.

TABELA 01: O que é ser feminino?

<b>Categorias</b>	<b>%</b>
Relacionado ao lar	8%
Regalos e roupas	10%
Delicadeza	16%
Fortaleza	6%
Romântico	8%
Vaidade	18%
"Mulher moderna"	10%
Feminismo	14%
Comportamentos	6%
Novos Entendimentos	4%

A partir deste momento é importante esclarecer o que compõem as categorias da tabela 01. A primeira delas, com 29 respostas, foi denominada de *“relacionado ao lar”*. Esta categoria abrange as seguintes denominações: ser mãe, ser esposa e casar-se. Essas composições de ser feminino representam ainda as antigas funções da mulher na sociedade. Como se ainda o que imperasse para o feminino, estivesse intimamente ligado a antigos papéis representados pela mulher. Tal naturalização foi fortemente construída e segundo LOURO (1999, p.70) “muitas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou ainda para a indicação de atividades ‘características’ de homens e atividades de mulheres.” Esse modo de pensar está, de certa forma, claro aos olhos sociais, pois os sujeitos presentes nesta sociedade, são frutos da fabricação e da normatização de corpos por meio da escola, na qual várias formas de identidades, sejam elas de gênero, classe, étnicas ou outras, foram produzidas e sustentadas por meio dos saberes. O fato de haver pouca atenção a essa naturalização cotidiana, faz a eficiência das instituições na construção de sujeitos e discursos sociais. Essa

atitude é tomada neste trabalho como forma representativa, pois as falas das garotas indicam o que é esse feminino social e culturalmente visto e aceito. Alguns exemplos:

“Feminino é como se define o sexo de uma pessoa, ou seja, uma mulher, ou também é, um termo para se definir o quanto uma pessoa é vaidosa.”<sup>11</sup>

“Feminino para mim é você poder ser mãe, casar, se sentir bem como mulher”

“Feminino é a delicadeza, é poder gerar uma nova vida”.

“O feminino tem uma maior capacidade de percepção e de pegar as coisas com mais facilidade, como por exemplo, o amor materno, pois a mulher carrega nove meses o bebê em seu ventre, o amamenta, então esse amor tende a ser maior que o paterno.”

Esses textos se mostram de forma coerente com os discursos sociais de formação e normalização de um feminino, que é contido na aparência de uma mulher, expresso por sua vaidade e concretizado no seu poder de ‘gerar a vida’. Deve-se atentar para um outro enfoque desta produção de um sujeito feminino que está ligado a sua biologia, ao seu corpo natural e governado por uma linguagem ‘dita’ feminina, ou seja, um outro fator chamado mídia e suas possíveis aderências na formação do sujeito. Pois esses podem incitar o consumo e a manutenção de discursos como o de ‘ser mãe’ e o de ‘ser vaidosa’, por meio da venda, exposição e consumo de brinquedos que vinculam a imagem feminina à figura materna (com o uso de bebês variados), Ou ainda, através de figuras como de uma mulher consumidora de maquiagens e salto altos, como é o caso das Barbies e dos kits de maquiagens e bijuterias. Neste sentido, a alusão a um mundo feminino e recorrente, pode ser cartografado deste a infância. Pode-se observar em meios publicitários, corpos infantis que vendem produtos para mulheres em tamanho extra pequeno, ou seja, o foco é nas crianças, futuras consumidoras de bolsas, roupas, sapatos, acessórios... Atualmente, existem grifes especializadas neste tipo de mercado, o que pode favorecer uma formação muito mais voltada aos cuidados pessoais, desde a mais tenra idade.

---

<sup>11</sup> Destaca-se que todos os textos das alunas participantes foram descritos literalmente ao longo da dissertação, inclusive com erros gramaticais e ortográficos.

A segunda categoria chamada de “*roupas e regalos*” (10%) está relacionada aos estereótipos do feminino que são: “usar roupas femininas, portar-se como mulher, ter um estilo, ter elegância”. Ou seja, como se o feminino pudesse estar, unicamente, imbricado pelas coisas materiais e culturais da sociedade, como se fosse algo apenas tangível a um universo paralelo que dissesse respeito à mulher. Então ‘coisas de mulher’ seriam, segundo as garotas, necessariamente femininas, coisas que agradam às mulheres e as fazem elegantes. Essas “roupas e regalos” são um modo de produção de significados culturais, são uma linguagem própria que implicam e influenciam na relações sociais e na constituição do sujeito. É segundo LOURO (2003, p.47), um “conjunto de códigos, representações e práticas discursivas utilizadas para sinalizar sua identidade.” Além destes fatores, é preciso levar em consideração algo chamado “moda” que está de alguma forma, implícito nesses regalos femininos. Esta categoria remete, de alguma forma, a possibilidades de construção de um feminino parcial, de passarelas e, talvez, inatingível. Um feminino que tem a preocupação da aparência, na “transitoriedade dos corpos, sua fluidez e inconstâncias, seu perfil efêmero” (ANDRADE, 2003, p. 113). Podem-se perceber algumas coisas com os textos abaixo:

“Feminino está relativo às mulheres, coisas de mulheres. Basicamente, essas coisas de mulheres **seriam objetos que podem ser usados por mulheres**, e que, pelo julgamento da sociedade, o homem que é homem não usa.” [Grifos meus]

“Feminino para mim, é você ter traços leves de rosto, usar roupas femininas, tipo, bolsas, salto alto, usar varias coisas, tipo brincos grandes, rímel, batom, etc...”

“As mulheres amam tudo o que é simples, elegante e bonito.”

Os dados apresentados juntamente com as falas exprimem que quando existe uma roupa que é feminina, presume-se que exista uma que não é. Quando o estilo e elegância são mencionados, eles também remetem a mulheres midiáticas que se tornaram ícones de beleza, moda e elegância com seu estilo, sustentando e inventando modas, que posteriormente serão copiadas. Assim, havendo um apelo constante e uma supervalorização de uma beleza expressa por



corpos retilíneos e alongada, tudo segundo a silhueta de cuidados que se apóiam na normalização.

Nesta categoria, é possível perceber a questão do corpo consumo, um corpo que é objeto de desejo, de venda e de compra. Um produto fabricado segundo as intervenções da escola e da mídia publicitária, que transformaram o corpo em um *look* de venda instantânea e/ou em uma pedagogia de ensino de valores para compor uma sedução e criar um vínculo afetivo com as garotas. Isso caminha para a adoção de um estilo de vida mais coerente com as funções da beleza. Figueira (2003, p. 129), menciona que a mídia publicitária [e acrescentando a escola] “são textos e imagens que estão não apenas orientando, acompanhando e informando as leitoras sobre os usos do seu corpo, mas estão, sobretudo, produzindo esse corpo.”.

A terceira categoria chamada “*delicadeza*” é uma das mais mencionadas pelas garotas, ela aparece 57 vezes nas respostas (16%), entre essas respostas estão: “ser delicada ou demonstrar delicadeza, ter traços do rosto leves, ser cuidadosa, ser sensível, possuir harmonia, ser simples, gentil e educada”. Com essas qualidades, o formato do feminino esta se compondo de acordo com uma mulher idealizada e não real. Cria-se uma figura delicada, dos traços físicos ao comportamento social. Parece neste instante, transparecer uma universalidade das vontades, desenvolvida por um corpo social construído por meio do exercício do poder sobre o corpo. Existe uma estimulação por meio do controle, não basta apenas um fator, é necessário ser delicada na genética<sup>12</sup> e nos atos.

A delicadeza em si, é um modo de descrever uma postura social que se remete aos séculos XVIII e XIX, tempos em que as mulheres portavam-se com refino e esmero perante seus “mestres” (pais, maridos e irmãos). Um tempo em que as mulheres eram negociadas como propriedades e eram de algumas formas subjugadas. Porém, a delicadeza também pode ser multifacetada, plural e demonstrar algumas formas de resistência, pois nem sempre o que é delicado para um, o é para outro. Pode se dizer que a forma mais subjetiva do olhar é que

---

<sup>12</sup> Relacionando aos traços genéticos herdados, como contorno do rosto, cor da pele e dos olhos, tipo de cabelo, entre outros.

distingue em que momento e lugar, ou seja, em que tempo e espaço, essa delicadeza se encaixa. Essa categoria é descrita, de certa maneira, com base no senso comum. É como se todas pessoas portassem os mesmos signos e desenvolvessem os mesmos significados em um olhar. A desmistificação desse sujeito subjetivo é que permite rever as formas de resistência perante uma descrição padrão. Há alguns textos que podem exemplificar as categorias mencionadas durante o trabalho, mas que remetem à questão da delicadeza e da gentileza.

“O feminino no sentido de ser mulher, seria uma pessoa, delicada, gentil, simpática, entre outras qualidades não que o masculino não possa ser assim mas no feminino essas qualidades são mais fortes e intensas, ...”

“São delicadas frágeis são consideradas o ‘sexo frágil’ além de terem esse lado são guerreiras e lutam por seus ideais.”

“Feminino é algo sutil e delicado, minucioso, que exige atenção, preservação. Algo de capricho e cuidado, que subjetivamente causa uma ação zelosa por antecipação, chama a atenção, o interesse e uma série de dúvidas... fascínio.”

O olhar lançado sobre esses textos pode ser padrão, focalizando as características femininas mais evidentes pela formação e objetivação do poder em meio ao construto social. Deste modo, às menções de “sexo frágil”, sutil, que exige atenção e gentileza se sobrepõem a outras formas de entender o que é ser feminino. Como exemplo, a possibilidade de entender que o feminino também é aquele que se volta para si através de cuidados, que constitui fascínio e demonstra meios de fuga para uma idéia antiga de “sexo frágil”. Os discursos sociais constituem uma rede muito bem tecida para que o poder aconteça na formação do sujeito. Em todos os momentos, o individuo é confinado a instituições, sendo cobrado de aprender e seguir regras objetivas, que passam a fazer parte de sua conduta de relacionamentos e cuidados pessoais em meio à sociedade. Cada sujeito tem a possibilidade de mostrar-se diferente perante à normalização social. Para isso, mudar o foco do olhar e perceber que existem momentos de descontinuidade nesses discursos, descontinuidade que, segundo FOUCAULT (1970, p.58), “golpeia e invalida as menores unidades tradicionalmente reconhecidas ou as mais facilmente contestadas: o instante e o

sujeito.” Afinal, em uma sociedade em que a história é pautada em linhas, sejam elas cronológicas ou de vida, a descontinuidade é um fator novo, questionador. Tal descontinuidade rompe com os vidros homogêneos das relações, dando vozes a uma consciência que independe do tempo e do sujeito, mas que faz vistas as particularidades, limites e alusões de cada elemento social.

Quanto à quarta categoria denominada de “*fortaleza*” teve-se 20 respostas (6%) que exprimem as seguintes opiniões sobre ‘o que é ser feminino’: “ser guerreira, são coisas que tornam a mulher diferente, é conhecer-se, ser sincera e ser (principalmente) forte”. Talvez por isso a figura de uma fortaleza, mesmo que um tanto romântica, seja importante para designar um feminino que transgride a delicadeza pura. A força designada por essas garotas remete às questões de ‘mostrar-se e fazer-se forte’ perante as adversidades. É uma postura relativamente nova, na qual o feminino não é mais a vítima frágil do sistema.

“Ser feminina é ser delicada mais feminilidade é sinônimo de fragilidade, uma mulher pode ser feminina fazendo, por exemplo, serviços masculinos.”

“Feminino é o delicado e o sensível, mas que também sabe ser forte quando é preciso.”

Isso revela uma nova forma de subjetividade feminina, ligada aos processos de transgressão e resistência a uma imagem delicada e frágil que, durante décadas foi sustentada e cobrada. A menção à força física quando se fala em “serviços masculinos” visa, de certa maneira, rejeitar os determinismos biologicistas implícitos no meio social. Quando se fala de feminino relacionando-o à força, seja ela física ou de caráter, parece haver uma distorção do som, pois muitas vezes esse entendimento passa por algumas dúvidas relacionadas à sexualidade. Afinal, mulheres fortes e que exprimem a vontade de trabalhar e exercer atividades ditas, tipicamente, masculinas têm sua conduta sexual e sua heterossexualidade questionada, isso porque parece haver um “desconforto gerado por um julgamento normativo sobre a distância entre aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar” (SILVA, 1998, p. 44). Um medo é gerado pelo não cumprimento da ordem dos fatores estabelecidos socialmente, mas esse processo de descontinuidade passa por uma reinvenção e, por meio de inserções

institucionais e, principalmente, midiáticas, o discurso passa a ser incorporado, capturado pela rede de formação, pela “ordem moral pedagógica” (SILVA, 1998, p. 53).

Ainda é preciso ressaltar que a força, além de ser uma forma resistente, ela esta amarrada aos discursos de inserção da mulher no mercado de trabalho, por meio da necessidade de mão-de-obra barata durante o período da segunda guerra mundial. Essa ruptura discursiva fez com que a mulher adquirisse outra identidade, de nova mulher, a chamada mulher “moderna”. Essa trabalha fora, podendo exercer atividades outrora exclusivamente masculinas, mas que continua com as incumbências dos papéis de esposa e mãe. É importante mencionar que apesar das categorias estarem postas, elas não são fixas. Pelo contrário, são na verdade, meios de entendimento que flutuam, esticam e oscilam entre si, pois o objeto é apenas um – o feminino

O “*romântico*” para denominar a quinta categoria (8%) deve-se à aparição de falas que qualificam o ser feminino como: “ser sentimental, ser carinhosa, apaixonar-se, mostrar-se romântica, ser encantadora, ser surpreendente, ser feliz”. Essas respostas são um tanto quanto contemplativas ou sonhadoras, pois revelam o desejo de um feminino de épocas antigas que, distante das novas formas de subjetividades que se vive hoje, se tornam como um ‘sonho’ de menina. Transparece, como em contos infantis de príncipes e princesas<sup>13</sup>, no qual todos são felizes para sempre. Por exemplo:

“O feminino é um mundo colorido, delicado, divertido, romântico, muito agitado. Cheio de alegrias e ao mesmo tempo cercado de tristezas. Um mundo cheio de encantos, curiosidades, carinho e surpresa.”

---

<sup>13</sup> Menção feita aos insistentes meios de comunicação, às instituições escolares e às indústrias de brinquedos que remodelam e reforçam por várias vezes as antigas histórias infantis como Branca de Neve, A Bela Adormecida, entre outras, fazendo com que algumas garotas passem, por vezes, a vida sonhando com tal felicidade e realização. Apesar da sociedade ter crescido e desenvolvido outros modos de ser mulher, ainda permanecem implícitos muitos discursos em relação ao papel do feminino. Talvez, a insistente forma de vender bebês de brinquedo e dvds que contam histórias infantis seja uma forma de manutenção do elo social da mulher mãe e esposa. É necessário lembrar que essa não é uma história apenas de rupturas e descontinuidades, mas também de “linearidades”, de processos sequenciais e reconhecidos socialmente por seus signos.

Neste sentido, percebe-se a influência da linguagem e dos discursos escolares sobre a configuração de um sujeito social. A atenção à problematização da linguagem deve ser entendida como indispensável, pois é por meio desta linguagem que os sentidos são atingidos. LOURO (1999, p. 61) menciona que “evidentemente, os sujeitos não são meros receptores passivos de imposições externas. Pelo contrário, ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessa aprendizagem – reagem, respondem, recusam ou assumem inteiramente” seus sentidos, significados e desejos. Dessa maneira, é preciso renovar o olhar de desconfiança para uma forma de “verdade” que conduz o pensamento para um mundo feminino que estaria de acordo com as possibilidades e os estigmas medievais. Neste sentido, é necessário reconhecer que o indivíduo é sujeito de suas escolhas, perante uma descontinuidade discursiva que direciona e estabelece, muitas vezes, o feminino, mas que também participa desta construção, justamente por estar intimamente ligado a ela.

Muitas vezes as garotas sentem a necessidade de pertencer a um grupo que as faça feliz, que traduza seus sentimentos e suas apreensões. Assim as jovens se fecham em grupos que possuem características próprias, criam um mundo paralelo para “fugir” de cobranças sociais, é o processo de resistência a uma norma de um corpo cada vez mais programado e controlado. É neste momento de constituição de identidades receptivas, entre elementos de um mesmo grupo, que o desejo de investir em imagens corporais passa a tomar proporções criativas que atingem o meio social, de tal forma que, esse corpo torna-se alvo de assombro e admiração.

A sexta menção é denominada de “*vaidade*” (18%) por envolver respostas relacionadas ao corpo ou à estética como: “não ser magra e não ser gorda, ser definitivamente bela, ser vaidosa e cuidar do corpo”. Esta seria o próprio cuidado de si<sup>14</sup>, sobretudo para considerar que o feminino é o que cuida, o que é belo e aceito perante a sociedade.

---

<sup>14</sup> Segundo DELEUZE (1992, p. 123) “não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de *regras facultativas* que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de

É provável que, nesta categoria apareçam, mais evidentemente, as transformações do corpo, no sentido de compor um controle de si por meio de um cuidado acentuado do “eu”. Segundo SANT’ANNA (2002, p.100), existem dois movimentos que vêm sendo suscitados:

O primeiro é o movimento de expansão externa – impelindo cada corpo a se conectar direta e cotidianamente com as necessidades do mercado global; o segundo, é a expansão interna, incitando cada um a voltar-se para seu corpo e a querer o controle e o aumento dos seus níveis de prazer. Ou seja, no primeiro caso, o corpo aparece intimamente conectado com interesses que em muito ultrapassam a esfera da ação e de compreensão de cada um. É quando o corpo, com suas singularidades e potências, tende a desaparecer. Já, no segundo caso, o corpo ganha uma importância exagerada, porque são multiplicadas as exigências e as sensibilidades que cada indivíduo tem em relação a si mesmo.

Os elos sociais, portanto, faz com que se criem a necessidade de existir um espaço para cada um, de formas diferenciadas, como uma excessiva individualização e vaidade do corpo. Pois, se o corpo é o último espaço cartográfico a ser explorado, então as proposições de melhorias para esse espaço crescem vertiginosamente. Afinal, os corpos devem estar disponíveis a constantes modificações científicas em prol de melhorias da aparência física. A fabricação de corpos vaidosos por meio de suas possibilidades é desencadeada desde o uso de infinidades de novos cosméticos, até a implantação de próteses modificadoras. Pois o que existe, de certa forma, é a imensa vontade de manter o corpo atual, “sexualizado, jovem, potente e no controle de todas as situações” SANT’ANNA, (2002, p.105). Assim o feminino compõe-se de forma coordenada com essa nova conjuntura social, impregnada de potência criadora de corpos coerentes com o cuidado de si e de suas necessidades fabricadas. Com isso, um corpo feminino relaciona-se com a vaidade sem pudores e não apenas em busca do prazer de

---

existência ou estilos de vida (mesmo o suicídio faz parte delas). É o que Nietzsche descobria como a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas ‘possibilidades de vida’”.

Segundo EIZIRIK (2005, p. 120-121) “o cuidado de si se coloca mais especificamente nas técnicas de si e nas diversas formas como essas técnicas vão produzindo uma atualidade da ética. Ética do presente”. Para compreender de maneira mais completa a ética foucaultiana é necessário uma retomada do percurso do sujeito em suas obras e perceber a intersecção entre “história da subjetividade e a análise das formas de governabilidade”. Talvez, essas formas de governabilidade sejam de fundamental importância para o desenvolvimento das tecnologias de si, ou ainda, técnicas de si, que são as formas pelas quais nos relacionamos com nos mesmos e que contribuímos com nossas subjetividades para e experiência e o governo do outro.

sentir-se belo e amado, mostrando-se pronto a ser capturado pelas cobranças sociais.

Esses corpos vaidosos criam-se em meio à interferência e correlação entre fatores de disciplinarização como a escola, a mídia, a tecnologia e a família. Os sujeitos apropriam-se de idéias, modos e comportamentos expostos e exigidos socialmente de formas diferentes, o que proporciona uma individualização deste pequeno universo que está contido neste mesmo sujeito. As apropriações que este meio oferece compõem uma forma de escolha, o que se pode fazer com a informação, o conhecimento e a desenvolvimento sócio-cultural? Essas decisões são tomadas em função de um sujeito que, de acordo com suas experiências, necessidades e desejos, fazem da sua subjetividade objetivada uma forma de expressão e comunicação com o mundo.

Devido possivelmente, a essa necessária comunicação com o mundo, com o outro e com os meios de controle social, o feminino acabe por resplandecer tão fortemente com o cuidado de si, para a experimentação e melhoria do meu corpo – ou o que para o senso comum é chamado de vaidade.

“O feminino para mim é a mulher. A mulher que cuida de si mesma, de seu corpo. A mulher de atitude determinada e que batalha pelos seus ideais, sem perder a pose.”

“Feminino lembra muito a beleza da mulher. Principalmente a vaidade de cada uma, dentro de cada estilo.”

Os textos acima citados contemplam a intenção de posse de um corpo, que se cuida e é transformado em ícone e estilo. Uma forma de corpo único e criado com cartografia própria e exclusiva para conviver na sociedade de controle, na qual os corpos transitáveis e mutáveis prevalecem por sua possibilidade de mobilidade e trânsito, no sentido de transpor suas experimentações e sensibilidades para uma forma diferenciada e mais interessante de viver.

A sétima denominação adotada foi “*mulher moderna*”. Não que as outras categorias menosprezem esta adjetivação, mas as características levantadas pelas garotas denominam, esta em específico, como algo que se diferencia no contexto atual. Com 10% do total, as respostas que fazem parte desta categoria estão de acordo com novos papéis assumidos pela mulher no processo histórico,

como: “ser organizada, possuir um espírito jovem, ter muita personalidade, ser divertida, possuir a igualdade social, ser racional e inteligente, ser independente” – uma mulher constituída segundo os valores da modernidade. Segundo as garotas essa ‘mulher moderna’ pode ser descrita das seguintes formas:

“O feminino é a figura da mulher moderna, que cuida da casa, dos filhos, da beleza, do seu bem estar e trabalha. É aquela mulher que é independente, toma decisões, que é respeitada por todos e que sempre tem na bolsa um batom brilho e uma escova de cabelo.”

“Para mim feminino é ser uma **mulher de negócios bem sucedida**, com status social relativamente alto e **além de tudo isso ser uma boa dona de casa, ou seja, dar atenção para os filhos, o marido e para si mesma**. Feminino não é apenas usar salto alto, e sim ter oportunidade de um dia na vida ser mãe.” [Grifos meus]

Essa mulher moderna está impregnada nas concepções de ser feminino no imaginário das garotas. Sempre o feminino de uma mulher moderna está ligado a alguém bem de vida, com família padrão e que não passa por dificuldades, pois tem sempre a possibilidade de cuidar de todos e de si mesma. Além disso, tem sua ocupação profissional, o que a torna independente e, de certa forma, detentora de alguma forma de poder no meio em que está inserida, podendo despende dinheiro para produtos de higiene e beleza como ‘batons brilhos, escovas e saltos altos’.

Acrescenta-se ainda que, essa ‘mulher moderna’ desperta nas garotas uma sensação de possibilidades de independência com estilo, o que não deixa de ser uma forma de apropriação de discursos sociais evidenciados de diversas maneiras pela mídia, pela escola e pela família, que reconhecem esses valores e qualidades em mulheres ‘bem sucedidas’.

Algumas respostas acabaram por conduzir ao caminho da luta e dos conceitos ditos feministas. Por tal situação uma categoria, “feminismo”, foi constituída com 14% das questões mencionadas, segundo a qual o feminino seria: “aquilo que se difere do masculino, é ser definitivamente mulher, é estar disposta a lutar contra o machismo e ser feminista”. Talvez, em alguns momentos, esta categoria confunda um pouco o feminino e o feminista, pois deve-se perceber que



a história do feminino, socialmente está ligada ao processo de constituição do sujeito mulher.

“Muitas meninas ao pegarem esse texto já falaram que iriam colocar sapato de salto e batom, tudo bem, mas eu acho que feminino significa mais que isso. No dicionário está assim, FEMININO oposto a masculino, mulheril, feminil, o gênero feminino. Não querendo discordar do dicionário, mas eu continuo achando que é mais que isso. Talvez uma descrição complete a outra, mas eu gosto de imaginar que feminino seja uma legião, uma força indestrutível, um aglomerado poderoso, é claro que as componentes desta legião podem usar salto alto e batom.”

Em alguns momentos, esses textos que evidenciam uma força legionária feminina, parecem estar relembrando seu processo educativo, no qual durante anos de escolarização, presenciaram as discrepâncias entre as posturas masculinas e femininas no processo histórico social. Ou ainda, podem ser uma forma de resistir aos conceitos referidos a elas mesmas, em falas de familiares e conhecidos, demonstrando assim, uma designação a mudança de estigma, uma fuga de estereótipos convencionais, instigando a uma nova experimentação e constituição de uma história diferente de suas vidas.

Uma outra interpretação possível, pode estar ligada ao olhar de rebeldia e revolução desencadeado pela atuação das primeiras mulheres que, historicamente, desafiaram a sociedade patriarcal. Neste sentido, poderia ser um olhar romântico e idealizador de mulheres ‘guerreiras’, que enfrentam de forma “indestrutível” as coerções institucionais e os meios de controle, não se deixando sufocar pelos estigmas masculinos. Mulheres cartografadas como feministas, com uma identidade forte e um estilo de matrizes sensíveis e delicadas, permitindo intensas posturas sociais com um toque de leveza e sensualidade de um ‘salto alto e batom’.

Duas outras categorias foram criadas para contemplar as respostas das garotas, que são amplas e diversas. Assim, tem-se ainda a construção de uma categoria chamada “*comportamento*” (6%), que se constitui com a somatória de respostas aleatórias mais importantes sobre o que o feminino pode ser (ou deve ser): “recatado, paciente, simpático, amigo e companheiro, sexy e atraente, cheio de respeito e frágil”. Como é possível perceber, são inúmeras e diversas as questões levantadas nos textos, embora estas questões aparecem de forma mais

rarefeita. Talvez o fato de respeito, recato e fragilidade dividirem o mesmo espaço com sexy e atraente pareça um pouco constrangedor ou incoerente, mas trata-se de comportamentos exigidos, de certa forma, pela sociedade. Algumas falas que contemplem esta miscelânea comportamental podem exemplificar melhor esta categoria:

“É feminino é delicado, é chamar atenção, saber ser sexy, sem exageros.”

“Feminino para mim é sinônimo de belo, algo frágil, uma pessoa feminina é uma pessoa delicada. É feminino que pode gerar em si outro ser humano, a mulher é a roda que gira o mundo. Feminino é a vida, a fragilidade, os traços delicados, o amor e o respeito.”

Os textos acima apesar de referirem-se a alguns temas e categorias já propostos neste trabalho, ainda suscitam discussão acerca de comportamentos exigidos como femininos perante o enfoque social. A insistência em mostrar a delicadeza como sendo essencial ao feminino, remete à discussão de comportamentos moldados e remodelados por moças de um século que deveria ser passado. Porém, devido a renovação ou recuperação dos discursos, ainda mantêm-se em voga como uma exigência. Estes textos permitem apontar outros fatores como a sexualidade, que por muito tempo aparentava ser tratada com discrição, medo ou indiferença, mas que, na realidade, manteve sua presença instigada e hipervalorizada por um ritual de permissão, desenvolvido pelo dispositivo da sexualidade. Segundo FOUCAULT (1988), o discurso sobre o sexo para as sociedades modernas seguia uma mecânica de incitações, pois o fato de tratá-lo como segredo valorizava ainda mais o desejo e a vontade de saber sobre o mesmo. Assim o ser sexy é um fator feminino extremamente valorizado, pois incita a vontade de saber, a todo momento, sobre algo que o discurso social diz estar velado.

Nesse viés percebe-se, que nem todo ‘comportamento’ está distanciado do outro como se costuma pensar. O olhar dualista que se costuma ter perante o mundo e a formação das subjetividades de cada sujeito, deve ser revisto, pois a compreensão de que, as experiências do outro modificam o modo de cada sujeito pensar, ver e sentir o mundo, contribui para perceber que as coisas estão

intimamente ligadas por teias invisíveis que rompem e sustentam o poder e a resistência social.

A última categoria criada, que também abrangeu diversas respostas é chamada de “*novos entendimentos*”. Ela recebeu este nome em virtude de formar-se por respostas diferentes e raras, perante o contexto analisado. Apesar dos 4% que apresenta, esta categoria menciona novos fatores sociais que podem indicar novas perspectivas de subjetivação dos indivíduos. Entre as respostas estão: “o feminino não está ligado apenas ao sexo, o homem também pode ser feminino ou, ainda, existem várias formas de ser mulher”. Estas respostas apontam outras formas de vivenciar e entender o processo de subjetivação dos sujeitos. Outras formas de desconstruir uma história e um discurso linear pré-existent.

“Feminino na minha concepção, quer dizer mais do que apenas um sexo, por exemplo, a palavra feminino quer dizer também um jeito de agir, de ser e também ser feminino não limita-se só as mulheres. Hoje homens também estão mais femininos e isso não é mais tão tabu como antigamente.”

Essa fala retrata uma mudança social e cultural, demonstrando que o feminino não está relacionado, mais apenas a fatos corriqueiros das mulheres, compondo-se como uma nova forma de agir, uma forma de subjetivação das condutas masculinas e femininas. Ou seja, vai além da simplicidade gramatical da palavra. É importante perceber que apesar dessas formas de desconstrução aparecerem poucas vezes nos textos e nas imagens das garotas, elas indicam a presença de um novo conceito social sobre as formações de subjetividades femininas e masculinas.

A formação de novos discursos passa, inevitavelmente, pela reconstrução de conceitos sociais pré-existent, pelo processo de objetivação dos sujeitos, mas de forma mais importante, forma e deforma as subjetividades dos que presenciam esta mudança. Não que haja um rompimento definitivo ou ruptura, mas sim uma tentativa de disseminar uma nova forma de entender o que é ser feminino, e o que ele representa socialmente.

Nesse sentido, que o feminino pode estar representado por diversos discursos e corpos, sejam eles moldados e delineados de acordo com a disciplina,

com a mídia e com a escola ou sejam eles focos de resistência a esses mesmos fatores. O fato de o sujeito apropriar-se dos discursos para fazer deles uma parte de sua subjetividade, o torna um novo sujeito. A experiência de interagir, integrar-se e sentir-se o “outro” proporciona ao sujeito novas formas de ser ele mesmo. Afinal, segundo DINIS (2005, p.75):

O Outro é tudo aquilo (humano, não humano, visível, não visível) que me arranca de pretensa estabilidade de uma identidade fixa (um modo padronizado de pensar, sentir, agir) provocando-me com um incessante convite para diferentes formas de ser-estar no mundo.

Pois o “outro” é o desafio, é tudo aquilo que está fora do eu, é tudo aquilo com que o sujeito pode estabelecer e criar formas de relacionar-se expressando inúmeras composições por meio de somas do eu e do “outro”. Criando uma identidade móvel, dinâmica e processual, que se constitui a cada sentir e agir com o mundo. Assim pode-se perceber que não existe apenas um sujeito, único e autônomo, mas sim vários ‘eus’, que se misturam voluntária e voluptuosamente, ressignificando sua identidade a todo o momento.

Uma das garotas descreve o feminino da seguinte forma:

“quando pensamos em feminino já pensamos nas mulheres. O feminino tem por base sedução, a sedução não é de buscar um homem, mas sim de atraí-lo, a mulher é bem delicada, cuidadosa, caprichosa e outras coisas mais. Ser mulher (feminino) é muito bom, claro tem suas desvantagens, mas tem muitas vantagens, um exemplo é engravidar, poder imaginar que alguém que você tanto ama sair de dentro de você, é um orgulho muito grande. Mulher é muito sentimental e por mais que digam que não toda mulher fica triste ao perder alguém que ama. A mulher só quer ser feliz, algumas pensam em construir famílias, outras não, mas sendo felizes do jeito delas, no que elas querem. Mulher é ser lutadora, pois muitas mulheres são sofridas, mas não é o fim do mundo, elas batalham para tentar deixar esse sofrimento e na maioria das vezes conseguem. Não existe um homem feliz que por trás dele não tenha uma mulher maravilhosa, pode ser mãe, avó, esposa, mas um ser feminino. Ser feminino é ser mulher!”

Esse feminino relaciona-se intimamente com o intuito da maternidade, uma construção social clássica do papel da mulher na sociedade. Descreve uma mulher maternal, que está em casa e cuida do marido fazendo com que ele torne-se um ícone social. Ou ainda, é uma mulher que orgulha-se de suas tarefas diárias, executando-as com cuidado e esmero. Segundo BADINTER (1980, p. 199), o amor materno foi construído forçosamente, pois a maternidade no século

XX adquire um outro sentido, com muito mais responsabilidades. Segundo ela “enriquecida de novos deveres, ela se desdobrava além dos nove meses irreduzíveis (...), logo se descobriu que a mãe devia igualmente assegurar a educação dos filhos e uma parte importante de sua formação intelectual”. Neste processo os encargos e deveres maternos passam a ser considerados como “naturais” a uma boa mãe e mulher. BADINTER (1980, p. 199) menciona ainda que: “graças à psicanálise, a mãe será promovida a ‘grande responsável’ pela felicidade de seu rebento. Missão terrível que acaba por definir seu papel. Sem dúvidas, esses encargos sucessivos que sobre ela foram lançados, fizeram-se acompanhar da promoção da imagem da mãe”.

**IMAGEM 02:** As vontades de ser mulher



Este texto exemplifica muito das categorias mencionadas, pois demonstra como é constituída a identidade da mulher e como o discurso feminino permeia as qualidades e as vontades de “ser mulher”. A sociedade investiu muito tempo na formação e objetivação dos sujeitos mulheres, afinal o papel de ser mulher muda a

cada novo momento histórico e a cada novo espaço que deseja ou tem que ocupar. No texto acima, se menciona o poder da sedução, mas é de certa forma uma forma velada e discreta, que assim como no passado era evidenciada por formas delicadas e cuidadosas de olhares sugestionadores. Este feminino está imbricado de características ditas medievais<sup>15</sup>, o que demonstra que, apesar do *'continuum'* do tempo e das rupturas que envolvem o histórico do feminino, ainda existe a presença de discursos que se remodelam e ganham novos formatos de acordo com a época e a exigência social imposta. Isso também pode ser representado na idéia de que engravidar e gerar uma vida é uma vantagem da mulher, e de que o amor materno é intenso e soberano. Segundo SABAT (2001, p.11), alguns signos, como a maternidade, são reforçados por diversas formas pela mídia, desde o cabelo, das roupas até suas funções como mãe. Durante muito tempo, o processo de disciplinarização foi exercido, compondo uma vigilância social do que se poderia ser ou fazer, controlando o indivíduo por meio das leis, e principalmente, por meio das inserções dos sujeitos em ambientes institucionalizados, como a família, a escola e as fábricas (FOUCAULT, 1975).

Foi por meio dos saberes que as instituições exerceram o poder de disseminação e implementação dos discursos sociais. O que merece destaque, atualmente, é como esses saberes-poderes relacionam-se entre os sujeitos de forma muito mais ampla, extrapolando os muros disciplinares das instituições e produzindo uma sociedade de controle instantâneo (DELEUZE, 1992), na qual o sujeito não precisa mais de alguém para vigiá-lo, ele mesmo se autocontrola e tenta agir de forma coerente com a sociedade, apropriando-se dos discursos que nela estão dispostos. Ou ainda tornando-se um foco de resistência a essa relação de saber-poder. Assim as menções de feminino relacionadas ao sentimentalismo, ao ser feliz e ao sofrimento de uma mulher, podem ter duas faces que se trançam e formam a expressividade e a representação de um sujeito no mundo. Afinal, ser sentimental pode ser a caricatura de uma mulher vulnerável e insegura, mas

---

<sup>15</sup> Talvez, para melhor explicar os papéis femininos e essas características sejam necessários relembrar as muitas funções que a mulher desempenhou durante o percurso histórico da sociedade. Afinal Segundo MATOS e SOIHET (2003), o corpo da mulher sempre esteve ligado a concepções temporais, médicas, trabalhistas e maternas. Esses discursos parecem ecoar durante séculos ainda mantendo-se vivos na contemporaneidade.

também pode ser uma forma de entender o mundo não tão racional como o tempo-espaço contemporâneo exige. A busca pela felicidade pode ser um estigma carregado de imagens de princesas de contos de fadas, mas a felicidade também se tornou um momento de resolução de problemas e vibrações. Tornou-se uma busca pela auto-realização e para estimular o cuidado de si. A significação do sujeito, depende da apropriação que este faz da realidade, tornando-a uma forma de subjetividade evidenciada e concordante, ou uma subjetividade resistente e incompleta, que busca no 'outro' formas para se tornar mais 'eu'. Assim segundo SILVA (1998, p. 12), "o ser contemporâneo é, sem dúvida, um objeto situado por tecnologias do eu que vão da religião até as formas mais 'científicas' de regulação da conduta". Com esta questão levantada por SILVA, pode-se dizer que tudo o que está ao redor dos sujeitos pode torná-lo diferente. A cultura permeia e é permeada por linguagem, comportamentos, necessidades, desejos e consumo, elementos esses que, se tornam meio para a dissipação e organização discursiva, que é por diversas vezes hegemônica quando se trata dos saberes. Para SILVA (1998, p.10) "na medida que a subjetividade(...) não existe nunca fora dos processos sociais, sobretudo de ordem discursiva, que a produzem como tal", faz-se necessário o entendimento de um feminino que faz parte de uma construção teatral da sociedade discursiva e que por suas diversas formas ganha força e justificativa no meio social, discursivo e científico.

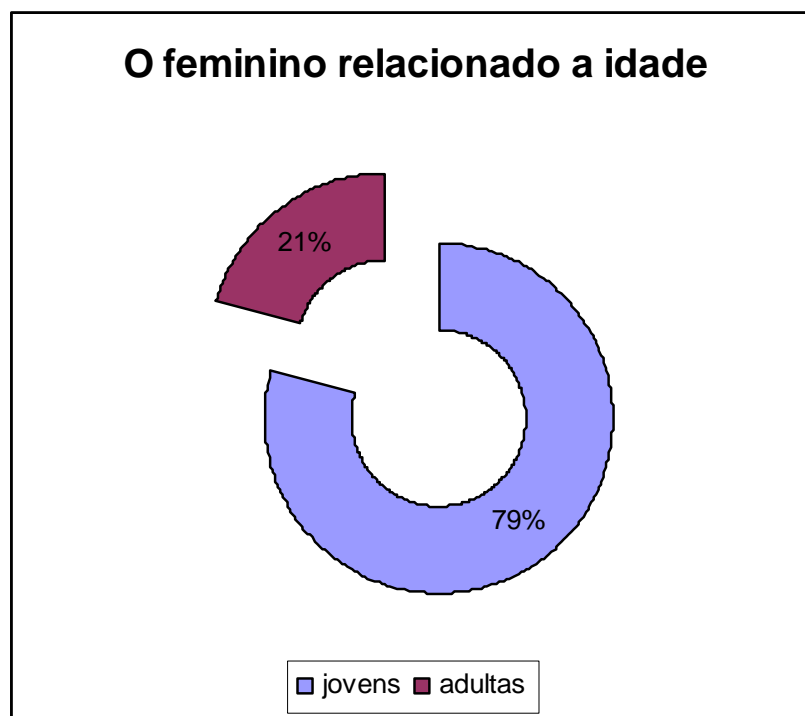
Outros exemplos podem ser citados quando toma-se por base a perspectiva das garotas em relação ao feminino. Um discurso que ainda é relacionado à mulher é o do desejo que a mesma desperta no homem. Desejo esse que é utilizado como meio publicitário para atingir a auto-estima feminina. Afinal compra-se e vende-se muitos aparatos, roupas e acessórios vinculando a imagem dos mesmos ao desejo feminino ou masculino de pertencer ao sexo oposto. Talvez, o desejo seja uma prática discursiva que interliga, sorrateiramente, os intuitos do saber, do poder e da sexualidade.

#### 4. IMAGENS DO FEMININO

Na perspectiva deste trabalho, entende-se que possa haver muitas formas de representações de uma mesma temática, assim as respostas das garotas determinaram diversas formas do feminino. O fato das imagens terem procedência de revistas e serem escolhidas por garotas jovens de faixa etária de 14 a 15 anos, acaba por interferir no processo de escolha. Entende-se que o procedimento de escolha de imagens seja um pouco limitado, pois acaba por evidenciar um procedimento midiático de comunicar-se com o mundo. Deve-se considerar que, segundo FABRIS (2003, p.62), a “semelhança e diferença imbricam-se necessariamente no retrato, uma vez que ele pode afirmar tanto a unicidade da pessoa na multiplicidade dos sujeitos(...) quanto a multiplicidade das pessoas na unicidade do sujeito”. Assim, as imagens podem ser um meio de visualização, por meio de diferentes linguagens, o discurso social. Porém, a possibilidade de ser muitos em um só, é que faz a diferença em meio às tecnologias de si, pois essa forma de experimentação proporciona ao sujeito perspectivas de subjetividades construídas segundo diversos olhares. No primeiro momento, não é qualquer feminino que aparece, mas sim especificamente aquele relacionado com as mulheres jovens e adultas. Aparecem, com pouca frequência, mulheres idosas ou crianças nesta forma de representação. O gráfico abaixo especifica estas proporcionalidades.



**GRÁFICO 1:** A representação do feminino relacionado à idade.



Isso revela parece que as mulheres femininas devem estar sempre jovens<sup>16</sup>, bonitas, apresentando-se de forma 'cuidada', delicada e sutil. As jovens que aparecem estão em evidência na moda e as adultas,<sup>17</sup> são mulheres bem sucedidas, famosas e bonitas. Mulheres que preservaram suas linhas de juventude. Segundo SILVA e SOARES (2003, p.86), "a juventude e a sexualidade são categorias sociais que a mídia explora como indissociáveis uma da outra e como centrais na nossa vida" esse discurso da juventude eterna é desejado e consumido, pois a cada novo dia surge uma nova forma de manter-se em dia com o espelho. Uma sociedade do cuidado de si, na qual segundo GOELLNER (2003, p.28), "o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras

<sup>16</sup> As jovens estão prescritas neste gráfico como sendo as representantes do público alvo desta pesquisa, ou seja, mulheres que estão começando sua vida social, que se encontram na faixa etária de 18 a 25 anos e que ainda estão firmando-se profissionalmente.

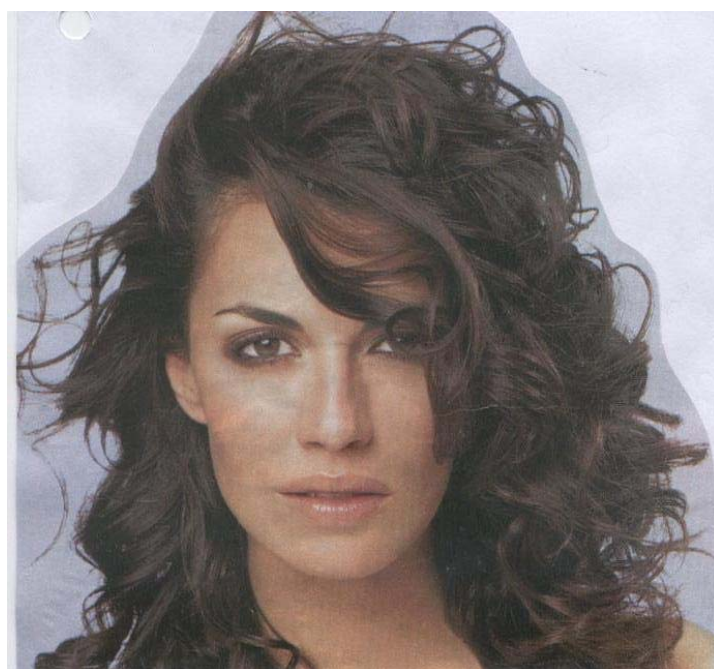
<sup>17</sup> As mulheres adultas são referenciadas como sendo aquelas que foram ícones na sua juventude e preservaram seus padrões estéticos, sendo admiradas pela preocupação em estar sempre bem consigo mesmas. Elas encaixam-se na faixa etária de 25 a 45 anos.

intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz”.

Pode-se entender que, as possibilidades de mudança corporal proporcionadas pelo processo de avanço científico, estimulam os cuidados com o corpo e o consumo de produtos de beleza que, diminuem, atenuem ou disfarcem a idade com a intenção de ressaltar a beleza feminina de cada mulher. Deve-se, no entanto, mencionar que esse consumo e esta vontade de cuidar-se estão intimamente relacionados ao forjamento de modelos exemplares que desfilam a concretude dos discursos de beleza, estética e feminino.

As beldades femininas apresentam-se constantemente. Algumas mulheres selecionadas pelas garotas não estão necessariamente na mídia, mas passaram por um processo de evidencialização momentânea, ou seja, foram surpreendidas em um momento que retratava uma reportagem ou venda específicas de interesse midiático. Têm-se abaixo dois exemplos desse feminino representado como jovem/adulto.

**IMAGEM 03:** Representações do corpo jovem-adulto

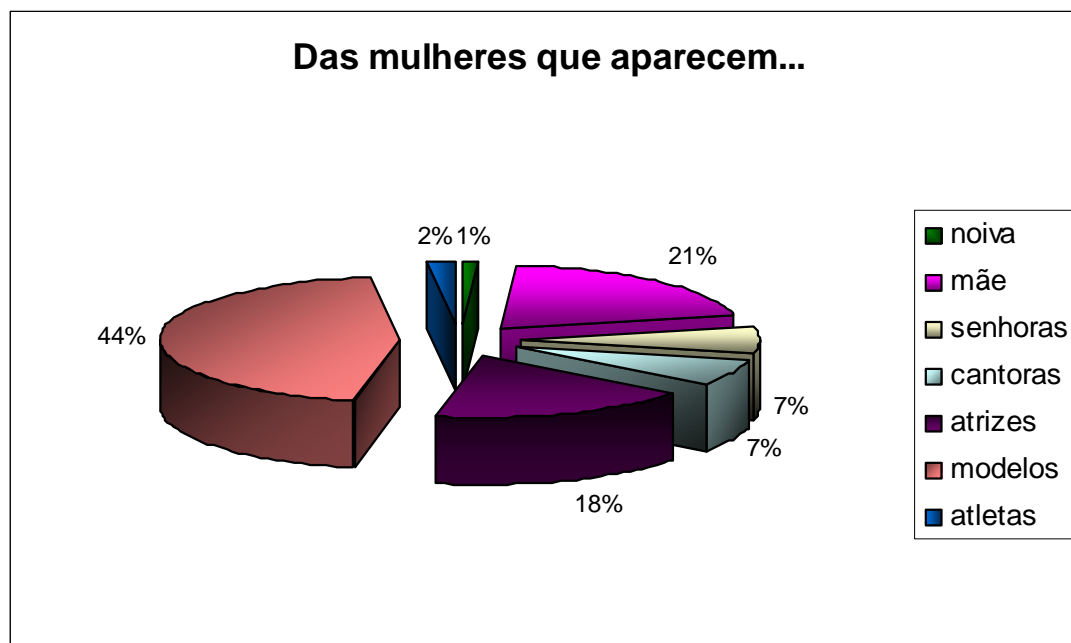




Este corpo feminino jovem/adulto segue algumas evidências sociais, uma linguagem condizente com os discursos e meios de dissipação do poder na rede social, pois segundo GOELLNER (2003, p. 29), “com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir exemplo, o que é considerado belo, jovem e saudável”. Assim, as imagens tornaram-se tão cotidianas quanto a fala, e suas expressões formaram-se como uma linguagem própria, delineada pelos apelos publicitários e pelas histórias romanceadas dos canais abertos de televisão. É, de certa forma, esta linguagem visual que demonstra e evidencia exemplos de corpos e mulheres “perfeitos”, cria idealizações efêmeras, difusas e muitas vezes regionalizadas, mas sempre com um toque de normalidade, disciplina e feminilidade inerentes à produção social. Como um formato básico de elegância, educação e signos sociais que não podem faltar em uma imagem feminina. Para especificar melhor pode-se compor um gráfico das mulheres que se apresentam enquanto ‘feminino’ para as garotas. Entre noivas, mães, atrizes e modelos, o feminino compõe-se de forma abrangente e diferenciada, ou seja, podem ser ‘feminino’ ‘todas as idades’,

todas as belezas, todas as mulheres, etc..., mas a percepção desta abrangência é subjetivada pelas falas e pelas repetidas imagens de felicidade e delicadeza que as imagens trazem em comum.

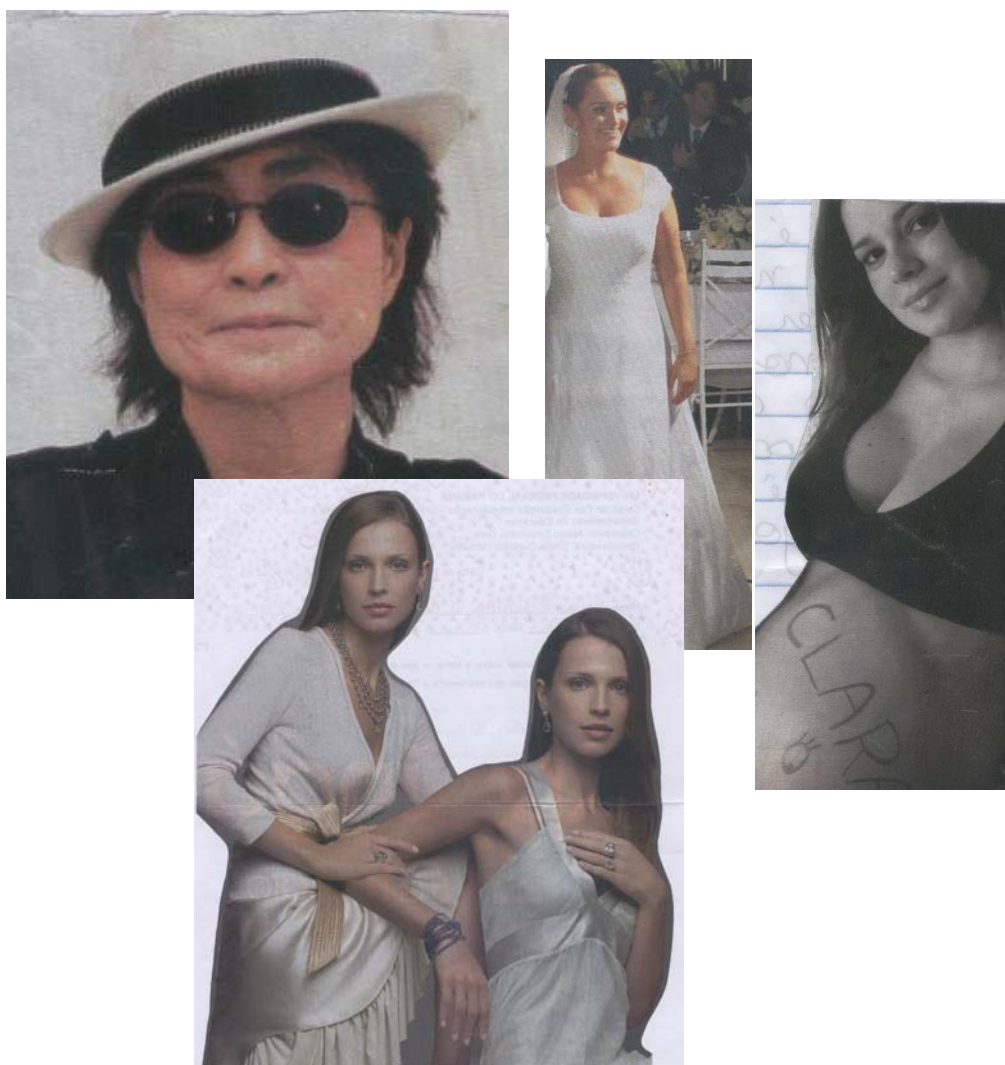
**GRÁFICO 2:** As mulheres representantes do feminino



Segundo FIGUEIRA (2003, p.129) a “centralidade na estética pressupõe uma atitude já naturalizada de que o interesse primeiro de todas as garotas sustentam se refere aos cuidados com a aparência”. Sobretudo o que parece evidenciar-se no intuito das garotas seria uma estética de sensações, de figuras e representações que se encontram de forma coerente com o seu processo de formação subjetiva, ou seja, imagens que confluam com o “sonho” criado e sustentado de felicidade, amor de belas princesas. O gráfico apresenta alguns papéis sociais, como o papel da mãe que remete à beleza de gerar uma vida e se doar para a felicidade de seus filhos. Ou ainda, o papel da noiva que resgata no seu vestido branco a ideologia da pureza e a necessidade de buscar a felicidade em um relacionamento harmonioso do “felizes para sempre”. Os papéis de maior destaque são os das atrizes (18%) e das modelos (44%), pois essas imagens

referem-se, diretamente, a um exemplo jovem e mais, enaltecem posturas diferenciadas de comportamento, beleza e sucesso, qualidades essas que se ensina às meninas, desde muito cedo e que se acredita serem importantes para a realização pessoal. Neste ponto os corpos femininos podem inspirar uma elegância e uma coesão com os discursos que envolvem esta criatura que é o universo feminino.

**IMAGEM 04:** Os papéis do feminino



Em meio a tantas formas de papéis que são atualmente assumidos pelas mulheres, duas representações chamem a atenção, como é o caso das senhoras e das atletas, pois se compõem de forma diversa das mencionadas até o momento. Essas imagens não correspondem fidedignamente a um exemplo exaltado. Seria então um processo de resistir a esses discursos? Pode ser, afinal a exaltação do corpo jovem está em voga, mas a presença de outras mulheres, com mais idade, também se faz presente, ressaltando formas de ver este corpo, que pode ser meio da história que ele conta, pode ser pela imagem de preservação que apresenta ou ainda pelo ícone que sustenta perante uma época.

O aparecimento das atletas (2%) ressalta uma outra forma de entender o corpo feminino, demonstra que também se devem transpor barreiras, comporem-se como saudável e belo. A imagem da atleta transmite uma estética diferente, muito mais voltada ao biológico, um corpo livre de gorduras e, por consequência, mais definido e delineado anatomicamente, demonstrando uma tendência publicitária de estilo de vida – um corpo que aparece e representa uma escolha de “saúde”. Talvez, esse corpo atlético demonstre com mais propriedade o corpo de forma publicitária, o corpo *outdoor*. Segundo FIGUEIRA (2003), esse tipo de corpo é um meio de despertar desejo, afeto e emoções. Essa forma publicitária acaba por tornar-se uma pedagogia, pois é por meio dessas imagens que se pretende vender e principalmente ensinar valores, condutas, comportamentos e estilos de vida. Ou seja, compor novas formas de subjetividades, outras identidades. Esse corpo *outdoor* é um corpo que se diferencia do modo escolar normativo, ele dispõe-se a ser uma forma individualizada e expressiva do ‘eu’. Essa pedagogia atua diferentemente da escola, como explica ROSA (2004, p.28):

Muitos episódios nos levam a crer que a escola, por não se dar conta, por não reconhecer as senhas dos acontecimentos da atualidade que estão a disposição como se a vida passasse ao lado, ainda faz uma pedagogia enrijecida, asséptica, idêntica, uniformizada, desprovida de escuta e significados que digam, que interpelem, que façam sentido às demandas, às necessidades e às individualidades de seu público de estudantes.

A autora ainda apresenta, com muita propriedade, essa nova forma de presenciar, viver e sentir o corpo. Segundo ela, “um corpo *outdoor*, referindo-se a jovens que utilizam seus corpos como se fossem páginas ampliadas de suas



agendas, como espaços de conversação, de marcas, registros, adesivos, tatuagens, desenhos, pinturas, marcação de compromissos, partes rasgadas, visibilidades, insinuações, segredos ou exibicionismos” (ROSA, 2004, p.18). Esse corpo compõe uma outra forma de viver e entender o mundo, assim como uma forma de pedagogia, de transmissão de valores, crenças, condutas e comportamentos.

Assim, corpos que adotam estilos de vida, confluem para uma conversa simultânea, compõem elos de representações próprias de ser, gerando uma identidade reconhecível no meio social. As visibilidades juvenis desses corpos femininos, jovens, *outdoors* de suas identidades desfilam principalmente nos meios institucionais. Segundo ROSA (2004, p.27) “a escola pensa que o aluno vai lá só para estudar, mas ‘quero me socializar também’”, assim as identidades proporcionam a vida social das garotas e constroem seus estilos de vida segundo suas escolhas.

**IMAGEM 05:** Multiplicidade midiática e socialização



Nas imagens, tornam-se constantes as formas famosas e bem sucedidas das atrizes e modelos, as diferenças constituem-se principalmente nas posturas assumidas e nas roupas selecionadas. Parece que existe uma centralidade no “normal”, aquele que é branco, heterossexual e confiável, por diversas vezes procura-se o “outro”, mas em poucos momentos ele aparece e, mesmo assim, com ressalvas. Na maioria das vezes as mulheres são brancas. Existe apenas duas exceções: a foto acima, na qual tem-se muitas garotas e em um golpe publicitário uma delas é negra e, em outro caso específico de escolha desta mulher negra, condizente com a história da garota que a escolheu – uma jovem negra e muito bem posicionada em seus ideais. Portanto, a escolha desta imagem não foi por acaso, mas o processo de subjetivação desta jovem não deixa de ser, de certa forma, o mesmo, pois sua escolha também é de uma mulher negra, jovem, famosa, bonita, o que condiz com os padrões hegemônicos de uma sociedade branca. Poderia se dizer que esta resistência é representativa, afinal segundo ROLNIK (2002, p. 311), as “subjetividades neste regime tem duas opções: serem criadoras, mas para converter-se em matéria prima de identidade *pret-à-porter*, ou serem suas passivas consumidoras”. Neste caso, parece haver uma força criadora, uma forma de diferenciar-se e identificar-se em meio a sua etnia, pertencer a uma potência transgressora que indica um olhar mais amplo e a adoção de um estilo de vida que comporte, não apenas as normas e condutas sociais, mas sim uma vida criada e vivenciada com sentidos e maneiras de resistência. Não que o fato de serem “passivas consumidoras” não faça parte do cotidiano feminino, mas na maioria das vezes, as mulheres buscam uma identidade que imprima um estilo, uma marca, pois isso a faz ser diferente e diversa perante a sociedade. A necessidade de utilizar-se dessas subjetividades como matéria-prima, possibilita a elas uma experiência momentânea que pode, ou não, contribuir para sua formação enquanto sujeito do universo a que pertence. Parece haver uma coexistência em, escolher passivamente e escolher como forma de potência e isso não é absurdo. Afinal os sujeitos são complexos compartimentos de pulsões, ansiedades e conflitos.



**IMAGEM 06:** Resistir?

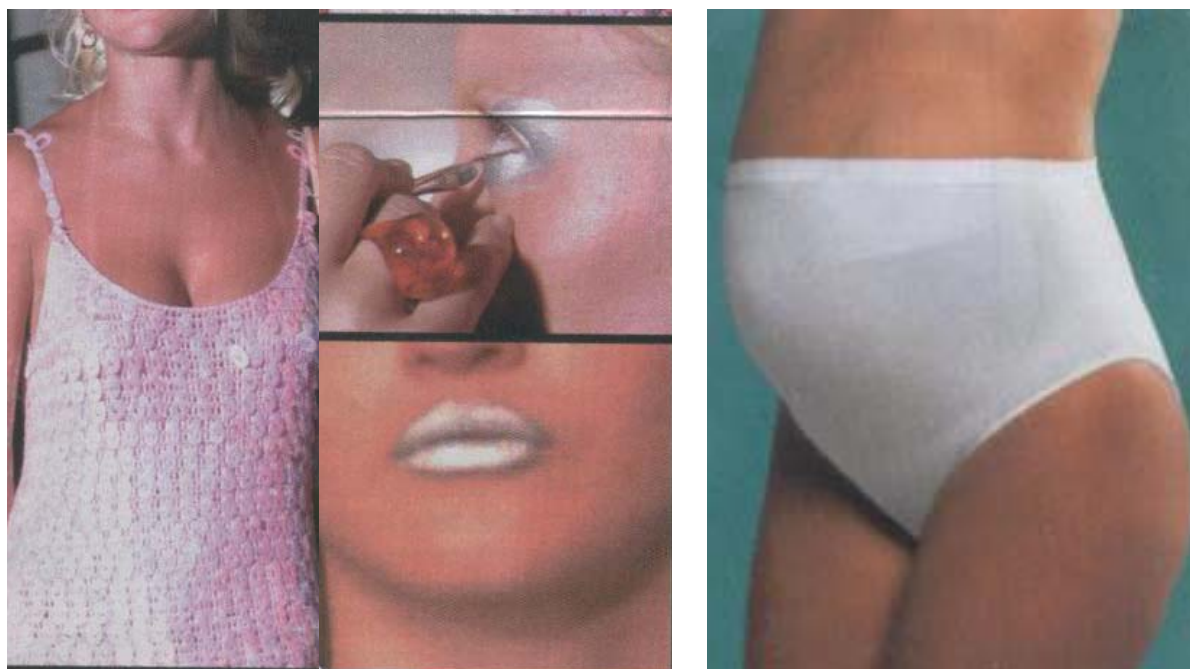
Seguindo uma outra vertente na escolha das imagens há figuras que ressaltam partes de mulheres, como se fossem pequenas seleções corporais possíveis de representarem tudo ‘o que é feminino’. São lábios grossos e carnudos, bustos com decotes, olhos pintados e mãos delicadas, que evidenciam o dito universo feminino. Parece haver uma preponderância a aspectos que ressaltam o valor de cuidar de si e manter bela bem apresentável ao social, ou ainda, a volta da melhor e mais destemida função da mulher – a de ser mãe. Seria então possível perceber que tais imagens são evidências publicitárias para idealizar a compra e venda de produtos e idéias? Segundo SANT’ANNA (2002, p.104), “no lugar do corpo sem órgãos, abre-se a possibilidade para fabricar, aqui, órgãos, células sem corpo. E, ainda, órgãos, células e corpos liberados da ‘forma homem’”. Ou seja, podem-se fabricar não apenas próteses e implantes, mas também, uma outra forma de entender o corpo que não esteja restrita aos padrões de discursos sociais. Desta maneira, abrem-se possibilidades de resistência,

principalmente quando se tenta minimizar ou atenuar os processos de impacto social desses estereótipos. Segundo OLIVEIRA JR. (2005, p.57):

As subjetividades contemporâneas (notadamente aquelas em formação – de crianças e jovens) têm na imagem do corpo físico um de seus pontos centrais, senão o seu centro único. E é este corpo que o cinema (e a tevê) nos exibem quase o tempo todo, exaustivamente, de maneira fragmentada (mãos num momento, pés em outro, músculos em outro, face em outro...), deixando aos espectadores a tarefa de reagrupar, juntar, organizar esses fragmentos corporais em seu imaginário.

Assim, os corpos fragmentados podem sugerir uma escolha de constituição física. Os pedaços podem provir de vários corpos diferentes para transformar-se em um corpo idealizado e desejado no imaginário. Esse fator pode instigar a necessidade de modificação corporal e a produção de uma melhora do 'eu' levando a constituir novas tecnologias de si<sup>18</sup>.

#### **IMAGEM07:** Corpos sem órgãos, órgãos sem corpos



<sup>18</sup> “Tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria”. (EIZIRIK, 2005, p. 79).

De alguma forma essas imagens parecem sustentar a limitação dos saberes de um corpo fragmentado e utilitário. Exacerbando cuidados específicos para cada parte do corpo, ou ainda, ressaltando um corpo e um feminino sempre em construção e em manutenção. Esse desejo expansivo de cuidar, modificar ou produzir um corpo foi impulsionado, pelo desenvolvimento genético e pelos movimentos globais de bens industrializados.

Pode ser que haja o desejo de apropriar-se dessas imagens femininas, muitas vezes, fragmentadas no intuito de preparação para intervenções corporais (desde tatuagens e piercings até modificação de seios, barrigas e glúteos) que representem um novo conceito de autenticidade a essa mulher, a esse feminino. Um exemplo disso pode ser visto em *Agrado*<sup>19</sup> que segundo OLIVEIRA JR (2005, p. 58):

Vem propor uma idéia de autenticidade cada vez mais exequível em nossa sociedade em que os recursos tecnológicos de todo tipo se fazem mais presentes a cada dia (e aqui incluo não as cirurgias plásticas, mas também todo o aparato das academias de ginástica e da indústria dos cosméticos e dos hormônios). Uma autenticidade, eu diria, urbana, específica do ambiente técnico no qual vivemos hoje. Uma autenticidade que vincula os (corpos de) homens e mulheres não mais (e somente) à natureza, mas principalmente à história e à cultura.

Parece então que o corpo é o espaço para os acessórios em um tempo de desenvolvimento de novas tecnologias do 'eu'. Afinal as muitas formas de subjetivação proporcionam novas experiências e sensações. As formas de resistência são mais difíceis e muito mais fáceis do que se possa imaginar. Mais difíceis, pois as modificações às vezes tornam-se tão estranhas aos olhos de seres 'normais', dóceis e disciplinados que o preconceito, os estigmas e situações desagradáveis podem aparecer. Mas também são fáceis, afinal tudo o que é modificação é uma forma de resistência, de chamariz. Neste trabalho a resistência não é ideológica, mas sim experimental – de sensações a serem experimentadas. Nesse sentido, cada criação de uma nova forma corporal é uma forma de resistência. Essa forma mutante faz com que a necessidade de conhecer e superar possam ser mantidos. Importante ressaltar que a presença da mídia

---

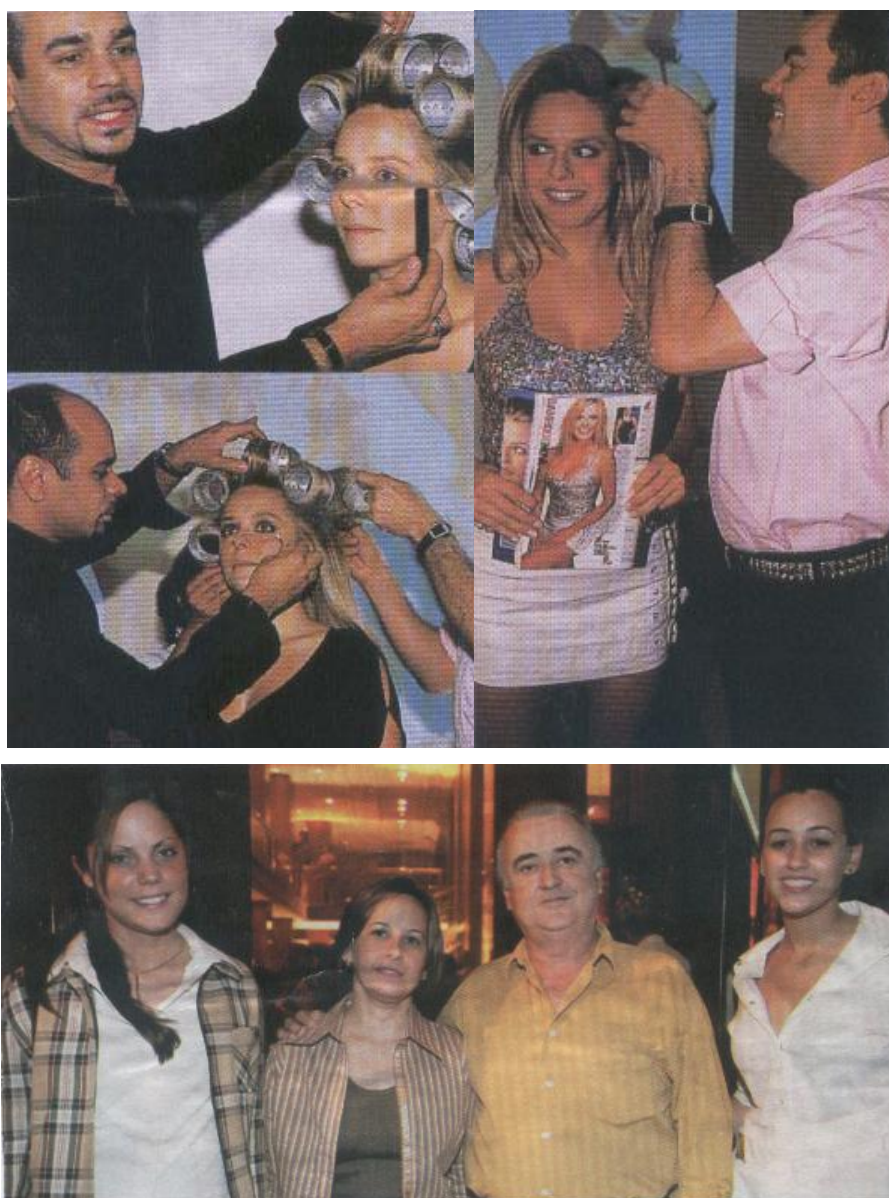
<sup>19</sup> Personagem do filme *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, citado por OLIVEIRA JR. (2005, p. 53-65)

também conforma mais rapidamente essas resistências, fazendo com que se tornem mais espontâneas e gerem uma nova cultura a cada dia.

O feminino tem sido representado por mulheres e seus artefatos, mas, como já mencionado nos textos analisados, o feminino também pode estar relacionado aos homens. No entanto, a postura das jovens está muito mais voltada a entender que os homens são meros coadjuvantes na vida das mulheres, os colocando sempre em segundo plano, como o cabeleireiro, o marido, os amigos, mantendo a figura essencial da imagem como sendo a mulher. Podem-se perceber estes fatores nas imagens abaixo:

**IMAGEM 08:** Masculinidade figurativa





Em apenas um caso o homem aparece como representante do feminino. Sua imagem é clara e nítida, assim como a opinião da garota que selecionou tal imagem. Ela afirma que: *"não importa é homem ou mulher, pois existem homens que também tem um estilo, um jeito feminino porque como as mulheres gostam de se cuidar*. Em seguida a jovem anexa a imagem abaixo.



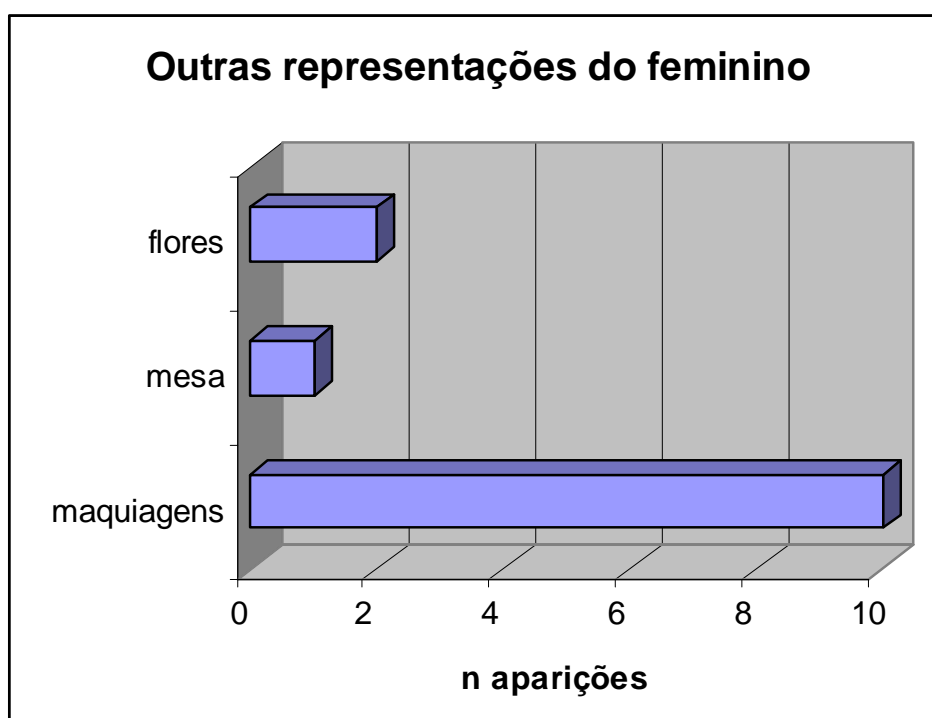
**IMAGEM 09:** Um entendimento do feminino

O que a fala pode suscitar de dúvidas, com relação a que homem é esse que tem um *jeito feminino*, a imagem esclarece. A jovem não fala de um homossexual e sim de um homem heterossexual que cuida de si e que é vaidoso. Talvez o que as outras jovens entenderiam por qualidades femininas e segundo elas "*naturais as mulheres*". Esse novo homem começa a ser referenciado em estudos acadêmicos e também socialmente com o adjetivo de "metrossexual", pois é uma forma diferenciada de subjetividade masculina. Um homem que assume sua sensibilidade, que é definido como heterossexual mais que possui uma vaidade quase feminina. Este fator sugere, segundo GARBOGGINI (2005, p.102) "adoção de novos produtos e serviços de um modo moderno, associado à aquisição de novos hábitos". Isso contribui para a formação de um novo tipo de consumidor, de público alvo e assim de novas particularidades da cultura, interferindo lentamente nas atitudes de toda uma sociedade. O entendimento do

papel masculino por muito tempo permaneceu quase sem alterações, mas a evolução do feminino interferiu de forma contundente no papel do homem.

As representações, até este momento, estão ligadas ao sexo – homens e mulheres – mas as garotas interpretam que o feminino também pode ser representado por outras coisas, sendo elas características do lar como é o caso de uma mesa na varanda, ou ainda, as muitas maquiagens que desfilam pelas cartas de pesquisa. Há a proposição de flores (como margaridas, gérberas e rosas) para designar o feminino, levando, a crer que, a delicadeza é inerente ao feminino. O gráfico abaixo pretende expor de forma objetiva estas poucas, mas significativas, aparições de um feminino que não é exposto em pessoas, mas sim em coisas e objetos característicos de uma produção histórica do que é ser mulher.

**GRÁFICO 3:** As outras faces da representação do feminino



Essa forma de representação do feminino, foi construída de acordo com a evolução social. São signos que delimitam, de alguma forma, a cultura e o universo feminino. Desde cedo a pedagogia social envolve as meninas em meio a discursos sobre o feminino que se constroem como parte do cotidiano. Segundo SABAT (2001, p.12) “a publicidade não inventa coisas; seu discurso, suas representações, estão sempre relacionados com o conhecimento que circula na sociedade. Suas imagens trazem sempre signos e significados significantes que nos são familiares”. Assim as representações do feminino dispostas neste momento estão envolvidas pelo processo midiático, pela compra e venda, mas também estão evidenciadas principalmente pela cultura social de um determinado espaço/tempo.

**IMAGEM 10:** Um feminino mais que biológico







Talvez, esse processo cultural possa se colocar da seguinte forma, segundo LOURO (2004, p.15), ao se fazer a seguinte

declaração 'é uma menina!' ou 'é um menino!' também começa uma espécie de 'viagem', ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo.

Ou seja, a partir de uma definição biológica, menino ou menina, passam a traçar um caminho cultural que é reconhecido e previsto socialmente. O fato de nomear o corpo possibilita atribuir a ele um caráter imutável da feminilização ou da masculinização. O sujeito é classificado e moldado, por processos disciplinadores

e normativos, de acordo com os signos e necessidades sociais. Estigmas esses, que proporcionam a diferenciação entre o que é feminino e o que é masculino. Assim, tudo aquilo que não se concentra em distinguir o universo feminino passa a ser visto com olhar de desconfiança e, muitas vezes, é desprezado pelas mulheres. O processo cultural é determinante nas experiências de subjetivação do sujeito, pois constitui todo o contexto e as cobranças inerentes ao mesmo.

**IMAGEM 11:** Inserções culturais



Como já mencionado, o feminino é especificado por diversas vezes, como sendo algo representativo das mulheres, algo que vem sendo culturalmente atribuído ao 'universo feminino'. Esse mesmo universo tem se modificado há muito tempo, as reverberações do movimento feminista e dos estudos culturalistas fizeram o mundo repensar o lugar da mulher, refletindo a respeito processo das mudanças da sexualidade e dos antigos momentos estereotipados por uma sociedade patriarcal.

Assim, muito do que é novo é criado e presenciado na sociedade atual. O feminino não está apenas nas mulheres, ele transpõe as determinações

biologicistas do sexo e faz parte de uma cultura feminina que, aos poucos, se sobrepõe ao universo masculino. Hoje, uma mulher é na verdade muitas mulheres, pois a objetivação que ela sofre todos os dias, compõe seu modo de ser, agir, pensar e de se subjetivar. Segundo SABAT (2001, p.11), deve-se pensar em deslocamentos significantes em relação à identidade feminina, pois “mesmo que ainda esteja bastante ligada a representações tradicionais, como a maternidade, por exemplo – consegue dispor de um número maior de significados do que a representação do homem”. Afinal, o sujeito é constituído de uma multiplicidade de existências, que lhe permite multiplicar-se e, assim, produzir novas identidades.

Uma dessas representações da mulher pode ser construída por meio dos estilos, criados pela moda e sustentados por uma rede de marketing e consumo. Os estilos na sociedade atual compõem uma forma de controle, de normatividade, talvez quase tão grande quanto às formas disciplinares das antigas instituições. Determinam grupos, identidades e maneiras de vida específicas. Estes estilos revelam-se principalmente na composição das roupas utilizadas, pois a elegância e a delicadeza, assim como a força e o sucesso são compostos com figurinos estilísticos<sup>20</sup> que ressaltam ou indicam uma postura ou uma idéia referente a um feminino desejado. Segundo PERROT (2003, p.14), “a elegância da moda é um dever seu”, ou seja, um dever da mulher e essa idéia faz parte da normatividade feminina desde 1900. A moda, atualmente, associada com a mídia sugerem “a adoção de novos produtos e serviços de um modo moderno, associado à aquisição de novos hábitos” (GARBOGGINI, 2005, p.102). Assim, os meios de controle social constroem redes de poder para estipular estilos/meios de vida, entre eles o saudável, o feminino, o “metrossexual” e todos os que transformam-se em discursos hegemônicos.

Segundo SILVA (1998, p.12), “o ser contemporâneo é, sem dúvida, um objeto situado por tecnologias do eu que vão da religião até as formas mais ‘científicas’ de regulação da conduta”. Nesse sentido, o controle é cultural, social, biológico e tecnológico. Os estilos de vestir-se e comportar-se socialmente são

---

<sup>20</sup> Entende-se o termo estilístico, neste caso, como uma referência ao meio da moda.

elementos culturais de constituição identitária que estruturam sujeitos distintos em meio aos discursos normativos da mídia, da escola, da família, enfim, do meio em que esses sujeitos estão inserido.

Talvez, essa tecnologia do eu quando evidenciada pela moda possa se tornar uma maneira quase perfeita de expressar um mundo de identidades incomensuráveis e fragmentadas, a qual oferece uma procissão dinâmica de signos flutuantes e trocas simbólicas. Portanto, há a possibilidade de afirmar que a perfeição reduz a moda a medidas e como consequência essa simbologia métrica reluz e reflete-se nos corpos ambíguos e desestabilizados da beleza contemporânea.

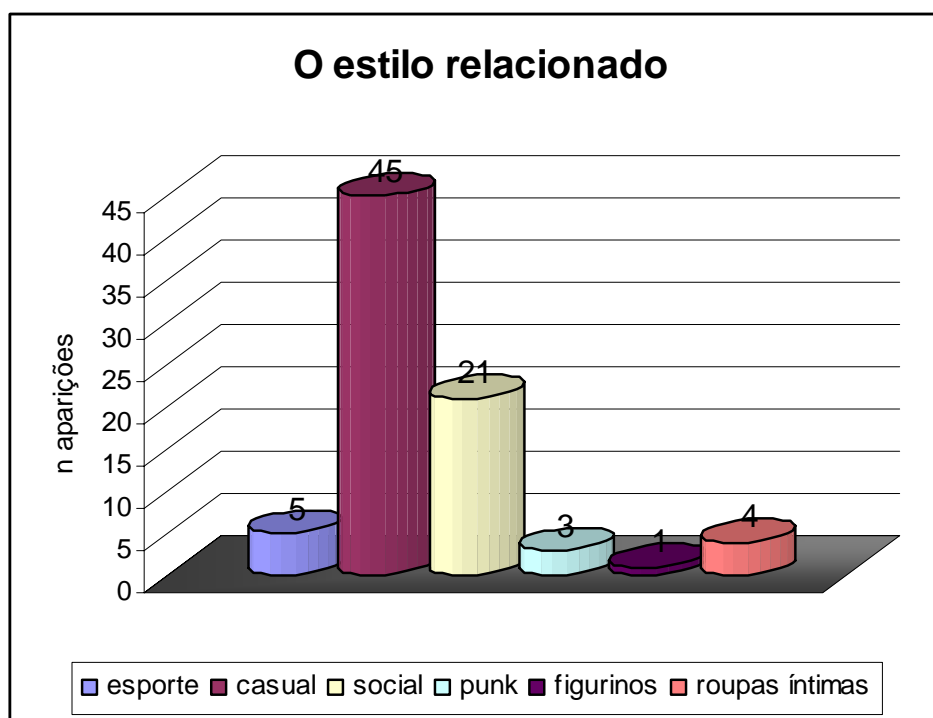
A invenção da moda nasce no ápice da modernidade, e transforma o fetiche e o corpo nas grandes cidades, pois o olhar moderno aprendeu a desejar o corpo enfeitado das mercadorias que foram sacralizadas pela publicidade e pela moda, corpo este que, exposto, incita a cobiça por meio dos vidros reluzentes das vitrines. Assim, cartografando não apenas a venda de uma moda, mas também de um corpo. Esse modo de entender uma identidade e um corpo-moda aparecem juntamente com a cultura transitória e passageira relacionada às imagens dos jornais, das revistas, do cinema e da televisiva. Ou seja, o corpo-moda se fez por meio da emergência da globalização e tornou-se símbolo efêmero, alucinógeno e teatral de um mundo contemporâneo e mutante. Segundo SANTAELLA (2004, p.118) “a moda ultrapassa até mesmo os limites do mundo *fashion*, constituindo-se em tecnologia específica de construção, sempre instável e fugaz, de eus ansiosos por meio da transfiguração das aparências do corpo, um corpo volátil...”

A moda se aprofunda quando se torna encenação do próprio corpo e quando este se transforma em função da moda, ou seja, quando se estabelece uma relação de micro e macropoderes sobre o corpo, pois essa moda pode servir para simular ou dissimular expressões e estratégias de um corpo afetado, ou ainda para a produção de novas formas de subjetivação social, depende de como o sujeito se apropria desse saber. E em meio aos discursos permanentes existe a percepção métrica do amoldamento do corpo perante as criações da moda e da mídia, sistemas que privilegiam a função mercadológica e supérflua.

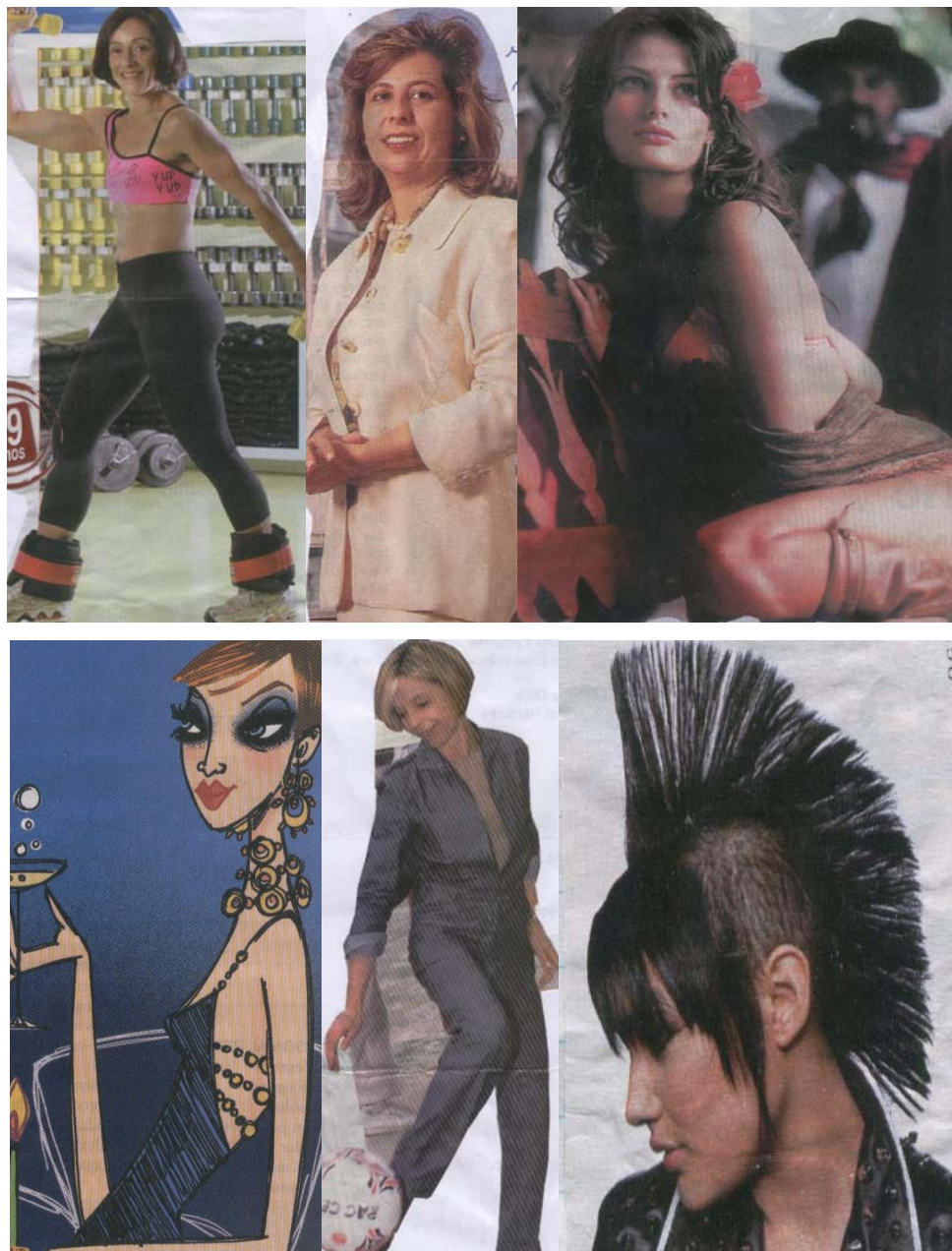
A moda e a mídia podem proporcionar uma hegemonia aparente na sua transposição como vestimentas, pois evidenciam um padrão que é fortemente codificado. Antes de tudo, os estilos de vida e a moda são formas de negociação social por trás das quais o corpo pode se apagar.

As imagens selecionadas pelas garotas revelam que os estilos (pautados na moda) são os mais variados, mulheres esportistas, mulheres empresárias, sensuais e transgressoras. Roupas sociais, de festas a estilos sexys em belas roupas íntimas. O gráfico abaixo traz esta representação.

**GRÁFICO 4:** A representação dos estilos relacionados ao feminino





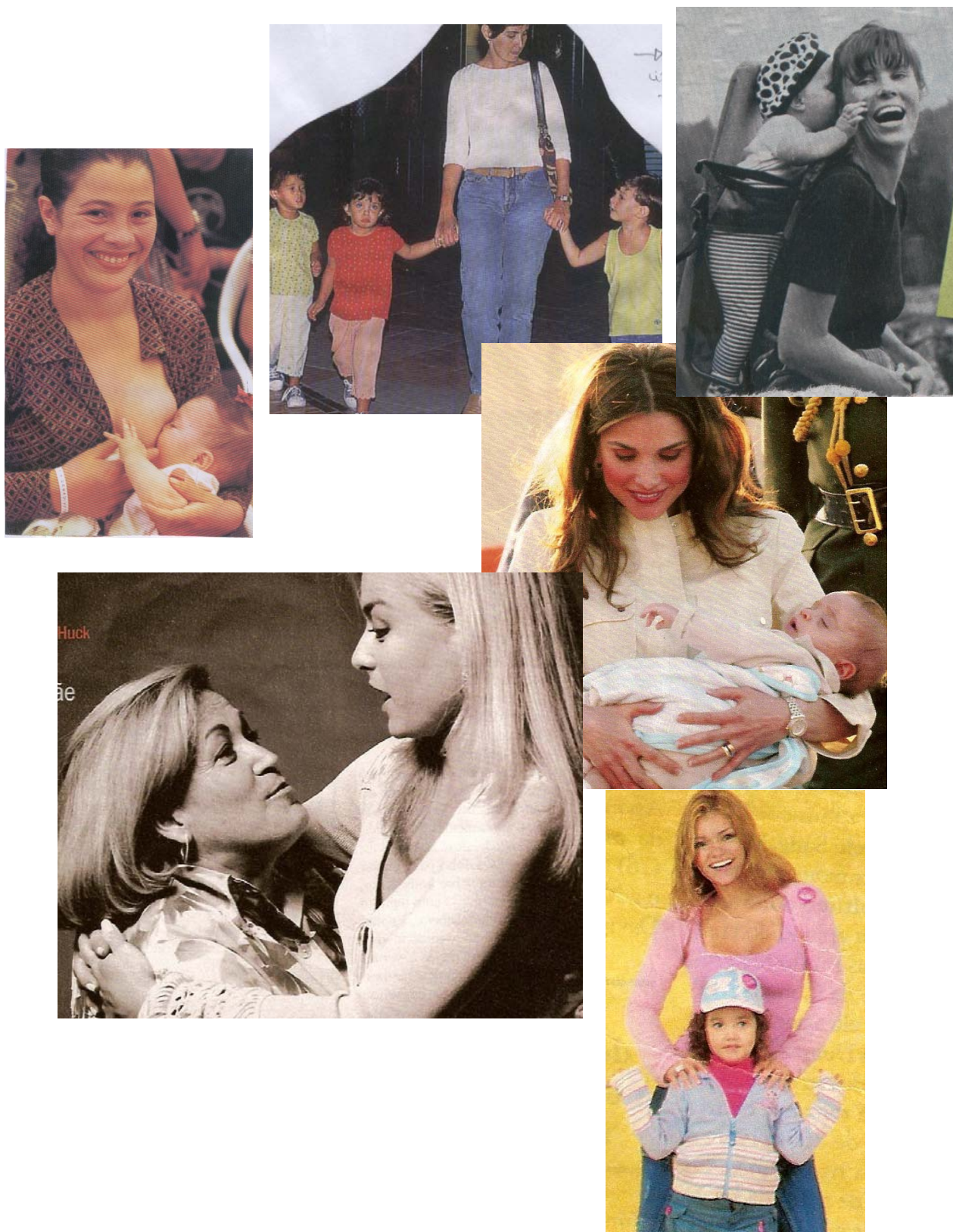
**IMAGEM 12:** Estilos multifacetados

Os estilos podem indicar uma forma de enraizamento do pensamento contemporâneo, pois se vive um momento imerso na constituição das identidades individuais criadas no meio privado. Segundo FISCHER (1996, p.13), “uma forma de adquirir identidade hoje é, por exemplo, vestir o corpo com uma roupa de *griffe*

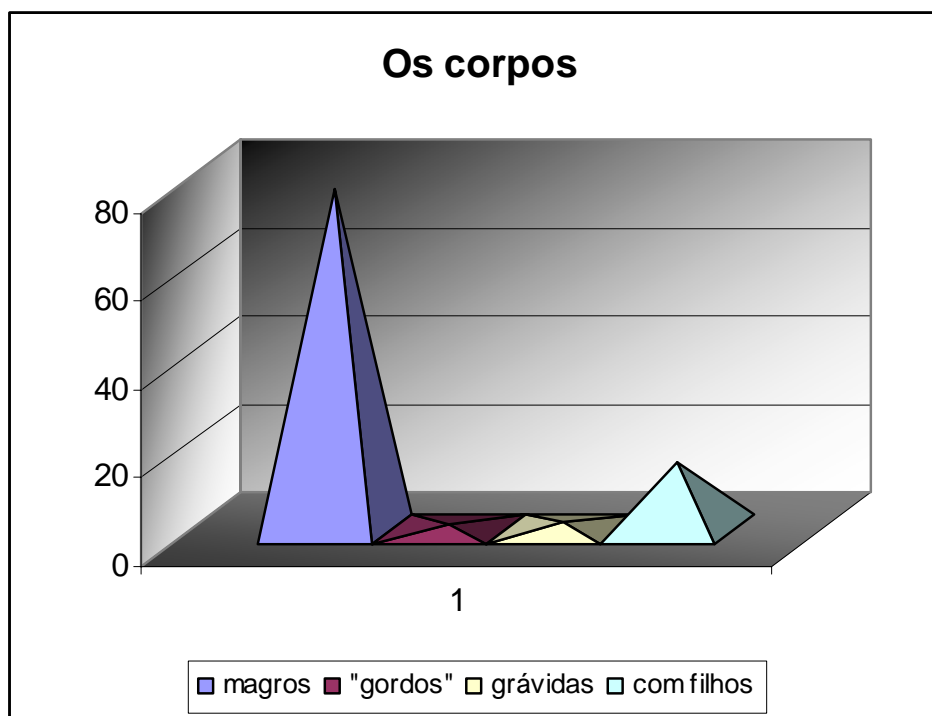
ou calçar o tênis importado, da mesma forma que uma grande empresa se promove e estabelece visibilidade no mercado, através de um sistema de signos que ‘marcam’ aquele empreendimento como coisa individual”. É por meio dessa comunicação com uma linguagem imagética que reside o sucesso da mídia e a admirável constituição do sujeito.

O que se pode perceber nos corpos, é que eles foram selecionados pelas jovens sem nenhuma forma de coerção por parte da realização da pesquisa, pois foi dada a possibilidade de ‘livre’ escolha as garotas. Porém, parece que o imaginário social e as cobranças de uma sociedade do controle responderam por si só. A grande maioria dos corpos são magros (77), longilíneos e marcados pelos padrões esbeltícos de uma sociedade de consumo. Há a presença de alguns corpos de gestantes (2), que parecem corpos deformados momentaneamente pela formação de uma vida, mas que demonstram características de corpos previamente magros e que não terão problemas em retornar a sua antiga forma. Existe a presença com certa frequência de corpos de mães – com seus filhos – que parecem ter criado uma categoria própria, pois eles não aparecem em consenso com as outras formas, reafirmando a idéia de que ser mãe é algo inerente ao feminino. As imagens e o gráfico poderão exemplificar. Primeiramente, o fator deste corpo mãe, que se tornou tão específico e importante ao tratar-se do feminino. Após, poderiam constar algumas imagens desses corpos magros inerentes a esta exacerbação da beleza ocidental almejada pelas jovens e representada pelas modelos, no entanto, anteriormente neste trabalho estas imagens já se fazem presentes, assim para que o estudo não se torne repetitivo e incoerente faz-se a opção da apresentação apenas do gráfico que relaciona esses corpos.

**IMAGEM 13:** Corpos maternos





**GRÁFICO 5:** Os corpos das imagens refletem fatores sociais

Esses corpos são pertencentes a diversas mulheres, que são representadas pelas diferentes maneiras nestas imagens. Algumas são a delicadeza, outras são executivas, algumas são as mães – como já comentado. É importante ressaltar que o papel materno é assumido e encarado com naturalidade socialmente, este modo de entender a mulher a relaciona com seus papéis domésticos e, também, com a questão profissional do magistério, pois; segundo MARCELLO (2005), algumas vezes o papel educador confunde-se com o de mãe, a autora ressaltava ainda que é a partir do destaque dado às brincadeiras de meninas que o dispositivo da maternidade assume sua posição normativa evidenciando um controle, uma forma de corpo-mãe, que se encaixa em meio as imagens aplicativas dos meios discursivos, o que acaba favorecendo a formação de outros sujeitos e de outras discursividades.

As diversidades discursivas são fruto do novo papel que a mulher assumiu e sustenta nos últimos 20-30 anos. Segundo SWAIN (2002, p. 325), “no cadinho

das práticas sociais o 'eu' se forja em peles, delimitando corpos normatizados, identidades contidas em papéis definidores: mulher e homem; assim fomos criados por uma voz tão ilusória quanto real em seus efeitos de significação, cujos desígnios se materializam nos contornos do humano", ou seja, essas muitas identidades correspondentes ao feminino, na verdade, são formas de atuação, são papéis constituintes da história, dos silêncios e das condutas das mulheres por décadas. Apesar do feminino ainda manter raízes nos conceitos de mulheres "burguesas"<sup>21</sup> ou ainda "mulheres de boa sociedade"<sup>22</sup>, muitas coisas passaram por mudanças e a representação da mulher ganha novos delineamentos com suas funções sociais e os papéis assumidos perante a família, a mídia e os homens. É importante ressaltar que existem resistências e fugas nas imagens representativas escolhidas pelas garotas, como é caso de mulheres sensuais ou 'molecas', além da representação da força em uma mulher guerreira. Essas representações não vão de encontro as imagens de mãe, esposa e empresária, são imagens diferenciadas que atribuem as mulheres outras possibilidades de subjetividades. A mulher sensual mostra-se com propriedade em meio a lingerie e biquínis, assim como as 'molecas' usam chapéis, saias curtas de xadrez e cabelos de menina. As mulheres guerreiras vestem papéis cinematográficos que atenciosamente relembram historicamente poucas mulheres que lutaram por ideais libertadores. Essas mulheres não são apenas representações de mundos diversos, elas são a cartografia de um universo feminino ampliado e repaginado para transpor os

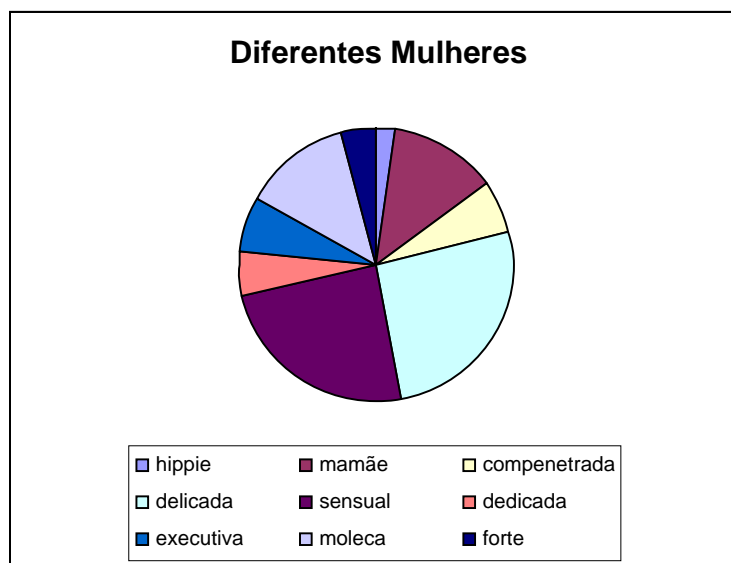
---

<sup>21</sup> Mulheres consideradas belas, delicadas, compenetradas aos afazeres domésticos e sociais. As chamadas elegantes damas da sociedade, que estão sempre na moda, informadas e distantes de uma cultura feminina por anos. Segundo BADINTER (1980, 201-205), a descrição de mulher ideal herdado pelo discurso moralizador de Rosseau remete-se ao retrato da "natureza da mulher" como aquela que possui condições de boa educação. A autora ressalta, ainda, que essa idealização da mulher não é de cunho utópico, mas sim um reforço e uma reprodução acentuada dos traços da mulher burguesa que o próprio Rosseau tinha diante de seus olhos. A autora relata que para Rosseau a mulher teria três finalidades naturais e femininas, são elas: saber apenas as coisas que convém, ser amante em belos trajes e "saber a usar a agulha e a desenhar".

<sup>22</sup> "A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos, alias variáveis segundo o lugar e tempo. O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são , cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda. Os cabelos, signo supremo da feminilidade, devem ser disciplinados, cobertos, enchapelados, por vezes cobertos com véu. A mulher 'tal como deve ser', principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, nas expressões das emoções, as quais não deixara transparecer senão com plena consciência. A mulher decente não deve erguer a voz. O riso lhe é proibido. Ela se limitará a esboçar um sorriso (...). PERROT, 2003.

discursos simplistas de mães e esposas que trabalham para sua família e seu lar. São imagens de mulheres em versões multifacetadas que se transformam a cada instante em meio a possibilidade de vivenciar novas experiências.

**GRÁFICO 6:** As diferentes posturas das mulheres



O que pode ser mencionado com tais escolhas é que a imagem neste caso pode transparecer muitas coisas que foram traficadas em pacotes biologicistas e culturais, delimitando o desejo, o consumo e as formas de ser de um sujeito. FABRIS (2003, p. 61), sugere que:

O retrato refere-se imediatamente à pessoa, ao deixar de lado qualquer preocupação com a verossimilhança. Inserida em uma situação ideal, a pessoa exprime-se por intermédio de dois códigos historicamente determinados – o ‘fisionômico’, que implica a transformação do corpo pelo uso de diferentes artifícios; e o ‘vestinômico’, alicerçado na moda, que contesta o caráter biológico do sujeito, ao negar por sua nudez primordial. Ao criar uma imagem ficcional, isto é, ao referir-se à pessoa, a pose permite analisar o retrato fotográfico pelo prisma do artifício, não apenas em termos técnicos, mas também pelo fato de possibilitar a construção de inúmeras máscaras que escamoteiam de vez a existência do sujeito original.

Assim o sujeito se transveste, compõe-se e constitui-se em meio às objetivações, normativas e disciplinadoras, e em meio as suas subjetivações, regras e escolhas levemente facultativas. A multiplicidade de ser feminino constrói-se de acordo com as ‘verdades’ adotadas pelos sujeitos participantes. Os

discursos envolvidos proporcionam uma formação e uma produção de sujeitos por intermédio das apropriações, mas cada sujeito torna-se um pela forma que atua em meio a esses discursos e produções.

**IMAGEM 14:** Diferentes escolhas do feminino



As imagens ainda revelam em si mesmas as possibilidades expressivas de seus modelos. As fotos transpõem um sentimento, uma realidade que passa a ser almejada e desejada. Suas mensagens são direcionadas e as jovens desta pesquisa procuraram em suas imagens 'o feminino' e revelaram de certa forma que ele deve se compor de muitas expressividades do cotidiano, que poderiam passar despercebidas.

O investimento publicitário em demonstrar essas expressividades esta voltado para a composição de um quadro que primeiro deve ser desejado e depois consumido, mas para isso deve demonstrar sintonia com as perspectivas culturais da sociedade e com o público que deseja atingir. Segundo SABAT (2001, p. 14):

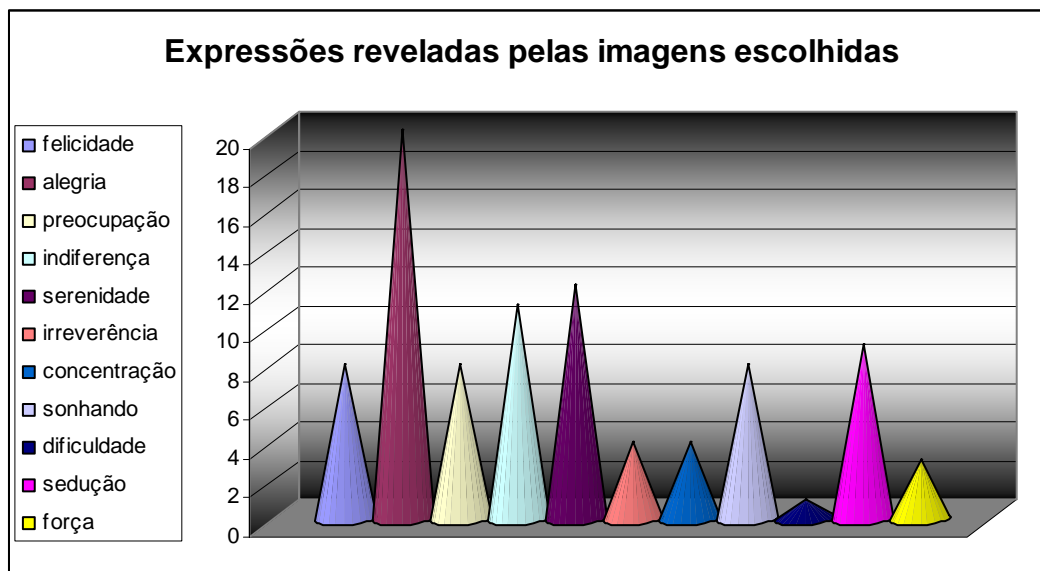
Ao utilizar essas estratégias como forma de atingir consumidoras/es, a publicidade está trabalhando a partir de um currículo cultural que é constituído nas relações sociais que opera como constituidor dessas mesmas relações. Tal currículo cultural faz parte de uma pedagogia específica, composta por um repertório de significados que, por sua vez, constroem e constituem identidades culturais hegemônicas. Pelas imagens publicitárias, podemos observar como as relações de gênero estão sendo vistas por determinada sociedade, ou seja, quais os significantes mais diretamente relacionados aos comportamentos masculinos e femininos desejados socialmente.

Essa seria talvez a forma mais objetiva de evidenciar o papel midiático na sociedade e na determinação do gênero feminino, mas a autora ainda menciona algo de extrema importância, o fato de que algumas imagens não normativas aparecerem, mesmo que com pouca frequência, relatando hábitos e comportamentos nem sempre muito aceitos ou de alguma forma excluídos. SABAT (2001, P. 17), ressalta que “é a partir de tais representações e das relações de poder nelas envolvidas que devemos buscar compreender de que maneira identidades de gênero podem ser constituídas e representadas pela publicidade”.

O gráfico abaixo remete às expressões demonstradas nas imagens, selecionadas pelas garotas. Essas formas de apresentar-se “mulher” podem compreender as multiplicidades de ideais e realidades que são, de certa forma, evidenciadas nas imagens publicitárias. Deve-se compreender que as diferenças não são pontuais e se apresentam ao olhar do espectador, mas não remetem a lugares específicos, mas sim a uma construção social firmada na sociedade contemporânea e suas exigências.

Ainda pode se perceber que as menções de feminino das imagens remetem muito a questão da felicidade, do sonhar, da serenidade e da força, lembrando dos contos de fadas, nos quais as princesas tem um toque de beleza, elegância, coragem e bom senso. Assim, muitas das imagens levam a representações de mulheres belas e símbolos de um imaginário jovem construído culturalmente desde a infância.

## GRÁFICO 7: Modulando as expressões



## IMAGEM 15: Símbolos construídos



No gráfico anterior existe a presença de outras expressões como é o caso da alegria, da preocupação, da irreverência, da concentração e da dificuldade, qualidades e palavras que atualmente fazem parte do cotidiano das mulheres, pois

a transformação do papel da mulher na sociedade evidencia outras formas de feminino além da forma hegemônica. Não que esta forma de representação seja parte de uma resistência, afinal estas representações já foram inseridas e reconhecidas no meio social, já se tornaram discursos e técnicas de comportamentos. Mas, antes de tornarem-se objetivações já foram produtos de novos modos de existência.

**IMAGEM 16:** Linguagem escrita e imagética



Uma garota, que escolheu a imagem acima, chamou atenção para a sua forma de compreender o feminino, talvez de forma singela ela possibilitou a

visualização da multiplicidade de sujeitos femininos existentes na sociedade contemporânea. A diversidade é muito maior e muito menos evidenciada, mas o entendimento desta jovem parece enfocar pensamentos mais relevantes sobre o corpo feminino. Afinal se é no corpo que traçam-se as marcas da educação e da normatividade, também é no corpo que essas marcas sofrem as rupturas, as rugosidades e as resistências. Segundo OLIVEIRA JR. (2005, p.56), a “construção imagética acerca do que seja feminino e o masculino que, (...), têm (na imagem do) corpo físico o seu lugar privilegiado de concretização”, ou seja, é no corpo que a linguagem se inscreve e se revela a todo instante.

Ainda nesta imagem que representa muitos femininos, há a presença de uma chamada publicitária, ou seja, uma frase: “a dama que veio do lixo”, que evidencia e reforça uma idéia, chamando a atenção para o significado da imagem ou do texto. Percebe-se que esta imagem foi retirada de uma reportagem e ganhou uma posição de destaque na montagem feita pela garota. Talvez, seja uma forma de dizer que mulheres que não possuem uma posição social elevada podem constituir-se como femininas tanto quanto grandes mulheres midiáticas. Segundo SABAT (2001, p.12):

em um anúncio publicitário, imagem e texto constituem uma unidade narrativa que tem como objetivo proporcionar ao/à consumidor/a uma leitura correta a respeito daquele produto que está sendo anunciado. Na publicidade, normalmente, essa é a função do texto: informar sobre as qualidades e as vantagens de um produto ou serviço.

Assim muitas vezes a mensagem escrita, a linguagem, exerce uma forte influência sobre a imagem, e mais, instiga e influencia quem olha, pois as palavras são às vezes mais objetivas em seus significados do que as imagens.

Em muito as imagens podem construir subjetividades, afinal por meio delas é que são despertadas relações culturais, simbólicas e de consumo. Pois ao se olhar e interpretar uma imagem passa-se a relacioná-la com o processo educativo pelo qual o sujeito foi formado, mas o que é importante ressaltar é que nenhum sujeito, apesar do controle e da disciplinarização, entende e vislumbra o mundo de



uma mesma forma. O olhar do sujeito se apropria da imagem de acordo com sua experiência<sup>23</sup>.

É preciso ressaltar ainda que a frase *“a dama que veio do lixo”* transmite muitos valores e agrega uma possibilidade de formação subjetiva voltada à idéia de uma ‘autonomia’, de um sobrevôo das condições históricas e culturais, pois relata a intenção de “quem quer pode, basta correr atrás”. Ou seja, a percepção de que a própria mulher transpõe todas as coisas da realidade e assume ser quem é por efeito de suas obras, ou graças ao poder de transformação que imprimiu sobre si mesma. O entendimento desta linguagem pode mostrar-se da seguinte forma: o sujeito aliado às tecnologias adequadas pode transformar-se em seu próprio mito.

Esse mito de “querer é poder” também pode relacionar-se intimamente com as outras imagens já que o corpo demonstrado constitui-se, muitas vezes, por ilustrações midiáticas criadas a partir de desejos de homens e mulheres que parecem dizer:

“meu corpo corresponde àquilo de que gosto, àquilo que sou, independentemente das minhas heranças genéticas, das minhas filiações culturais e de classe, do meu estado civil e das maneiras pelas quais eu ganho dinheiro; minha casa tem a minha cara, [assim como] minha banheira e minhas roupas não cessam de expressar aquilo que sou”.(SANT’ANNA, 2001, p.69)

Como se o trabalho sobre si mesmo concedesse ao indivíduo uma liberdade infinita de se auto administrar, de transformar-se em único responsável por seus sucessos e fracassos, segundo SANT’ANNA (2001), ser empresário de si mesmo, usar as tecnologias a favor de tornar-se campeão, um herói fictício e patrocinado pela mídia.

---

<sup>23</sup> Entende-se experiência enquanto “a correlação, numa cultura entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” segundo FOUCAULT (1985, p.10)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas formas de se fazer 'eu', muitas formas de se fabricar corpos, e, mais ainda, voluntariedade em fazer-se ser um sujeito diferenciado, individualizado e com um certo toque de consciência. O corpo feminino é uma forma desses corpos que são itinerantes, voluntariosos e cheios de vontades de serem diversos e autênticos. O corpo que foi cartografado por este estudo caminha com seus estigmas de beleza e feminilidade, fatores esses que são intrínsecos à constituição de um tipo de desejo, demonstrado em um corpo que almeja sempre ser imbuído de qualidades estéticas e forjado segundo uma norma de utilidade, que compõe uma normalização dos sujeitos por meio da institucionalização do seu corpo. Talvez, a escola se posicione como a grande instituição que favoreceu a separação por gêneros e a estimulação dos papéis sociais, sejam eles femininos ou masculinos. É também na escola que se aprende alguns dos saberes pretensamente científicos, que relacionam as potencialidades físicas e as potencialidades culturais relacionadas ao sexo feminino.

Ainda vigoram na sociedade enunciados e posturas construídos com o intuito de controlar e 'naturalizar' algumas imagens representativas do feminino, a exemplo daquelas ligadas à maternidade e ao casamento. Entende-se então que a necessidade de processos de resistência a estes enunciados e uma atitude de desnaturalização desse feminino, colaborando para a superação de conceitos dualistas e biológicos sustentados por um contexto machista e patriarcal. Masculino e feminino são papéis sociais assumidos por homens e mulheres, não impedindo que outros papéis possam se apresentar de formas múltiplas, pois a produção de outros sujeitos também se faz presente na sociedade. O feminino pode ser assim uma forma transgressora de um corpo que pretende resistir aprimorando-se, apropriando-se e destacando-se, segundo muitas utilizações das diversas tecnologias, que proporcionam melhorias corporais para compor um 'eu' pretensamente identitário, único e belo.

Quando o feminino se expõe neste trabalho, ele é travestido de muitos discursos, e busca-se ir além das explicações reducionistas da biologia, as jovens

garotas participantes apontam para um feminino cultural, composto por signos e necessidades sociais. Propõe-se discutir e cartografar a sobreposição de muitos discursos que demonstram a importância da criação de um papel para a mulher. Em outras palavras não significa ser apenas biologicamente mulher, tem que ser mãe, noiva, empresária, estudante, entre outros, ou seja, é preciso criar e assumir um personagem relevante ao contexto cultural de realidade existente. Em meio a todas essas posturas sociais algumas são mais focadas pelo meio publicitário, como as mulheres jovens e independentes, constituindo um meio de atingir mais rapidamente as jovens, pois promovem um consumo de estilo, beleza, saúde e felicidade.

Ao escolher esse corpo, que condiz com um consumo incessante, a magreza tornou-se um desejo, uma cobrança e fez-se quase sempre presente, a mídia mostrou-se como dissipadora de modelos a serem seguidos, não apenas nos contornos corporais, mas também nos estilos das roupas (moda) e nos lugares que se deve freqüentar, incitando um discurso que representa um determinado estilo de vida. Estilo de vida que SILVA (2001) discute e menciona como o novo arquétipo da felicidade, construído pelos moldes da medicina e de seus discursos higienistas (também dissipados pela escola nas aulas de Educação Física e nas aulas que tematizam o cuidado com a saúde). Este arquétipo está intimamente ligado às pulsões da ciência e do mercado, pois o corpo é o novo espaço de construção e gestação de uma sociedade diferenciada não apenas de novas formas de controle e novas formas de disciplinariedades, mas também uma sociedade moldada pelos novos meios de subjetividades forjados pelo processo social em que se encontra cada indivíduo.

A sociedade do controle parece ter se estabelecido e tem na mídia sua fortalecedora, pois essa supre as necessidades e desejos de novos corpos e novas imagens instigando o público jovem. Um exemplo disso é a necessidade que os jovens possuem de pertencer a um grupo social, isso faz com que a televisão influencie até mesmo na moda que é desfilada na escola. Assim o corpo moldado pelos discursos da saúde, da beleza e da moda circula nos corredores vastos sobre olhos gulosos dos jovens.

Talvez, isso aconteça, como menciona SANT'ANNA (2002, p.106), pelo fato de que “o desejo de investir nas imagens corporais torna-se proporcional à vontade de criar para si um corpo inteiramente pronto para ser filmado, fotografado, em suma, visto e admirado”. Um corpo que tenha destaque com suas curvas e linearidades, que seja condizente com as percepções culturais em que esses sujeitos criaram suas identidades. Um dos fatores que contribuem para o desejo desse corpo são as políticas investidas sobre o corpo que determinaram o que ele é hoje e que, de certa forma, continuarão a fazê-lo segundo as necessidades de novas configurações sociais.

**FIGURA 04:** Um exemplo das passarelas e dos desejos juvenis.



FOUCAULT(1979) mencionava que para governar e gerir uma população todos os detalhes devem ser vistos e revistos minuciosamente, nada escapa aos olhos do controle disciplinar e, durante anos, parece que a escola teve em seu propósito estruturar um sujeito enquadrado nos moldes sociais, mas as coisas parecem estar aos poucos se invertendo. A sociedade, por meio de muitos focos

(alguns de resistência), está destacando o sujeito e formando-o, segundo outros princípios éticos, estéticos e tecnológicos.

Atualmente a sociedade do controle tornou-se contundente, afirmando e colaborando para a manutenção de algumas perspectivas sobre o feminino. A sociedade cobra uma profissão mulher, na qual acentua direitos e deveres desse feminino e faz com que este se torne modelo de criações para utensílios, roupas, acessórios e sujeitos. Já o 'outro' que se faz estranho, excêntrico e marginalizado aos olhos da normatividade, demonstra formas de subjetivação diferenciadas mapeando também, em diversos momentos, uma resistência aos entendimentos e signos desta sociedade vigilante.

O conceito de feminino é levado ao extremo, no seu limite enfrenta os questionamentos sociais em relação às escolhas sexuais, mas pode mostrar-se flexível e múltiplo. Ser feminino poderia ser compartilhar dos discursos sociais e portar os signos de uma mulher "moderna, sensível, delicada e que usa batom"? Ou seria mostrar-se impetuosa e resistente aos controles sociais, remanejando sua existência de acordo com as potencialidades da vida e do meio? As respostas podem ser inúmeras, mas o que realmente se almeja questionando essas formas de existir é, desconstruir as naturalidades e os discursos que percorrem o sistema. É também entender que há potencialidades de resistência sempre que houver poder.

O corpo feminino foi o produto de uma identidade que a disciplina denominou mulher. Assim esse corpo traçou uma história no tempo e no espaço que o tornou foco de estudos, medos, coerções, resistências, poderes e ciência. Mas o corpo feminino também pode ser um mapa que cartografa novas fronteiras e transpõe limites sociais exatamente por proporcionar ao sujeito a possibilidade de ser muitos em apenas um.

Importante ressaltar que o corpo feminino, formado na multiplicidade de corpos, tem a chance de produzir-se segundo uma obra de arte, dispondo-se das possíveis regras de existência, de forma ética e estética, transformando-se em vontade de potência. Como menciona DELEUZE (1992, p.123), ao analisar as contribuições de Nietzsche e Foucault, "...trata-se de regras facultativas que

produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida (...) a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas ‘possibilidades de vida’”. Assim o feminino também pode inventar “possibilidades de vida” inteiramente variáveis, resultantes de um processo de subjetivação intensivo e temporal que permite ao sujeito formar-se diferentemente a cada instante. Isso acontece porque o sujeito se abre para experimentar diversas formas de ser ele mesmo. Assim se entende que cada obra de arte é uma experimentação, cada sujeito é uma fronteira a ser transposta para compor um quadro, uma sinfonia ou uma bela escultura chamada vida.

Parece haver, socialmente, um olhar um pouco menos repressor aos corpos que cruzam as fronteiras entre o dito ‘normal’ e o ‘anormal’. Corpos que tatuam-se, furam-se, penduram-se e dilaceram-se em busca de uma satisfação mais própria ao estilo de ser de cada sujeito. E ainda outros se utilizam da biotecnologia e da medicina estética para construir o desejado corpo e assim criar uma identidade autêntica a seu modo. São silicones, fios de ouro, lipoaspiração, retoques...pernas e bundas, braços e rostos totalmente modificados. Mulheres construídas à imagem e beleza de outras mulheres, exemplos e modelos que se destroem e se reconstroem a cada uso de bisturi. Corpos femininos potencializados segundo técnicas, às vezes, primitivas outras vezes de extremo progresso tecnológico, que permitem *upgrades*. Tudo é permitido em função de um sujeito mais satisfeito e feliz.

É possível entender essas evoluções como uma forma de manipulação social, de compra e venda mercadológica instigada pelo poder da mídia e seus atributos discursivos, mas é também possível entender esse descobrimento do corpo com um potencial criador insuperável.

Nos últimos anos, o corpo feminino, mais fartamente, tornou-se via de venda e de consumo de múltiplas coisas, além de produtos para as mulheres, também aparecem os produtos para homens e para crianças. O feminino tem sido falante, tem exibido um cardápio vasto, farto e variado em questões de estilo de vida, modos de existência e moda, e mesmo assim tem passado despercebido,



quase que ingenuamente pela maioria da população. Enquanto a mídia e grandes instituições já perceberam que a mulher conquistou seu espaço, tornou-se diversa e intensa, a sociedade ainda prende-se em discutir o papel que esta mulher pode assumir socialmente. Neste sentido, parece que o controle, que as instituições de captura tem sobre o sujeito, pode estar sempre um passo a frente do mesmo.

**FIGURA 05:** Um estranhamento nada estranho

**CERTIDÃO DE ÓBITO**

CERTIFICADO que, sob o número 102750, às fls. 068 do livro 0-272 do Registro de óbitos, encontra-se o assento de **ANA CAROLINA RESTON MACAN**, falecida no dia quatorze de novembro de dois mil e seis (13/11/2006), às 07 horas e 10 minutos, no Hospital do Servidor Público Municipal, neste Subdistrito, do sexo feminino, CPF nº 22420497805, modelo, natural de Jundiaí - SP, nascida no dia 29 de maio de 1985, residente e domiciliada à Rua Chácara Santana, 75, Chácara Santana, Jundiaí, SP, com 21 anos de idade, estado civil solteira, filha de NARCIZO MACAN e de MIRIAM RESTON MACAN.

Foi declarante MIRTHES PALAZIOLI RESTON, sendo o atestado de óbito firmado pela Dr<sup>a</sup>. Maria Cecília Speranzini Tosi, CRM 60.572, que deu como causa da morte: insuficiência de múltiplos órgãos, septicemia, infecção urinária. O sepultamento será realizado no Cemitério Municipal de Pirapora do Bom Jesus, SP.

Registro feito em quatorze de novembro de dois mil e seis.

## ANOREXIA

### A doença que engana

Veja a foto abaixo e diga qual das três mulheres retratadas seria internada 8 dias depois da foto e faleceria de anorexia 18 dias mais tarde.



Trata-se da linda Ana Carolina Reston, ao meio, sendo preparada para a sessão de fotos para o site *Chic*, seu último trabalho, dia 18 de outubro. A olhos leigos, Carol parecia distante do perfil da anorexia, um processo de inanição auto-provocado pelo medo mórbido de engordar, que afeta especialmente jovens entre 13 e 20 anos. Segundo o psicoterapeuta Marco Antonio De Tommaso, a doença pode ter início com uma dieta inocente, que vai sendo restrita até tornar-se um semijejum. “A anoréxica sempre se verá gorda”, alerta Tommaso. O caminho até um final trágico, como o de Carol e da ex-estudante de moda Carla Sobrado Cassalle, morta na quinta, 16, dois dias depois de Carol, em Araraquara

(SP) — aos 21 anos, com 45 quilos para 1,70m — pode ser sutil. Tommaso alerta os pais para alguns indícios da doença: constantes idas ao banheiro logo após as refeições são comuns entre as anoréxicas — que geralmente também são bulímicas, ou seja, provocam o vômito para manter o estômago vazio. Elas — que são maioria, para cada 20 mulheres, há um homem anoréxico — também evitam convívio social que envolva comida. Às vezes são exímias cozinheiras, mas jamais provam os seus pratos, e falam de dieta, peso e remédios emagrecedores o tempo todo. Algumas exercitam-se em excesso, embora a endorfina — substância liberada pela atividade física que traz a animação e o bem-estar — não

“apareça”: as anoréxicas geralmente são taciturnas e retraídas. “É uma doença e tem que ser vista como tal. O tratamento é lento e a assistência deve ser constante, para sempre”, ensina a nutricionista Alexandra Magna Rodrigues, do projeto Saúde Modelo, que recebe todas as quintas-feiras modelos de várias agências paulistanas na Unifesp, em São Paulo, para dar orientações sobre dietas saudáveis e fazer exames médicos gratuitos. “Oferecemos até serviços de fonoaudiologia, para modelos que precisam da voz. Mas todas às quintas-feiras sobram muitas vagas. Talvez as meninas não achem glamoroso ir ao médico. Ou talvez falte mais comprometimento das agências com seu casting”, lamenta Alexandra.

Durante meses foram reunidos e lidos um conjunto de reportagens de jornais e revistas que mencionam um feminino atingido pelos 'novos' discursos sociais de controle, ou seja, um feminino representativo de mulheres com distúrbios alimentares como a anorexia e a bulimia, mulheres com ares e vontades juvenis, mulheres modificadas consideravelmente por cirurgias plásticas e mulheres que buscam um corpo diferente e mais bonito por meio de outras intervenções como piercings e tatuagens. Assim como há, também, mulheres que percebem o feminino como sendo fruto de habitualidades e cotidianidades. Enfoques diferentes para públicos diversos, mas dois discursos em destaque e em convergência – a felicidade e o sucesso. Pode parecer estranho a primeira vista, mas essas mulheres, todas elas, buscam um meio de autenticidade único que as mostrem e as identifiquem socialmente. Os discursos de beleza, saúde, felicidade e bem-estar alimentam constantemente a insatisfação com o 'eu' biológico.

Existem programas específicos para a formação de cada tipo diferenciado de mulher. Existem aqueles que se propõem ensinar culinária, outros que investem na moda e comportamento feminino, outros que demonstram os avanços tecnológicos da medicina estética e alguns que discutem a sexualidade voltada para o prazer da mulher. Todos esses investimentos midiáticos visam, principalmente, a mulher que está formando sua subjetividade contemporânea instigando-a a estar sempre atenta aos cuidados para consigo mesma, sejam eles alimentares, de saúde, de estética, entre outros. Uma tentativa normalizadora, que enche o contexto social explorado e conhecido pelas garotas desta pesquisa quando falam de sua percepção de um feminino na atualidade.

Muitas vezes, o feminino se fez reduzido a meras coisas de mulher, mas como já discutido esse feminino está nos papéis assumidos por mulheres e homens, pois atualmente o homem e a dita masculinidade também têm sofrido grandes transformações sócio-culturais, transformando de forma significativa os nossos entendimentos de masculino e feminino.

Ao longo desta pesquisa ao ouvir os relatos e discussões das garotas comecei a questionar meu conceito de feminino, quais os desejos que me consumiam e quais os desejos que eu tinha em consumir um feminino mais



estereotipado. A partir dos textos das jovens pude perceber que para desconstruir um discurso social é preciso primeiro despojar-se de seus próprios discursos. Para entender o feminino com suas múltiplas possibilidades foi necessário perceber o que ele representa na minha formação e na condição sócio-cultural em que me encontro. Foi necessário me descobrir enquanto sujeito feminino, falante e consumidor de um padrão que antes criticava, ou seja, desconstrui muitos de meus conceitos, discursos e , principalmente, moralidades.

Talvez, as grandes limitações desta pesquisa encontrem-se na pesquisadora, pois esta, no início, buscava uma pesquisa neutra e científica e ao caminhar ao lado das jovens garotas disciplinadas pela escola, pela mídia e pelo controle das amarras social, viu-se semelhante nos desejos, angústias e (in)felicidades. Foi a partir deste momento que questionando e degladiando-me com conceitos de gênero, discursos e corpos afáveis passei a perceber que encontrei nas garotas, nas imagens e nos textos delas um significado interessante de ser mulher – o fato de poder apresentar um feminino que é repleto de possibilidades, paixões e sensações a serem construídas.

Apesar de ter me limitado durante muito tempo, acabei percebendo que a problemática do corpo feminino me intrigava porque não me reconhecia como um sujeito feminino, pois entendia que o feminino das mulheres apresentava-se, unicamente, nos seus acessórios, cabelos e salto-altos. Na leitura dos textos das jovens comecei a surpreender-me ao perceber que sensualidade, romantismo e delicadeza eram apenas algumas das possibilidades vislumbradas para o feminino. No princípio, choquei-me com a possibilidade de finalmente reconhecer-me como uma mulher que não era feminina, todas as palavras dos textos daquelas jovens pareciam apontar uma mulher idealizada, quase inatingível. Conforme os textos confluíram com as imagens apresentadas e começaram a serem discutidos à luz da literatura escolhida, as palavras passaram a ter significados diferentes, os acessórios, que antes eram quase uma afronta, passaram a fazer parte do meu cotidiano.

Desconstruir cada 'naturalização' possibilitou o entendimento que ser mulher e assumir um papel de feminino socialmente é estar sempre em

suspensão, é integrar-se e relacionar-se em prol de uma experiência que modifica o corpo, o feminino e a ética a qual se está acostumado.

As garotas, muitas vezes durante as aulas, discutiam sobre a obviedade da pesquisa e mencionavam que era muito fácil responder à ‘carta de pesquisa’, talvez em uma tentativa de saber se a pergunta era tão simples e fácil, comecei também a submeter-me a mesma pergunta: O que é feminino? Encontrei, então, um estranhamento, pois não consegui responder a essa questão sem pensar em constituições históricas e sociais como: uma mulher que esteja repleta de acessórios, roupas e trabalhos incessantes no meio público e no meio privado. Uma mulher que trabalha e tem suas ‘obrigações diárias com sua família e sua casa, sem nunca esquecer de estar bela. Ou seja, uma definição que remete aos textos e imagens das jovens, expostas e discutidas por este trabalho. Assim ao desconstruir os discursos desses textos e imagens acabei por desconstruir a mim mesma, tornei-me um quebra cabeças com peças que antes não tinha a mínima idéia que existiam. Como se no meio de um quadro ou de um jogo, peças faltassem e buracos aparecessem.

Contudo quando comecei a pensar sobre o corpo feminino insistia em pensar em um corpo investido de futilidades e, de certa forma, submisso ao controle midiático. Com o percurso da pesquisa entendi que as objetivações estão sim presentes no cotidiano, mas são apenas uma parte da formação do sujeito. Pois pude perceber que o processo de subjetivação faz com que esse sujeito se aproprie e crie outras formas de entendimentos de si mesmo e do mundo que o cerca. Percebi, também, que essa formação é continua e incessante, cada instante é diferente do outro e todo sujeito é modificado a cada encontro e desencontro na vida.

Talvez, a segunda limitação desta pesquisa seja a insistente resistência da pesquisadora em não se expor enquanto sujeito feminino. Ao passar por um processo de avaliação dos conceitos que tinha para meu próprio corpo e minha formação como mulher pude transformar-me enquanto pesquisadora e também como pessoa. Como pesquisadora, porque entendi a percepção de uma pesquisa ética e constituída segundo os pormenores do cotidiano, assim podendo rever a

todos os instantes as preocupações sócio-culturais. Aprendi, enfim, a ter uma diferenciação em como olhar para o cotidiano e para meu próprio objeto de pesquisa. Como pessoa, percebi que sou sujeito de um universo proposto para o consumo e controle, tornei-me mais propensa a novas possibilidades e passei a entender o que considerava, antes, como futilidades como sendo apenas formas diversas de interpretar e apropriar-se de um mesmo pressuposto cultural.

Meu corpo passou a buscar outras respostas e a procurar por outras experiências, como se a desconstrução de mim mesma fosse apenas o começo pra a construção de um outro sujeito a ser desconstruído. O reconhecimento do feminino em mim instigou-me a experimentar as coisas que antes criticava, permitindo-me seguir modelos, corrompê-los e transformá-los segundo os meus desejos. Em muito fui constituída a semelhança de minhas críticas e depois restou apenas à vontade de não ser sujeito finito. Resta a vontade de ser mutante! Assim como Pagu:

*Minha força não é bruta  
Não sou freira nem sou puta  
Sou rainha do meu tanque  
Sou Pagu indignada no palanque  
Fama de pora-louca, tudo bem  
Minha mãe é Maria-ninguém  
Não sou atriz-modelo-dançarina  
Meu buraco é mais em cima  
Porque nem toda feiticeira e corcunda  
Nem toda brasileira é bunda  
Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem.*

Não sei como mencionar os frutos desta pesquisa em minha vida, mas devo reconhecer que as coisas que aprendi e os erros que cometi me fizeram melhor. Do que sou feita eu não sei, mas tenho a certeza que esse material se

renova todos os dias quando me proponho a conhecer, a desejar e a experimentar os outros, a mim mesma e as coisas novas que o mundo oferece. Afinal transfigurar-se como mulher é uma brincadeira que faz de mim uma e muitas em um curto espaço de tempo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. S. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e educação: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 108-123.

ARAÚJO, I.L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: UFPR. 2001.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro. 1980.

BRANCO, G. C. As lutas pela autonomia em Michel Foucault. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 175-184.

CÉSAR, M. R. A. A educação e a autoridade feminina: notas para a (des)construção da igualdade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT: PERSPECTIVAS, 2004, Florianópolis. **Anais Foucault Perspectivas**. Florianópolis: UDESC, 2004.

DELEUZE, G. **Conversações**. 1 ed. São Paulo: Ed.34, 1992.

DINIS, N. F. Educação, cinema e alteridade. In: **Educar em Revista**. Curitiba, v.1, n 26, p.67-79, 2005.

\_\_\_\_\_. Mídia e educação: a produção de novos sujeitos e novas pedagogias. In: **Educar em Revista**. Curitiba, v.1. n 26, p.13-15, 2005.

\_\_\_\_\_. Perto do coração selvagem: resistência à disciplinarização do feminino e da infância. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v 2, n 28, p.29-38, jul/dez, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação, cidadania e as minorias sexuais e de gênero. In: SCHIMIDT, M.A.; STOLTZ, T. **Educação, cidadania e inclusão social**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006. 130-135.

EIZIRIK, M.F. **Michel Foucault: um pensador do presente**. 2 ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2005.

FABRIS, A. Cindy Sherman ou de alguns estereótipos cinematográficos e televisivos. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, v 1, n 11, p. 61-70, 2003.

FIGUEIRA, M.L.M. A revista capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e educação: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.124-135.

FISHER, R. B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. porto alegre, 1996. 297 p. Tese (Doutorado em Educação)-

Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FONSECA, M.A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro:Universitária Forense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 15 ed. São Paulo: Graal, 1988.

GALLO, S. Repensar a Educação: Foucault. In: **Filosofia, Sociedade e Educação**. Marília, v.1; n.1, p.93-118, 1997.

GARBOGGINI, F.B. O homem na publicidade da última década: uma cultura em mutação? In: **Educar em Revista**. Curitiba, v.1, n 26, p.99-114, 2005.

GASTALDO, D. É a educação em saúde “saudável”? Repensando a educação em saúde através do conceito de bio-poder. In: **Educação e Realidade**. UFRGS, n 22 (1), p. 147-168, 1997.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e educação: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.28-40.

GREGOLIN, M.R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Clara Luz, 2004.

HERCULES, E. D. e SILVA, M.M. Percepções sobre o corpo feminino: um estudo com as subjetividades das acadêmicas de um curso de Educação Física. In: **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 8; n. 2, 2005.

LAROSSA, J. Tecnologias do eu e da educação. In: SILVA, T.T. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LOURO, G.L. Currículo, gênero e sexualidade: o ‘normal’, o ‘diferente’ e o ‘excêntrico’. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e educação: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.41-52.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3 ed. Petrópolis: Vozes. 1999.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCELLO, F.A. Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. In: **Educar em Revista**. Curitiba, v.1, n 26, p.81-98, 2005.

MATTOS, M.I.S. e SOIHET, R. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

OLIVEIRA JR. W.M. O exemplo de Agrado: imagem, técnica e autenticidade. In: **Educar em Revista**. Curitiba, v.1, n 26, p.53-65, 2005.

ORLANDI, L. B. L. O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 217-238.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, I.S.; SOIHET, R. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 13-27.

PIOVEZANI FILHO, C. Entre vozes, carnes e pedras: a língua, o corpo e a cidade na construção da subjetividade contemporânea. In: SARGENTINI, V. M.; BARBOSA, P. N. **Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividades**. Campinas: Clara luz, 2004. p.133-158.

ROLNIK, S. Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.309-324.

ROSA, G.de F. O corpo feito cenário. In: MEYER, D.; SOARES, R. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p.17-30

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, v 1, n 9, p.9-21, 2001.

SANT'ANNA, D.B. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 99-110.

\_\_\_\_\_. É possível realizar uma história do corpo? In: **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.3-23.

\_\_\_\_\_. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTAELLA, L. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SARGENTINI, V. M. O. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V. M.; BARBOSA, P. N. **Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividades**. Campinas: Clara luz, 2004. p.76-96.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, R.A. e SOARES, R. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e educação**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p.82-94.

SILVA, T. T. **Liberdades Reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOARES, C. L. e FRAGA, A. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. In: **Pró- posições**. Campinas: Unicamp, v. 14, p. 77 -88, 2003.

TRAVERSO-YÉPEZ, M.A. e PINHEIRO, V. de S. Socialização de gênero e adolescência. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, v13; n1, p. 147-162, 2005.

SWAIN, T. N. Identidade nômade: heterotopias de mim. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.325-341.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.



**ANEXOS**

ANEXO 01: "Documento de Contato com a Escola"

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE CULTURA, ESCOLA E ENSINO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Pesquisadora: Emilia Devantel Hercules  
Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

À Senhora Diretora,

Venho por meio desta apresentar minhas intenções de pesquisa. Ao pertencer ao programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná e tendo por base as discussões sobre a escola, a pesquisa que venho tentando realizar está vinculada às alunas do Ensino Médio. O objeto de pesquisa tem sua relação estreitada na visão das adolescentes sobre seu corpo e como esse corpo se relaciona com a mídia e a educação. Para a realização dessa pesquisa selecionamos as alunas de 15 a 17 anos como delimitação da faixa etária, pois nesta fase parece ficar mais explícita as relações do jovem com o mundo. A possibilidade do mundo escolar ser um espelho social faz com que se possa refletir e procurar o ambiente escolar.

Talvez pareça um pouco estranho pesquisar apenas as garotas, mas por questões de delimitação do problema e do objeto de pesquisa as questões relacionadas ao gênero são um dos motivos. O principal objetivo é de entender como as garotas, as quais sofrem bombardeiros diários de cobranças e padrões corporais, relacionam-se com o meio social, relacionando educação e mídia.

Para a realização da pesquisa é necessário um número relevante de sujeitos participantes, entendemos que para cumprimos com as exigências do programa de pós-graduação e para realizarmos um trabalho sério e comprometido precisaríamos de 100 alunas para compor o quadro dos sujeitos.

A intenção é de desenvolver um trabalho que não atrapalhe a dinâmica da instituição e que duraria um prazo máximo de 6 encontros, sendo destes 3 para coleta de informações, 1 para aplicação de um questionário, 1 para resolver os

últimos detalhes (caso haja necessidade) e o último deles seria para que a escola obtivesse um retorno do pesquisador. Para esse encontro propomos uma palestra ou algo semelhante sobre o tema pesquisado, neste momento, “gênero, mídia e corpo”.

Ao esclarecer os fatores principais é de fundamental importância a transparência da metodologia aplicada a esse trabalho e quais os instrumentos de pesquisa que serão trabalhados com as jovens.

#### INSTRUMENTOS:

- Aplicação de 1 redação: na qual as garotas deverão expressar suas opiniões em relação a seguinte questão:
  - O que é o feminino?
- Escolha de uma imagem: as alunas deverão representar através da escolha de uma foto que represente o que é o feminino. As fotos serão entregues junto às redações.
- Observação: durante o período de estada na instituição a pesquisadora fará simples observações dos grupos e dos alunos para compreender melhor o universo estudado. Esta observação compor-se-á como um complemento, preenchendo lacunas que podem ser sociais e de relacionamento entre as alunas.

Desde já agradeço pela oportunidade concedida,

Grata,  
Emilia Devantel Hercules

Curitiba, 13 de agosto de 2005

## ANEXO 02: "Carta de Pesquisa"

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Curso de Pós Graduação em Educação – Linha de Cultura, Escola e Ensino.

Departamento de Educação

Orientador: Nilson Fernandes Dinis

Pesquisadora: Emilia Devantel Hercules

Carta de Pesquisa

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Dê sua opinião escrevendo sobre o tema: o que é o feminino? Para exemplificar, procure uma imagem que represente o “feminino”.